

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

FREDERICO TRISTÃO CRUVINEL SILVA

O PAPEL EDUCATIVO DOS MUSEUS DE UBERABA/MG: UM OLHAR A PARTIR DA
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

UBERABA

2018

FREDERICO TRISTÃO CRUVINEL SILVA

O PAPEL EDUCATIVO DOS MUSEUS DE UBERABA/MG: UM OLHAR A PARTIR DA
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

UBERABA

2018

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

S58p Silva, Frederico Tristão Cruvinel
O papel educativo dos museus de Uberaba/MG: um olhar a partir da
educação patrimonial / Frederico Tristão Cruvinel Silva. -- 2018.
106 f. : il., fig.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal do
Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2018
Orientador: Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

1. Museus - Aspectos educacionais. 2. Museus - Uberaba (MG). 3.
Patrimônio cultural. 4. Educação não-formal. I. Ovigli, Daniel Fernando
Bovolenta. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 069.12

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia ter sido concluída sem o apoio de várias pessoas. Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador Professor Doutor Daniel Fernando Bovolenta Ovigli por toda dedicação, motivação empenho e paciência ao longo destes dois anos de orientação. Agradeço também aos colegas do Mestrado e Educação e aos professores e secretário do programa

Aos meus pais agradeço de forma imensurável, apoio e motivação nunca faltaram por parte deles, sempre dando força para a conclusão deste projeto, enxergavam minha educação e do meu irmão como prioridade dentro de casa. Encerro agradecendo ao meu irmão, namorado, cunhada e amigos próximos que estiveram comigo nesta etapa, não me deixando desistir e sempre motivando a seguir em frente e concluir este projeto.

“Faz o que tu queres
Há de ser tudo da Lei”
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
Todo homem, toda mulher
É uma estrela
Viva! Viva!”

(Raul Seixas)

RESUMO

A educação patrimonial busca a preservação, conservação e valorização cultural e pode ser aplicada em vários âmbitos, incluindo monumentos, manifestações culturais, comunidades rurais e museus, entre outros. Nota-se aderência entre a educação patrimonial e os museus, os quais foram alvo desta pesquisa e que se caracterizam por serem instituições a serviço da sociedade por meio de ações de preservação, estudo, coleções de aparatos e divulgação. Ações destas instituições não visam fins lucrativos e no interior delas ocorrem, muitas das vezes, processos de educação não formal, atividades que se realizam fora do sistema formal de educação, o escolar. Esta dissertação propõe investigar como se materializam os papéis educativos de 4 (quatro) museus situados no município de Uberaba, Minas Gerais, Brasil. Para alcançar tal objetivo, busca descrever de forma densa os 4 (quatro) museus a partir do olhar da educação patrimonial. Os procedimentos metodológicos fundamentaram-se em uma revisão bibliográfica pertinente à temática, análise documental, observação dos espaços e uma entrevista semiestruturada individual com cada gestor das instituições pesquisadas. A partir deste levantamento e posteriores análises foram construídos três eixos de análise: (i) concepções de educação patrimonial, (ii) ações educacionais nos museus e (iii) papéis educacionais dos agentes dos museus. Foi possível identificar a estrutura e organização geral destes museus, qual a percepção dos gestores sobre a educação patrimonial e sua ocorrência nos espaços que gerem, as funções dos agentes educacionais e as ações educativas destes espaços. Os entrevistados, gestores dos museus consideram que as instituições/museus são espaços para os leigos se educarem e que é importante a adaptação da linguagem para visitas com públicos diferentes. Compreende-se haver disparidades entre os museus, sendo um deles mais adiante no processo de educação patrimonial e preocupado em ir além do que se encontra exposto, de modo a evidenciar também o seu entorno, enquanto outro está desestruturado em relação às visitas monitoradas. Dois gestores relevam a ausência de monitores nestes espaços, ponto que pode ser fundamental para as ações educativas nos museus. Nos outros dois museus, segundo seus gestores, ainda não há preparo para o processo de mediação da educação patrimonial, devido à falta de investimentos, funcionários e capacitação das equipes.

Palavras-chave: Educação Patrimonial. Educação Não Formal. Papéis Educacionais. Museus

ABSTRACT

Heritage education seeks preservation, conservation and cultural valorization and can be applied in various fields, including monuments, cultural manifestations, rural communities, museums and others. There is an adherence between heritage education and museums, which were the object of this research, characterized by being institutions at the service of society, through preservation actions, study, collections of apparatuses and dissemination. Actions of these institutions are not for profit and within them often occur non-formal education processes, activities that take place outside the formal education system, the school. This dissertation proposes to investigate the educational roles of four (4) museums located in the city of Uberaba, Minas Gerais, Brazil. Thus, has as its theme the heritage education and the museums. To achieve this goal, it seeks to densely describe the 4 (four) museums from the perspective of heritage education. The methodological procedures were based on a literature review pertinent to the theme, documentary analysis, observations and an individual semi-structured interview with each manager of each institution. From this survey and subsequent analyzes through three axes: (i) conception of heritage education, (ii) educational actions in the museums and (iii) educational roles of the museums agents. It was possible to identify the structure and general organization of these museums, as the perception of the managers on the heritage education and its occurrence in the spaces they manage, the functions of educational agents and the educational actions of these spaces. Interviewees consider that institutions/museums are spaces for lay people to educate themselves and that it is important to adapt the language for visits with different audiences. It is understood from the analyzes carried out that there were disparities between museums. A museum is further in the heritage education process and concerned to go beyond the superficial, to identify its surroundings, the other unstructured in relation to the visits monitored, the absence of monitors in these spaces, a point that may be fundamental for educational actions in museums. Other two museums managers are not yet prepared for the mediation process of heritage education, due to lack of investment, staff and training of them.

Keywords: Heritage Education. Non-Formal Education. Educational Roles. Museums.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - No canto superior esquerdo está destacado em vermelho o estado de Minas Gerais no Brasil. Em seguida, na imagem mais ampla, destaca-se o município de Uberaba dentro do estado de Minas Gerais.....	16
Figura 2 - Fachada da casa onde se situa o Museu de Arte Decorativa, localizada no Residencial Dr. Abel Reis	18
Figura 3 - Paineis na entrada do Museu de Arte Decorativa informando o horário de funcionamento	18
Figura 4 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu de Arte Decorativa – MADA no Município de Uberaba	19
Figura 5 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu de Arte Decorativa – MADA. Também constam na imagem as ruas e locais próximos ao museu.....	19
Figura 6 - Fachada da Igreja de Santa Rita, onde está situado o Museu de Arte Sacra – MAS, localizado na Praça Manoel Terra, no centro da cidade de Uberaba.....	20
Figura 7 - Paineis na entrada do Museu de Arte Sacra informando o horário de funcionamento	21
Figura 8 - Em destaque, na cor vermelha, a localização do Museu de Arte Sacra – MAS no Município de Uberaba	21
Figura 9 - Em destaque, na cor vermelha, a localização do Museu de Arte Sacra – MAS. Também constam na imagem as ruas e os locais próximos ao museu	22
Figura 10 - Fachada do Museu do Zebu Edilson Lamartine Mendes, localizado no bairro São Benedito.....	23
Figura 11 - Fachada do Parque Fernando Costa, localizado no bairro São Benedito	23
Figura 12 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu do Zebu no Município de Uberaba.....	24
Figura 13 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu do Zebu. Também constam na imagem as ruas e locais próximos ao museu	24
Figura 14 - Fachada do Museu dos Dinossauros, localizado no bairro rural Peirópolis	25
Figura 15 - Fachada do Complexo Cultural e Científico de Peirópolis, localizado em bairro rural.....	26
Figura 16 - O ponto em vermelho destaca o bairro Peirópolis, na Rodovia BR-262.....	26
Figura 17 - Destacam-se o museu e as atividades turísticas em seu entorno	27
Figura 18 - Museus de Uberaba	28

Figura 19 - Mapa conceitual elaborado pelo autor com base no programa SchematicMind ..	58
Figura 20 - Placa exposta na entrada do museu com informações sobre o local	61
Figura 21 - Exposto no Museu de Arte Decorativa - MADA	62
Figura 22 - Aparato exposto no Museu de Arte Decorativa – MADA	62
Figura 23 - Árvore Ashoka, localizada no entorno do Museu do Zebu	64
Figura 24 - Identificação de uma espécie de árvore no entorno do Museu do Zebu Edilson Lamartine Mendes	64
Figura 25 - Bancos localizados no entorno do Museu do Zebu Edilson Lamartine Mendes dentro do Parque Fernando Costa.....	66
Figura 26 - Identificação dos bancos que ficam no entorno do museu	66
Figura 27 - Foto amplas do Museu de Peirópolis com vários aparatos em primeiro plano	67
Figura 28 - Aparato exposto com identificação no Museu de Peirópolis.....	68
Figura 29 - Réplicas de dinossauros exposta no entorno do Museu de Peirópolis	68
Figura 30 - Biblioteca com objetos originais da família que viveu onde hoje é o Museu de Arte Decorativa.....	69
Figura 31 - Biblioteca com objetos originais da família que viveu onde hoje é o Museu de Arte Decorativa.....	70
Figura 32 - Visão panorâmica vista do espaço a partir da porta principal do Museu de Arte Sacra	71
Figura 33 - Réplica mostrando as primeiras versões da Igreja, feita em adobe	71
Figura 34 - Teto danificado no Museu de Arte Saca – MAS	80

LISTA DE SIGLAS

ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu
CEDUC - Coordenação de Educação Patrimonial
CNRC - Centro Nacional de Referência Cultural
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus
ICOM - International Council of Museums
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MADA - Museu de Arte Decorativa
MAS - Museu de Arte Sacra
MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins
PNSM - Plano Nacional Setorial de Museus
PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação
PROEXT - Pró-reitora de Extensão
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEU - Teatro Experimental de Uberaba
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.2 QUADRO TEÓRICO.....	32
1.2.1 Educação Patrimonial	32
1.2.2 Museus como espaços educativos	40
2.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	49
2.1.1 Documentos oficiais	52
2.1.2 Entrevistas.....	52
2.2. AS PERCEPÇÕES DO PESQUISADOR SOBRE OS LOCAIS	55
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO.....	58
3.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	59
3.2 AÇÕES EDUCACIONAIS DOS MUSEUS.....	72
3.3 PAPÉIS DOS AGENTES EDUCACIONAIS DOS MUSEUS	77
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	92
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O GESTOR M1.....	92

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se debruça sobre as problemáticas que discutem os espaços não formais de educação, mais especificamente os museus, tendo em vista mapear suas localidades e seus objetivos, a partir da identificação e caracterização destes espaços dentro do município de Uberaba, Minas Gerais, Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), localidade se conceitua como qualquer lugar do território nacional onde exista algum aglomerado de habitantes.

Ratzel (1990) foi um dos pioneiros na construção e sistematização do conceito de território. Sua percepção está ligada ao poder e domínio exercidos pelo Estado nacional, de modo que o território conforma uma identidade tal que o povo que nele vive não se pensa sem sua expressão territorial e seu patrimônio. O patrimônio é parte integrante do território, expressando as mais diversas formas e lugares.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) trouxe, em 2014, com fundamento no Artigo 216 da Constituição, a definição de Patrimônio Cultural como sendo os “(...) bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Esta definição foi ampliada visto que, anteriormente, o conceito de patrimônio era definido pelo decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, como “(...) o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

Notaremos uma relação estreita entre patrimônio e os museus, podendo concluir que uma das funções dos museus é assegurar a preservação do patrimônio cultural (PNSM, 2012). Museu foi se tornando uma temática interessante e presente em minha trajetória acadêmica após monitoria na disciplina Orientação de Estágio Supervisionado IV, realizada junto à Licenciatura em Geografia, cursada na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), na qual pude ter o maior contato com a educação em espaços não formais, os quais serão detalhados na seção seguinte. Foi um aprendizado especial pela aproximação com o potencial e os papéis educativos destes espaços, pude acompanhar e auxiliar as atividades dos graduandos. Este estágio era preferencialmente voltado para a educação em espaços não formais: praças, museus, parques e as ruas foram exemplos de espaços trabalhados nesta disciplina. Já havia cursado a disciplina com êxito, porém apenas a cursei e coloquei em prática o projeto planejado como parte dos

objetivos deste componente curricular, mas não “mergulhei” nas problemáticas trazidas pelo assunto, bastante amplo.

Quando fui selecionado para ser monitor da disciplina, tive a oportunidade de estudar e refletir sobre os espaços e o que os envolve. Tive também o privilégio de pensar o projeto a ser desenvolvido nesta disciplina por cada aluno, e isto foi me despertando o interesse pela educação nestes espaços, com grandes potenciais e pouco utilizados. Fui notando o quanto a cidade de Uberaba, na qual se localiza a universidade, pode oferecer sobre estas questões e o quanto não são utilizados, sem ignorar o quanto é difícil realizar algum tipo de atividade em determinados espaços por questões relacionadas à verba, estrutura e deslocamento.

Ao longo da monitoria na disciplina surgiram bons projetos e muitos foram executados. Mergulhado nesta temática pensei nos museus como espaços educativos, que para minha surpresa não foram utilizados durante a realização da disciplina, ficando apenas no âmbito do planejamento. Repensei toda a minha trajetória de vida, nascido e criado há vinte e quatro anos em Uberaba, e me dei conta de que não tinha visitado os museus da cidade que habito, apenas tinha noções acerca do que tratava cada espaço, superficialmente.

Essas lacunas me motivaram a querer entender mais sobre estes espaços, no caso os museus, os processos educativos, do que tratam, como se organizam. Conversas com a professora que ministrava a disciplina de estágio me auxiliaram a sistematizar ideias e a pensar em projeto para submeter no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFTM.

Durante este processo pude participar como aluno especial da disciplina “Educação em espaços não formais e o Ensino de Ciências”. Na disciplina determinados pontos ficaram mais sólidos e determinados questionamentos foram respondidos. As discussões e as aulas foram muitas ricas, os debates iam além dos espaços em si, trabalhava-se o entorno dos espaços, as problemáticas que os envolviam e a educação.

Com a turma e um dos professores responsáveis pela disciplina, fomos a São Paulo conhecer o Jardim Botânico e o Zoológico, aliar questões levantadas durante a disciplina com as visitas aos espaços, enriquecer o conteúdo e esclarecer questões. Todo este processo me incentivou a buscar entender e pesquisar sobre os museus de Uberaba, e de muitas formas contribuiu para que eu pudesse escrever o projeto para ser submetido ao processo seletivo do PPGE/UFTM. Assim surgiram questionamentos que pretendo serem aprofundados ao desenvolver esta investigação.

Quando tratamos de museus de maior porte é possível pensar em uma construção com grandes estruturas, objetos diversos e vários funcionários, porém ao se pensar naqueles de menor porte, situação da maioria dos museus brasileiros, muitas das vezes não sabemos sequer

de sua existência (IBRAM, 2012). Contextualizando para nossos lócus de estudo, inferimos que boa parte da população não tem conhecimento sobre os museus que a cidade de Uberaba possui, e questionamos se estes espaços são efetivamente educativos e cumprem seu papel social em consonância com a definição de museu trazida pelo IBRAM, a ser apresentada no capítulo seguinte.

De acordo com a Pesquisa de Informações Básicas de Municípios Brasileiros (MUNIC-IBGE) de 2012, 34% dos municípios brasileiros possuíam no mínimo um centro cultural e os museus estavam presentes em 25% das cidades. Sobre os últimos, Fronza-Martins (2006) acredita que a educação nestes espaços apresenta importante foco de interesse na atualidade, tanto no que diz também ao seu papel social, quanto no que se refere às práticas neles realizadas, bem como as reflexões decorrentes de seu papel. Nota-se o interesse para além da preservação de acervos, enfatizando a compreensão, a promoção da divulgação e a formação dos públicos. Retomando minhas próprias experiências ao longo da graduação, mesmo em se tratado de curso de licenciatura no qual há uma carga pedagógica considerável e trabalhos de campo ligados às disciplinas, os museus eram, na maioria das vezes, esquecidos. Desta forma as interações com/sobre estes espaços foram reduzidas e, quando havia a oportunidade de execução de atividades ligadas a estes espaços, não havia relação com os conteúdos em desenvolvimento, o que nos remetia a visitas a estes espaços como “diversão”.

Sobre esta consideração, Cazelli e colaboradores (1997, 1998) destacam a falta de compreensão, pelos professores, das possibilidades de ampliação cultural que os museus oferecem aos estudantes: seguindo esta perspectiva os autores constataram a necessidade de inserir um trabalho mais extenso e completo de formação de professores para a participação destes como mediadores em visitas a estes espaços com seus alunos.

Rodrigo Melo, dirigente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), apontou a importância da educação na preservação do Patrimônio Cultural, sendo os museus espaços privilegiados para tal. Em seus últimos anos como dirigente, declarou: “Em verdade, só há um meio eficaz de assegurar a defesa permanente do patrimônio de arte e de história do país: é o da educação popular” (BRASIL, MINISTÉRIO DA CULTURA, 1987).

Pensar em como a educação não formal, educação popular, patrimônio, educação patrimonial e museus dialogam é tarefa complexa, porém existem pontos nos quais estas questões se encontram e se familiarizam.

Uma possibilidade para entender a educação não formal é a educação popular, uma vez que esta também se processa na esfera externa à escola. A educação popular, de acordo com Gadotti (2012), baseia-se no respeito pelo senso comum que carregam os setores populares em

sua prática do dia a dia. Pode-se dizer que, em linhas gerais, é a que acontece nas vidas dos sujeitos, em seu cotidiano. A educação não formal se aproxima da educação popular nesse sentido, já que consideram experiências não acadêmicas, aproximando-se também do patrimônio, o qual muitas das vezes não é acadêmico, assim como determinadas tipologias de museus. A educação não formal, comumente empregada para se referir àquela que ocorre nos museus, é aquela não sistematizada e que não tem currículos pré-estabelecidos ou tende a ser mais livre e possibilitar escolhas por parte de quem visita, mas tem uma intencionalidade e acontece fora do ambiente escolar e formal. A educação popular também ocorre fora da escola, por meio de diferentes pessoas e processos, a partir das interações cotidianas e o patrimônio, muitas das vezes, também não é academicizado: patrimônio faz parte da vida das pessoas, e pode ser divulgado por meio da educação popular, tal educação que entra na esfera da educação não formal por não ser sistematizada.

Na perspectiva de Brandão (1996), a educação está presente em todos os espaços, havendo vários intuitos a partir dela: aprender, ensinar, saber, fazer, conviver e ser. Compreende que nosso dia a dia está todo entrelaçado a educação e não podemos sermos neutros a isso, a educação nos atinge.

Tais processos devem ser problematizados para entendermos como são realizados e de quais formas. De acordo com Tamanini (2015), as reflexões que envolvem educação popular nos museus e a relação com o processo de educação patrimonial em grande parte se dão de forma pragmática e sem compromissos ideológicos e metodológicos. Tais instituições ainda carregam traços elitistas e preservam formas românticas de narrar a história e memória social, influenciando também nos aparatos, grande parte do que é narrado se refere ao olhar das elites. Para finalizar seu pensamento, Tamanini (2015) conclui que as classes dominantes decidem o que deve ser lembrado e esquecido.

Pensando que as classes dominantes ditam o que deve permanecer, trazendo em uma perspectiva do município de Uberaba, podemos citar como exemplo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. De acordo com Oliveira e Dantas (2012), foi demolida em 1924 a pedido do prefeito e em justificativa: possivelmente a igreja foi construída com contribuição de trabalho escravo, e este mesmo espaço era local de manifestações religiosas destes mesmos escravos que a construíram.

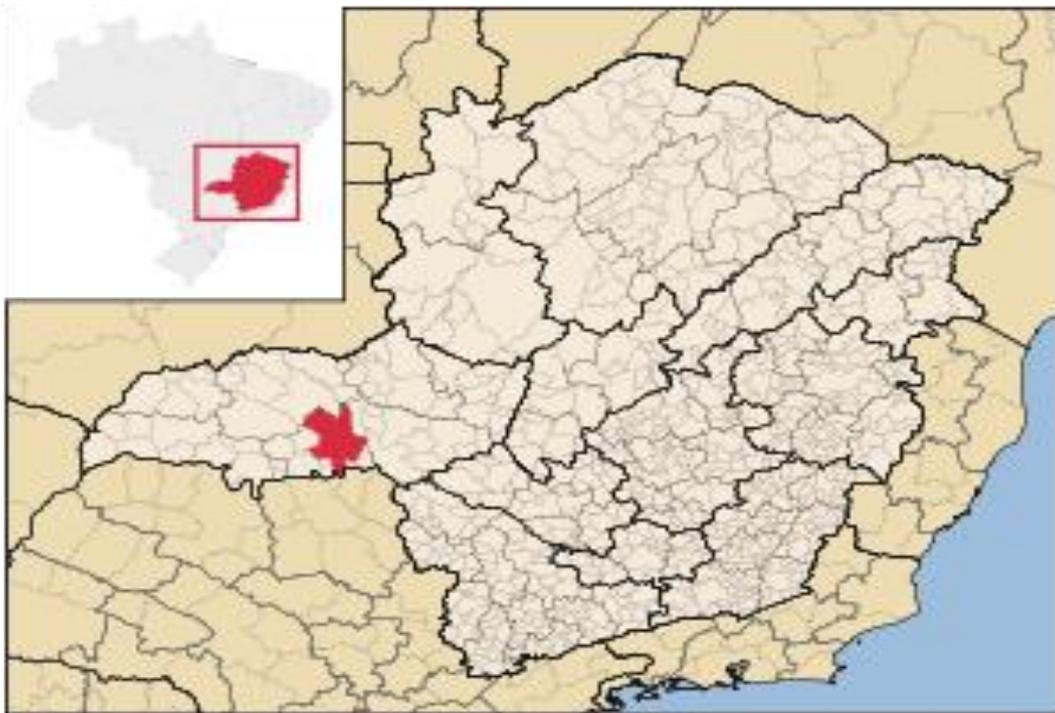
Vista como processo permanente e sistemático com foco no “Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”, a Educação Patrimonial se aplica a

[...] qualquer evidência material ou manifestação cultural, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente (HORTA; GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 6).

Desta maneira, a importância da presente pesquisa retratada nesta dissertação consiste em conhecer os museus, suas perspectivas, estruturas e funções: sugere ir além da pesquisa teórica, articular a teoria com levantamento de documentos e o (re)conhecimento dos espaços (ALLARD et al., 1995). Com isso o estudo projeta contribuir com reflexões sobre os museus como espaços educativos dentro do município de Uberaba.

Trazendo esta perspectiva de educação patrimonial o município, é de grande importância apresentar o que a cidade divulga como museu. Uberaba é um município do estado de Minas Gerais, localizado na região do Triângulo Mineiro e, segundo o IBGE, sua população estimada em 2015 era de 322.126 habitantes (Figura 1).

Figura 1 - No canto superior esquerdo está destacado em vermelho o estado de Minas Gerais no Brasil. Em seguida, na imagem mais ampla, destaca-se o município de Uberaba dentro do estado de Minas Gerais



Fonte: Wikipedia, 2018

A Prefeitura Municipal de Uberaba, segundo sua página de internet (2018), conta como patrimônio histórico o Mercado Municipal, o Prédio do Paço Municipal Major Eustáquio, a Igreja Santa Rita, a Catedral Metropolitana do Sagrado Coração de Jesus, a Igreja da Medalha Milagrosa, a Igreja São Domingos, a Igreja Nossa Senhora da Abadia e a Igreja Santa Terezinha do Menino de Jesus. Além dos museus a serem descritos posteriormente e que são objeto de estudo neste trabalho, Uberaba também conta com o Memorial Chico Xavier (UBERABA, s/d). Além dos espaços citados, a cidade abriga três teatros, (i) o Teatro Experimental de Uberaba (TEU), (ii) Teatro Municipal Vera Cruz e (iii) Centro de Cultura José Maria Barra; há, também, duas opções de cinema, um localizado no Shopping Center Uberaba e o outro no Praça Uberaba Shopping Center. A Fundação Cultural de Uberaba busca promover em suas ações a cultura no município, das várias ações em desenvolvimento pela Fundação, destacam-se (FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA, 2014):

Domingo na Concha
 Seresta na Concha
 Batalha no Calçadão
 Museu com Música
 Aos mestres com carinho
 Cinema na Praça
 TEU Show
 TEU Jazz

A seguir apresentaremos brevemente os quatro museus de Uberaba que são objeto de estudos deste trabalho.

Em sua página *online*, a Prefeitura lista e caracteriza os museus da seguinte forma: o Museu de Arte Decorativa (MADA) (Figuras 2 e 3) está situado em uma fazenda datada de 1916, na Rua Maria de Lourdes Melo Colli, no Residencial Dr. Abel Reis. Seu acervo conta com uma biblioteca, móveis e porcelana inglesa da década de 1920, além de expor obras de Reis Júnior, artista uberabense, e pinturas em tela (retratos da família). O museu também promove exposições temporárias de arte e de música mostrando diversos aspectos da cultura brasileira (UBERABA, s/d).

Figura 2 - Fachada da casa onde se situa o Museu de Arte Decorativa, localizada no Residencial Dr. Abel Reis



Fonte: Do autor, 2018

Figura 3 - Painel na entrada do Museu de Arte Decorativa informando o horário de funcionamento



Fonte: Do autor, 2018

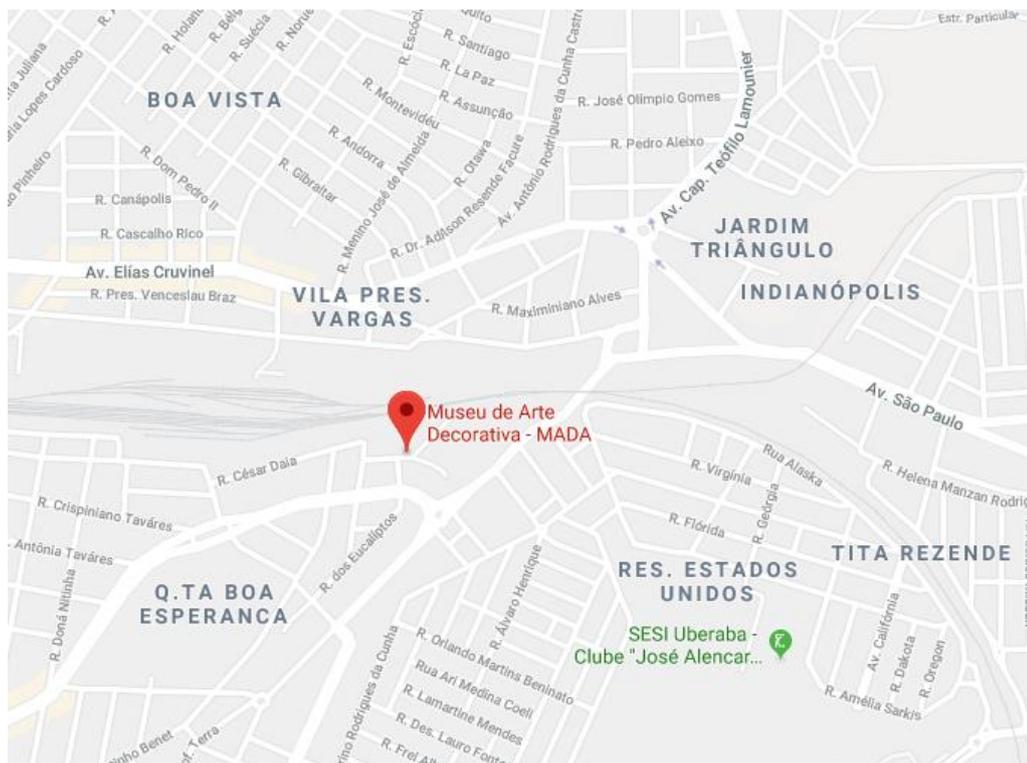
As Figura 4 e 5, captadas a partir do Google Maps, situam o Museu de Arte Decorativa – MADA dentro do Município de Uberaba.

Figura 4 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu de Arte Decorativa – MADA no Município de Uberaba



Fonte: Google Maps, 2018

Figura 5 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu de Arte Decorativa – MADA. Também constam na imagem as ruas e locais próximos ao museu



Fonte: Google Maps, 2018

O Museu de Arte Decorativa – MADA funciona de terça à sexta-feira, das 12h às 18h e aos sábados das 8h às 12h, ressaltando que as visitas guiadas devem ser agendadas com antecedência pelo telefone de contato do próprio museu; a entrada no local é gratuita.

O próximo museu existente no município e que será focalizado por esta investigação é o Museu de Arte Sacra (Figuras 6 e 7), localizado na Praça Manoel Terra, no centro da cidade. Está situado na Igreja de Santa Rita, fundada em 1854 e tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1939. Seu acervo conta com peças barrocas dos dois últimos séculos e possui diversificado número de peças doadas pela Cúria Metropolitana, com destaque para as seções de vestes sacras (UBERABA, s/d).

Figura 6 - Fachada da Igreja de Santa Rita, onde está situado o Museu de Arte Sacra – MAS, localizado na Praça Manoel Terra, no centro da cidade de Uberaba



Fonte: Do autor, 2018

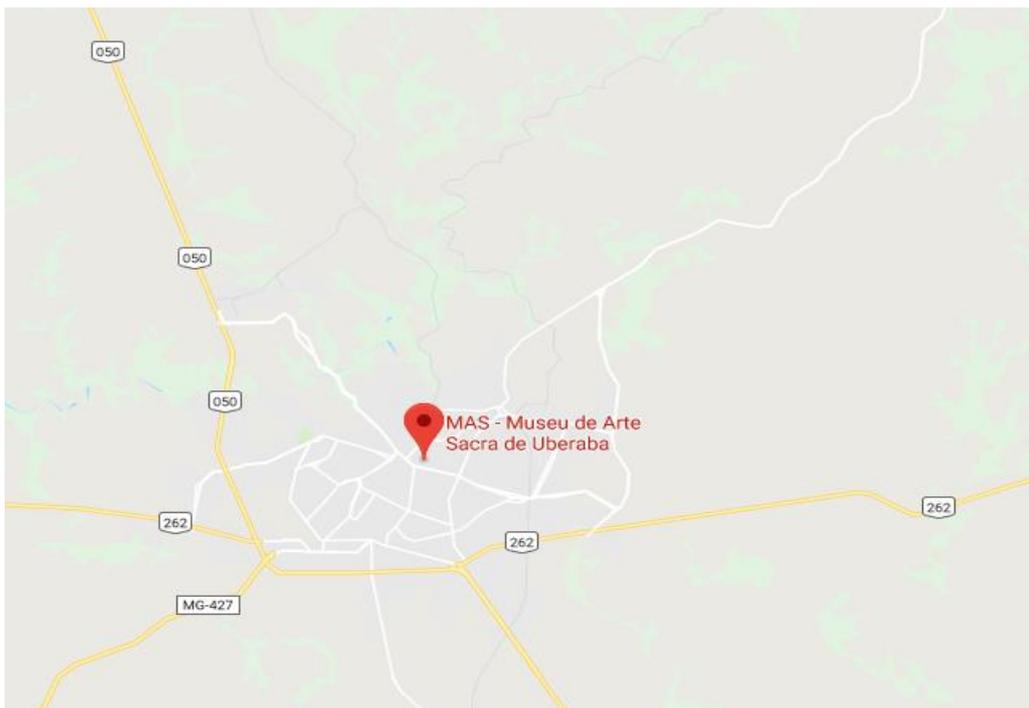
Figura 7 - Pannel na entrada do Museu de Arte Sacra informando o horário de funcionamento



Fonte: Do autor, 2018

As Figuras 8 e 9, captadas pelo Google Maps, situam o Museu de Arte Sacra - MAS na área central do Município de Uberaba.

Figura 8 - Em destaque, na cor vermelha, a localização do Museu de Arte Sacra – MAS no Município de Uberaba



Fonte: Do autor, 2018

Figura 10 - Fachada do Museu do Zebu Edilson Lamartine Mendes, localizado no bairro São Benedito



Fonte: Do autor, 2017

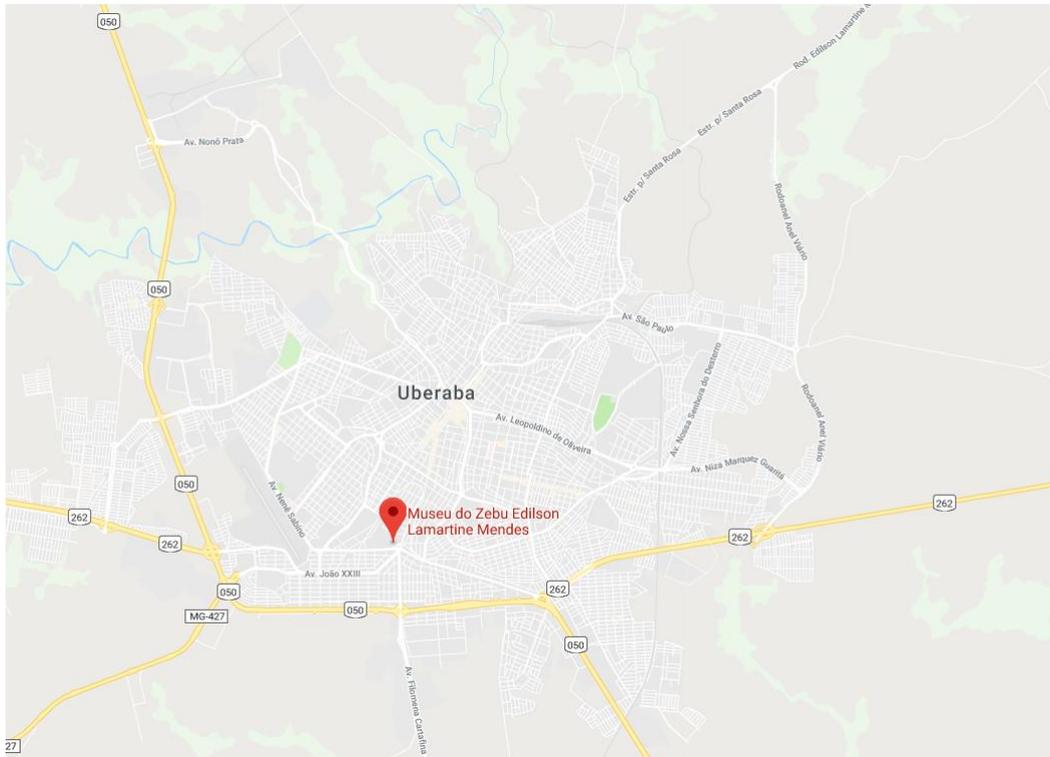
Figura 11 - Fachada do Parque Fernando Costa, localizado no bairro São Benedito



Fonte: Do autor, 2017

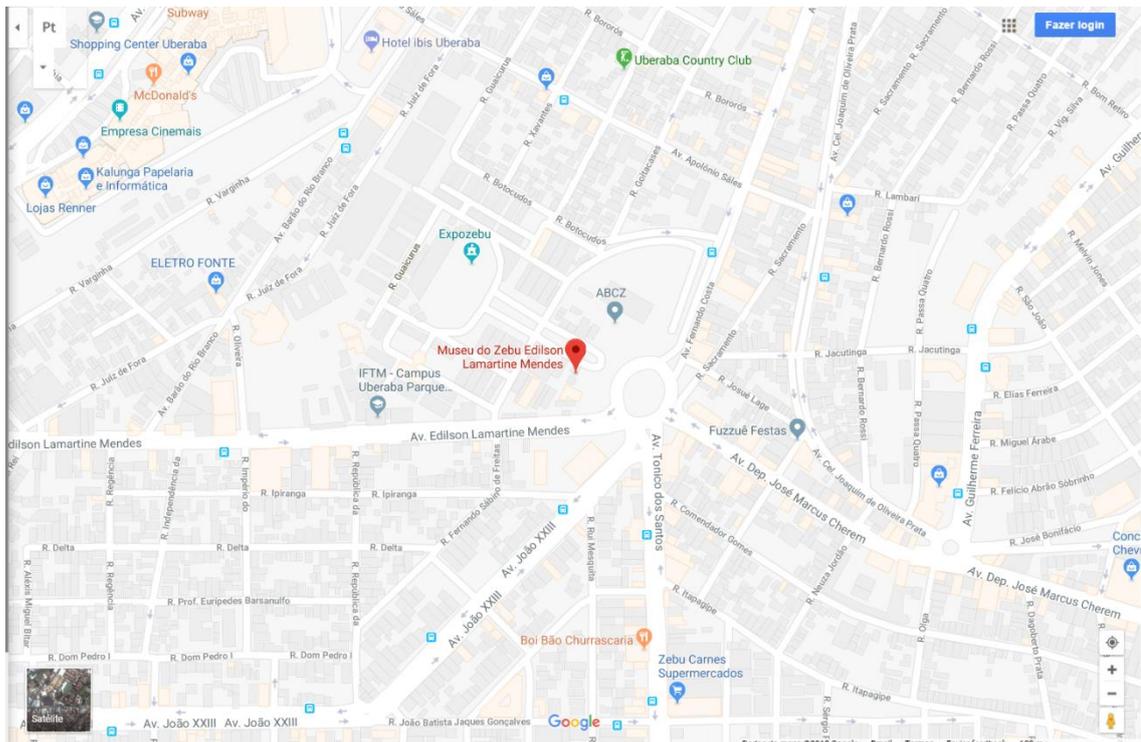
As Figuras 12 e 13, captadas pelo Google Maps, situam o Museu do Zebu dentro do Município de Uberaba.

Figura 12 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu do Zebu no Município de Uberaba



Fonte: Google Maps, 2018

Figura 13 - Em destaque na cor vermelha a localização do Museu do Zebu. Também constam na imagem as ruas e locais próximos ao museu



Fonte: Do autor, 2018

O Museu do Zebu funciona para visitação diariamente, inclusive aos finais de semana e feriados, das 13h30min às 17h30min, e a entrada na instituição é gratuita.

Por fim, o Museu dos Dinossauros (Figuras 14 e 15), localizado em um bairro rural chamado Peirópolis, às margens da rodovia BR-262, há 19 km da cidade, apresenta rico acervo de fósseis de dinossauros e de outros vertebrados. Dentro do museu há painéis explicativos sobre a evolução da vida e dioramas que reconstituem os cenários da vida e dos animais e vegetais que habitaram a região de Uberaba há milhões de anos. Está instalado no prédio da antiga estação ferroviária de Peirópolis, construída em 1889, em estilo inglês (UBERABA, s/d).

Figura 14 - Fachada do Museu dos Dinossauros, localizado no bairro rural Peirópolis



Fonte: Do autor, 2017

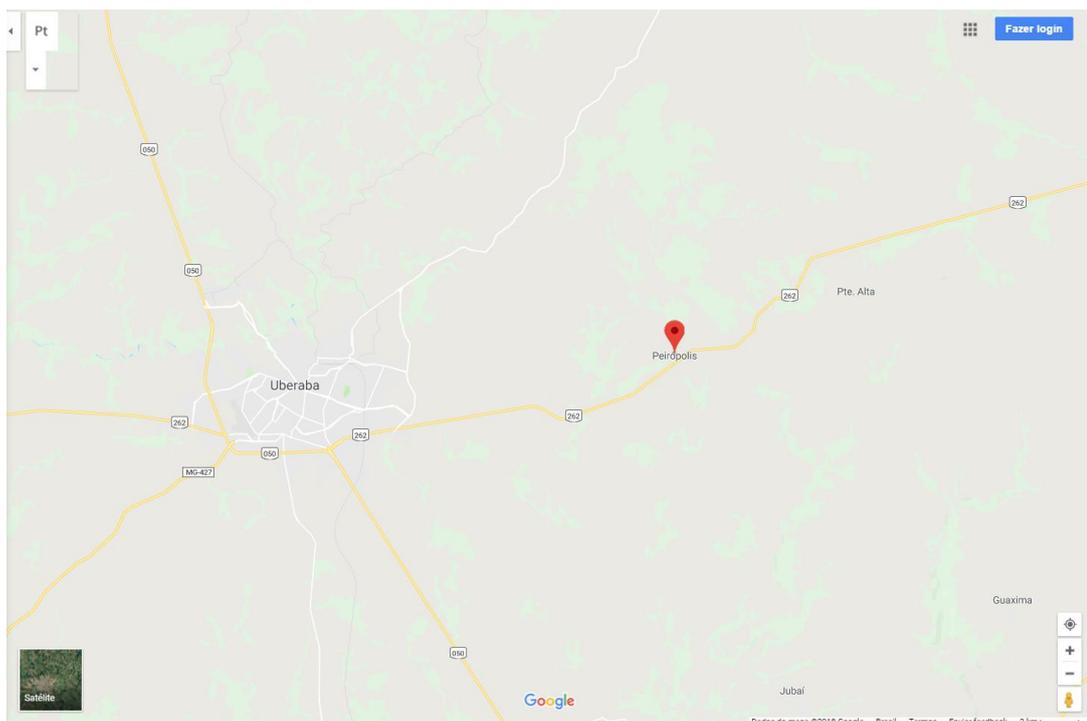
Figura 15 - Fachada do Complexo Cultural e Científico de Peirópolis, localizado em bairro rural



Fonte: Do autor, 2017

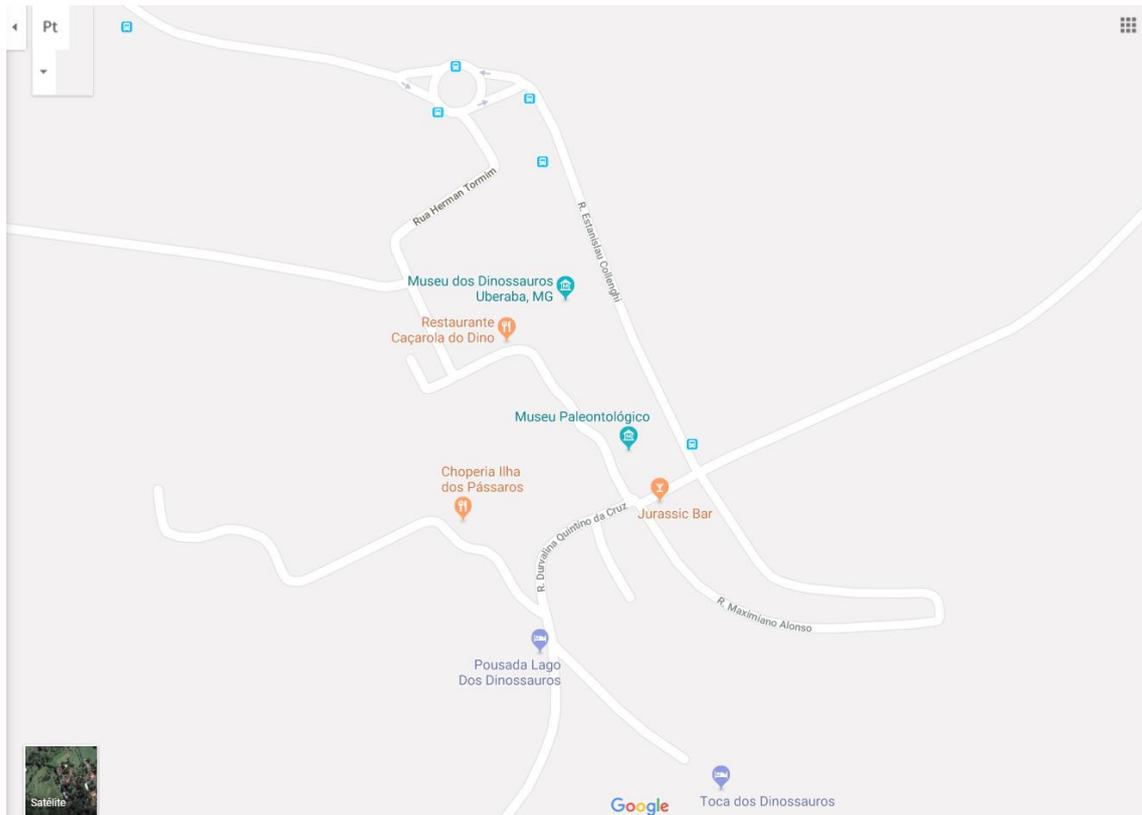
A Figura 16 identifica a localização do bairro Peirópolis no município e a Figura 17 o Museu dos Dinossauros, a partir da utilização do Google Maps.

Figura 16 - O ponto em vermelho destaca o bairro Peirópolis, na Rodovia BR-262



Fonte: Google Maps, 2018

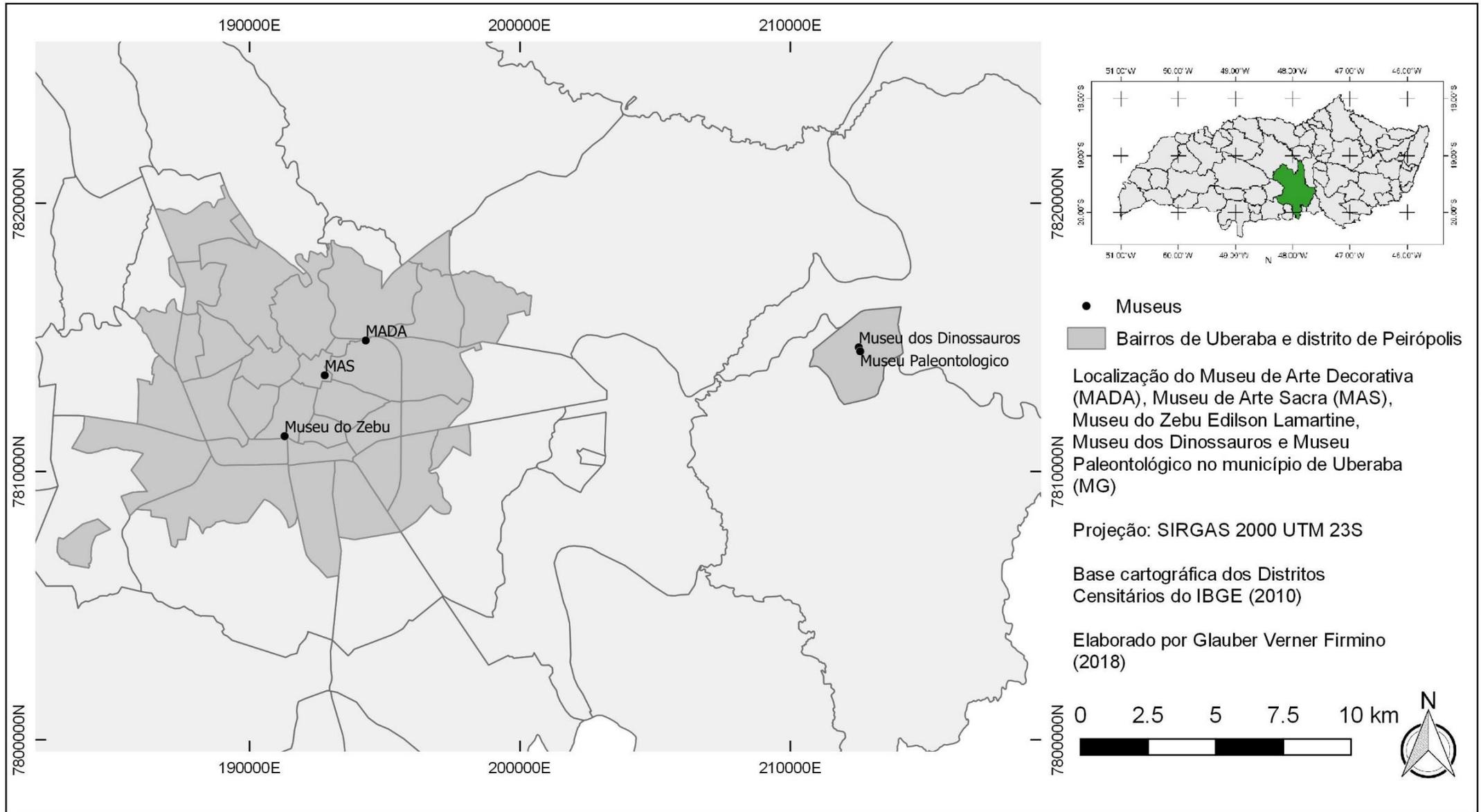
Figura 17 - Destacam-se o museu e as atividades turísticas em seu entorno



Fonte: Google Maps, 2018

O Museu dos Dinossauros e o Complexo Cultural e Científico de Peirópolis pode ser visitado das terças às sextas-feiras, das 08h às 17h, e aos sábados, domingos e feriados das 08h às 18h, com entrada.

Figura 18 - Museus de Uberaba



O mapa apresentado na Figura 18 acima traz em cinza os bairros de Uberaba e o distrito de Peirópolis, destacando os quatro museus abordados nesta pesquisa e proporciona uma noção de localização e distância de cada museu na cidade.

Assim, a realização deste trabalho conta com a expressiva relação entre os diferentes espaços a serem estudados e a educação patrimonial. Ao se falar de museu no município de Uberaba, temos como referência o Museu dos Dinossauros, tratado em pelo menos duas pesquisas de mestrado já desenvolvidas (FERNANDES, 2006; FERREIRA, 2016). Temos o intuito de trazer as perspectivas dos outros três espaços também citados no decorrer deste trabalho, ainda não citados em pesquisas sistematizadas como aquelas desenvolvidas em programas de mestrado.

A formulação de um Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM, 2012) entra como um marco histórico no desenvolvimento da área de museus no Brasil, assegurando um planejamento e uma agenda política do campo museológico, constituído de forma conjunta e que guia para caminhos a serem trilhados por estas instituições na próxima década. A esse respeito, e em consonância com a Constituição Federal (1988), o Estado deve garantir a todos o absoluto exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional:

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I – defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II – produção, promoção e difusão de bens culturais;

III – formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV – democratização do acesso aos bens de cultura;

V – valorização da diversidade étnica e regional.

(...)

Artigo 30. Participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte 1. Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e tomarão todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam:

a) Ter acesso a bens culturais em formatos acessíveis;

b) Ter acesso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis; e

c) Ter acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional.

Por fim, o ponto inicial de partida que caracteriza a problemática abordada nesta pesquisa orienta-se pela questão: “Como se materializa as funções educativas de cada museu na cidade de Uberaba? ”. A partir desta questão central, surgem as seguintes indagações:

- 1. Quais são as atividades desenvolvidas nestes museus?*
- 2. O que é necessário que a comunidade em geral saiba sobre as temáticas em divulgação por cada museu em estudo?*
- 3. Considerando a definição de museu como “(...) instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjunto e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”, de que forma isso pode ser percebido na exposição de cada museu e nas atividades realizadas?*
- 4. A instituição estaria organizada para promover/mediar esse processo de educação patrimonial da população? De que forma?*

Busca-se, portanto, construir conhecimentos sistematizados acerca das ações educacionais em desenvolvimento pelos museus situados no município. O incentivo à execução deste trabalho acontece de maneira a acrescentar, de forma estruturada, com um estudo acerca dos museus pertencentes à cidade de Uberaba, aspirando a uma contribuição acadêmica e científica e ao indagar os objetivos, a localização, os visitantes e as práticas pedagógicas presentes nestes espaços (BITTER, 2009).

Como benefício, busca-se contribuir academicamente para que os museus se conheçam e se divulguem, com impacto no aumento do número de visitas a partir da divulgação. A esse respeito, Cazelli (2010) traz os museus como espaços compreendidos como consideráveis fontes de aprendizagem e de colaboração para a aquisição e o aperfeiçoamento do nível de cultura da sociedade, com o benefício de incluir tanto aqueles

que estão na escola, bem como os que estão fora dela e os que já não fazem mais parte da instituição escolar.

Portanto, mapear as potencialidades dos museus de Uberaba/MG em um olhar a partir da educação patrimonial torna-se o objetivo geral. Dele emergem os objetivos específicos, sendo eles:

1. Levantar e listar as atividades educacionais em desenvolvimento pela MADA, Museu do Zebu, Museu de Arte Sacra e Museu dos Dinossauros;
2. Identificar o que os gestores/educadores de cada espaço compreendem que a comunidade em geral deve saber sobre as temáticas em divulgação por cada museu acima listado;
3. Caracterizar como a definição de museu pode ser percebida na exposição de cada museu e nas atividades realizadas na visão de seus gestores/educadores;
4. Compreender como a instituição está organizada para promover/mediar o processo de educação patrimonial da população.

A partir das análises será possível mapear as potencialidades dos museus de Uberaba/MG a partir da educação patrimonial, centrando-se no binômio educação e cultura. Especificamente, os resultados esperados incluem:

1. Obtenção de um panorama educacional acerca dos museus e das temáticas neles expostas;
2. Identificação das concepções dos gestores/educadores de cada espaço sobre o que a comunidade em geral (visitantes) precisa saber sobre as temáticas em divulgação por cada museu;
3. Reflexão dos gestores/educadores sobre o papel que estes espaços assumem em uma perspectiva de acesso à cultura como direito subjetivo dentro de definição de museu trazida pelo ICOM;
4. Sistematização e mapeamento da organização institucional para a mediação do processo de educação patrimonial da população.

Finalizado o contexto e a justificativa para o presente estudo, a seguir discute-se sobre educação patrimonial, museu e seus espaços educativos. Também traz um quadro teórico abordando a educação patrimonial, educação em espaços não formais e a gestão destes espaços. Na Metodologia, apresenta-se o percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa, uma definição de pesquisa qualitativa e a opção pela entrevista e pela análise documental/fotos. Por fim, apresentam-se os resultados e discussões e são listadas as considerações finais.

1.2 QUADRO TEÓRICO

Nesta seção discorreremos sobre educação patrimonial, definições e problemáticas acerca da temática, tal educação que permite uma visão mais abrangente de mundo, possibilita uma leitura cultural no mundo em que está inserido. Em outra seção deste capítulo falaremos também sobre os museus como espaços educativos e o que os envolvem, como por exemplo a mediação, sua importância dentro deste processo.

1.2.1 Educação Patrimonial

A educação tem como um de seus caminhos apostar na construção e concretização da consciência de preservação patrimonial. De acordo com Martins (2008), a educação para a preservação do patrimônio deveria estar imersa nas escolas, em projetos pedagógicos em universidades, projetos de pesquisa, ensino e extensão. Órgãos que financiam projetos também estão se arriscando em temáticas parecidas, o que se desdobra em um ensino ativador da memória histórica urbana.

Para Horta (2008), educação patrimonial é uma experiência direta dos bens e fenômenos culturais, um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, qualificando os indivíduos para um melhor aproveitamento destes bens e proporcionando às gerações futuras novas formas de conhecimento, em um processo contínuo de criação cultural.

Os órgãos públicos e a comunidade podem mobilizar e criar ações sociais e educativas para que o patrimônio se torne uma memória ativa, desdobrando em conhecimento e desenvolvimento cultural. Seguindo a linha do patrimônio como ativador de memória, Soares (2003) acredita que é de importância manifestar que a diversidade deva ser valorizada e resguardada. “A melhor forma de conservar a memória é lembrá-la. A melhor forma de contar

a história é pensa-la. A melhor forma de sustentar a identidade é mantê-la, isso tudo se faz por meio da educação” (SOARES, 2003, p. 25). Educar para a preservação, conservação e valorização cultural se intitula educação patrimonial.

Para Horta (2008), a memória desenvolve e alimenta a história, preservando o passado para buscar o entendimento do futuro. Assim, a memória e registros desde o início da humanidade viabilizam o patrimônio material, imaterial e cultural.

Desde o surgimento da humanidade, o ser humano tem a capacidade de aprender mesmo não sendo por meio da linguagem escrita, utilizava desenhos nas cavernas que poderiam ter outros propósitos além dos artísticos, estas representações se tornam registros com possibilidades de serem analisados e pesquisados atualmente por pesquisadores.

Outro marco para a evolução humana foi a escrita, com este meio a história passa a ser registrada, mesmo que sua leitura seja restrita para alguns estratos sociais, mas os registros garantem a memória e não é necessário recomeçar a cada nova geração.

Os gregos, além de contribuir para as áreas de artes, música, literatura e filosofia, apresentaram fundamentos da pedagogia: o próprio termo tem origem grega e faz referência ao escravo que acompanhava as crianças à escola, os gregos se tornaram os pioneiros a traçar e executar ideias sobre prática pedagógica. “Com o decorrer do tempo, a palavra pedagogia passou a designar a reflexão feita sobre a educação, uma espécie de meta educação” (FERREIRA, 2001, p.27).

A educação na Roma antiga valorizava o poder do império, criava leis em vez de valores, reafirmava a preparação do corpo para a guerra, valorizava o indivíduo e o poder da família. A família cercava tudo que estava sob o domínio do senhor, mulher, filhos, escravos, bens e animais. Resumindo, isto tudo era o *patrimonium*, tudo que podia ser legado por testamento, sem excetuar as próprias pessoas. Para Ferreira (2001) os romanos acreditavam que a educação deveria se iniciar na família e o pai deveria ser o primeiro educador, usando para este modelo os exemplos dos heróis, contando as aventuras e feitos desses seres aos aprendizes. Nestes moldes o conceito de Patrimônio, de acordo com Funari e Pelegrini (2006, p.11) era:

Privado do direito de propriedade, estava intimamente aos pontos de vista e interesse aristocráticos. Entre os romanos, a maioria da população não era proprietária, não possuía escravos, não era possuidora de *patrimonium*. O patrimônio era um valor aristocrático e privado, referente à transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana. Não havia conceito de patrimônio público. Nesse meio, pode-se compreender que os magistrados romanos colecionassem

esculturas gregas em suas casas. O patrimônio era patriarcal, individual e privativo da aristocracia.

Na Idade Média ocorreram retrocessos, pois foi uma época de temores e punições: a educação, nesta época, servia aos interesses da Igreja. Já na Idade Moderna surge a imprensa, os livros começam a ser publicados e utilizados nas academias e ateliês, possibilitando a construção de uma nova mentalidade, diferente daquela medieval. Desta época datam os primeiros meios de preservação, para as quais os papas foram pioneiros, por meio de bulas que visavam à proteção de edificações antigas e cristãs (MARTINS, 2008).

As pessoas que colecionavam objetos e vestígios da Antiguidade fundaram o que se chamaria de Antiquariado. Tal acontecimento faz com que pesquisadores ressaltem o patrimônio moderno como derivado, de alguma maneira, do Antiquariado, que até hoje existe. Em meados do século XVIII as práticas de preservação de monumentos eram aleatórias, mas quando ocorriam eram praticadas pelas classes sociais dominantes, basicamente a Igreja e a Aristocracia, objetivando conservar seus bens. Após a Revolução Francesa em 1789, surge na França o Estado Nacional, uma ideia a partir de um grupo de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua e uma cultura (MARTINS, 2008).

Funari e Pelegrini (2001) consideram que, para tanto, foram necessárias políticas educacionais que propagassem, já entre as crianças, a ideias de pertencimento a uma nação, elemento do patrimônio. Os estudiosos modernos chamam isso de doutrinação interior, que tinha como objetivo induzir o jovem, desde cedo, aos sentimentos e conceitos que passam a fazer parte de sua compreensão de mundo, como se tudo fosse dado pela própria natureza.

Nesta época ficava claro que é na escola e nas crianças que se despertava a cidadania, porém este não foi um processo pacífico. Segundo Martins (2008), mesmo com os conflitos em 1830, os franceses criaram uma comissão encarregada da preservação dos monumentos nacionais e o cargo de Inspetor de Monumentos Históricos. De acordo com Fonseca (2005), em 1832 o escritor Prosper Mérimée assumiu o posto e percorreu toda a França, realizando um trabalho de inventário, não com em relação aos bens, mas também de atitudes da população em relação ao patrimônio.

Este trabalho tinha como interesse evitar a destruição de edificações que eram identificadas como fisionomia da cidade, com a nação francesa e sua cultura, como exemplo o Arco do Triunfo. Nesta época seria o que chamamos hoje de educação patrimonial, na qual surgem as primeiras noções de preservação de um bem público protegido pelo Estado.

Liberalesso (2013) compreende educação patrimonial como uma “práxis” que possibilita a interpretação e a compreensão dos bens culturais, tornando um instrumento importante de acesso à vivência da cidadania que estabelece a responsabilidade na busca da valorização e da preservação do patrimônio cultural, além de proporcionar o contato das pessoas com o patrimônio, ressaltando a valorização das bases da identidade cultural, descoberta de diferentes culturas e compreensão do modo de vidas das pessoas, antigamente e atualmente. Horta, Gunberg e Monteiro (1999, p. 6) entendem a educação patrimonial como:

[...] um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando –à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico – temporal em que está inserido. Este processo leva ao esforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

A educação patrimonial proporciona fazer uma leitura cultural do mundo vivido pelo educando, buscando a valorização e despertar o seu interesse pelos bens materiais ou imateriais, retratando a história de um determinado local de maneira significativa, incentivando o respeito ao patrimônio e à valorização da identidade cultural. Oriá (2005) trata a educação patrimonial como:

[...] uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões atinentes ao patrimônio cultural. Compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhes proporcionar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educando e na sociedade, o sentido de preservação da memória e o conseqüente interesse pelo tema.

Com uma proposta inovadora, a educação patrimonial surgiu como trabalho focado nos bens culturais, não querendo ser incluída como uma disciplina da matriz curricular, mas como um trabalho contínuo de resgate do passado social e cultural, para compreender a importância do passado na construção da sua identidade individual e coletiva em seu espaço de vivência. Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p.6) estabelecem que:

A metodologia específica da educação patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultural, seja um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico., uma paisagem natural, um parque ou uma área de

proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade de área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desde sua criação em 1937, manifestou em documentos, iniciativas e projetos a importância da realização de ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio.

O surgimento de um órgão federal dedicado à preservação do patrimônio histórico e artístico nacional foi provocado por inúmeras iniciativas institucionais regionais e, por outro lado, por vozes intelectuais, parcela deles ligada à Semana de Arte Moderna de 1922, divulgado na grande imprensa brasileira (IPHAN, 2014).

Desde sua criação até 1967 Rodrigo Melo Franco de Andrade era o dirigente do IPHAN e mostrou em alguns artigos e discurso a importância da educação na preservação do Patrimônio Cultural.

A questão sobre a preservação do Patrimônio Cultural foi abordada fortemente com a criação, na década de 1970, do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), que surgiu a partir de discussões semanais realizadas por um pequeno grupo de funcionários do alto escalão do governo federal e do Distrito Federal. Sua proposta direcionava-se para a atualização da discussão sobre os sentidos da preservação e unia para a ampliação da concepção de patrimônio para abranger questões como a necessidade de promover modelos de desenvolvimento econômico autônomos para o setor (IPHAN, 2014).

Mesmo que não tenha atuado diretamente com projetos na área de educação, as diretrizes teóricas e conceituais preservadas e o *modus operandi* utilizado pelo CNRC auxiliou a implantação de parâmetros renovados para uma comunicação mais ampla entre os processos educacionais e a preservação patrimonial (IPHAN, 2014).

De acordo com Tolentino (2012), é neste contexto que surge um projeto chamado “Interação”, que parte da ideia que é necessário reconhecer, juntamente com as comunidades, quais os bens que constituem suas referências culturais, dando ênfase àqueles a serem reconhecidos e valorizados pelo poder público como patrimônio cultural.

O Projeto Interação foi apresentado pela primeira vez em seminário com representantes de todos os órgãos ligados à Secretaria da Cultura do então Ministério da Educação e Cultura em 1981 em Brasília, e tinha como função desenvolver:

Ações destinadas a proporcionar à comunidade os meios para participar, em todos os níveis, do processo educacional, de modo a garantir que a apreensão de outros conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios da comunidade. A participação referida se efetivará através da interação do processo educacional às demais dimensões da vida comunitária e da geração e operacionalização de situações de aprendizagem com base no repertório regional e local (BRANDÃO, 1996, p. 293).

A proposta que este projeto defendia, de acordo com documentos disponíveis, voltava-se ao apoio à criação e ao fortalecimento das condições indispensáveis para que o trabalho educacional se produzisse sobretudo na dinâmica cultural, dando força à pluralidade e à diversidade cultural brasileira. Articulando aos ideais do CNRC, tal projeto questionava a uniformidade e homogeneização em prol do reconhecimento e valorização das diferenças culturais (IPHAN, 2014).

Em 1983, no Museu Imperial (Petrópolis/RJ), ocorre o 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, também é inserida a expressão Educação Patrimonial como uma metodologia inspirada no modelo da *heritage education*.

Assim, Educação Patrimonial se configura como “processo permanente e sistemático”, focado no “Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”, metodologia que se aplica a

[...] qualquer evidência material ou manifestação cultural, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 6).

Vem crescendo as iniciativas educacionais voltadas à preservação patrimonial. Adotando a palavra Educação Patrimonial, um vasto número de ações e projetos com métodos, práticas e objetivos pedagógicos foram realizados por todo o país, a exemplo da educação patrimonial que ocorre em dois sítios arqueológicos brasileiros, um deles o Sítio Arqueológico “Toca do Salitre”, localizado no município de São Raimundo Nonato – PI (IPHAN, 2017), e o outro o Sítio Arqueológico “Vale dos Sonhos”, em Goiânia – GO (RAMALHO, 2009).

Hoje a Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC) do IPHAN defende que a Educação Patrimonial é formada por qualquer processo educativo formal e não formal que tem como ênfase ao Patrimônio Cultural (IPHAN, 2014). A Educação Patrimonial pode ser caracterizada como um processo de mediação, como apresenta o estudioso russo Lev Vygotsky. No livro *Pensamento e Linguagem* (1988) traz que as ações do ser humano têm efeitos que mudam o mundo e efeitos exercidos sobre o próprio homem, e é por meio dos elementos (instrumentos e signos) e do processo de mediação que ocorre o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores ou cognição.

Vygotsky (1988) considera que este desenvolvimento se dá durante a vida do indivíduo, de sua atuação em situações de interação social, da qual fazem parte instrumentos e signos que encaminham, organizam e estruturam seu ambiente e seu pensamento. Mediam a vida os instrumentos e signos construídos socialmente e historicamente. Os diversos contextos de vidas e culturas em que as pessoas estão, são contextos educativos que formam e modelam o jeito de ser e estar no mundo. Deste modo a mediação pode ser compreendida como um processo de desenvolvimento e aprendizagem humana, como inserção da cultura.

O patrimônio se torna um campo de conflito motivado pelos interesses e pela diversidade cultural. As políticas de preservação se inserem em um campo de conflito e negociação em vieses diferentes, setores e grupos sociais envolvidos na definição dos critérios de seleção, na atribuição de valores e nas práticas de proteção dos bens e manifestações culturais acauteladas.

Desregular e desigual o processo de desenvolvimento econômico que, por um lado maximiza o regime da grande propriedade rural e da agricultura intensiva, ao mesmo tempo estabelece uma urbanização definida por grandes concentrações metropolitanas, que instigam o processo de especulação imobiliária, causando a substituição de edificações e espaços sociais, a segregação de populações e demarcando o uso dos espaços públicos.

Esta realidade acarreta por estabilidade de representatividade em termos étnicos, sociais, culturais, assim provocando uma quebra na legitimidade e identificação da população, em alguns casos com o conjunto do que é reconhecido oficialmente como Patrimônio Histórico. Neste sentido é fundamental contemplar as práticas educativas em um universo político, a partir de que tanto a memória como o esquecimento são produtos sociais (IPHAN, 2014).

Como mencionado anteriormente, o termo “Educação Patrimonial” é de origem inglesa – *Heritage education*. Ao traduzi-lo para a língua portuguesa, Horta (1999, p.6) o considerou como instrumento de alfabetização cultural, que possibilita ao indivíduo fazer

leitura do mundo que o rodeia, levando compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.

A educação patrimonial vai além de uma proposta interdisciplinar de ensino, volta-se para questões que dizem respeito ao patrimônio cultural, alcança desde a inclusão nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temas ou de conteúdos programáticos que abordem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a efetivação de cursos de aperfeiçoamento para educadores e comunidade geral.

Para Itaqui e Villagrán (1998), um dos atributos da educação patrimonial é que é uma metodologia que não impõe como objetivo a compreensão de conteúdo pré-estabelecidos. Por meio do estudo e da ação do patrimônio, é possível haver uma contribuição para a compreensão da realidade e também compreender que a realidade tem como objetivo construir os instrumentos para criticá-la e transformá-la.

De acordo com Gadotti (2012), a função do professor passa a ser a de mediador entre o saber escolar e o saber da comunidade, realizando associações entre a realidade e o saber, entre os saberes tradicionais e sistematizados e entre a escola e a comunidade por meio de caminhos de ação para diálogos entre escola e meio sociocultural. Este processo se desdobra com o estudante que se apropria criticamente dos objetos de sua cultura e aplica leituras da realidade por meio de seu co-protagonismo, contribuindo para o processo de construção do conhecimento na comunidade. Já a metodologia da Educação Patrimonial permite que os professores levem e utilizem os objetos culturais na sala de aula

Uma experiência com o emprego desta metodologia, aplicada e adaptada às escolas, foi realizada pelos professores José Itaqui e Maria Angélica Villagrán, que traçaram um programa de educação patrimonial nos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana, no Rio Grande do Sul:

O questionamento promovido pela metodologia mobiliza e revaloriza o saber popular, muitas vezes deixado de fora dos muros da escola, amplia o saber escolar e valoriza o diálogo entre pessoas, gerações e saberes. Nesse processo dinâmico, a escola, sem deixar a sua função específica de sistematizar conhecimento, tem o papel de estabelecer vínculos concretos com a realidade do aluno e, nessa mediação, incidir, aqui e agora, no processo de desenvolvimento comunitário. (ITAQUI & VILLAGRÁN, 1998, p. 19).

Pensando na educação patrimonial como um campo de conhecimento, cabe mencionar Bourdieu (2007), sociólogo francês que estabelece que um campo deve ter leis de

funcionamento que o definem como parcialmente independente e que regulem suas modificações e limites levando em conta que

(...) compreender a gênese social de um campo, e aprender a necessidade específica da crença que o sustenta, o jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair o absurdo do arbitrário e do não – motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir (BOURDIEU, 1989, p. 69).

Considerando o patrimônio cultural como um campo institucionalizado, avaliar suas leis que exercem as atividades pode se limitar apenas às interpretações das palavras e textos legais, juntamente com o conhecimento da legislação para sustentar a burocracia que institui o funcionamento de suas instituições no Estado. Ter conhecimento destas estratégias oficiais do patrimônio não é garantia de êxito neste meio.

Seguindo a hipótese de Bourdieu (2007), todo ato de produção cultural implica na afirmação de pretensão a legitimidade cultural, e que a ascensão a patrimônio cultural condiz a uma distinção também, levando em conta a instituição do patrimônio cultural uma instância de legitimação cultural. Um bem patrimonializado que faz parte deste sistema simbólico é um bem de um grupo social, concedido de códigos deste sistema enquanto produto do campo patrimonial e de uma dinâmica interna enquanto produção cultural de um campo da sociedade (PRADO, 2011).

1.2.2 Museus como espaços educativos

Cazelli (2010) afirma que é possível considerar o museu como espaço privilegiado dentro do campo da educação não formal. Trata-se de um espaço que vem desenvolvendo por meio de diversos canais sua função educativa e que, com o passar do tempo, vem transpondo os muros da escola. Para Marandino (2008) os museus vêm assumindo de maneiras diferentes o seu papel educativo, são caracterizados como locais que possuem uma forma única de desenvolver sua dimensão educativa e, assim, buscam diferir das experiências formais de educação.

Segundo Studart (2007), a instituição-museu é o espaço ideal para o desenvolvimento de um processo de mudança em vez de que o aprendizado seja uma “absorção de um conhecimento transmitido”. Os museus, sejam eles de artes, ciências,

tecnologia ou antropologia, são por excelência locais de observação, interação e reflexão. O museu enquanto espaço de construção de narrativas apresenta registros de outras épocas, como povos e civilizações antigas, com seus costumes e modo de pensar o mundo atual no qual estamos inseridos, com suas expressões artísticas e culturais. O museu é um espaço simbólico, capaz de oferecer experiências educativas e também entretenimento.

Trilla e Ghanem (2008) caracterizam a educação não formal como qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, a qual é exercida separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que objetiva servir a pessoas previamente identificadas como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem, incluindo museus e outras instituições que apresentam viés patrimonial. De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e no que tange à Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, museus são considerados

(...) instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (não paginado).

Além dos museus físicos como espaços para educação para e pelo patrimônio, as tecnologias possibilitam uma “nova” modalidade de museu, virtuais, que incluem acervos online, disponibilizados na internet, sendo assim uma via de alcance de informação e cultura. Tal modelo, no entanto, recebeu críticas em seus primórdios. Lévy (1999) considera os museus virtuais limitados em recursos e interação real com a comunidade e sua história, tornando os usuários em simples espectadores:

Os ‘museus virtuais’, por exemplo, muitas vezes nada mais são do que catálogos ruins na Internet, enquanto é a própria noção de museu como ‘fundo’ a ser ‘conservado’ que é colocada em questão pelo desenvolvimento de um ciberespaço onde tudo circula com uma fluidez crescente e onde as distinções entre original e cópia evidentemente não têm mais valor. Em vez da reprodução das exposições clássicas em sites ou displays interativos, seria possível conceber percursos personalizados ou então constantemente reelaborados pelas navegações coletivas em espaços totalmente desvinculados de qualquer coleção material (LÉVY, 1999, p. 188-189).

Nota-se que são conclusões relativamente antigas quando comparadas à evolução da internet, com toda sua abrangência e recursos, provavelmente pensamentos deste viés foram

repensados a partir da nossa evolução da tecnologia. Na atualidade este modelo de museu também ressalta pontos positivos. Para Henriques (2014) o museu virtual pode ser tão ou mais eficaz que o museu físico, lembrando que jamais o substituirá, é uma forma se interagir com o patrimônio, pensar o museu e não limitá-lo ao espaço tradicional de abrangência do público.

Marandino (2008) afirma que discurso que gira em torno dos espaços não formais, dando ênfase nos museus, é que são espaços educativos e devem ser aliados à educação formal, de modo que um espaço complemente o outro. Dentro desta perspectiva questionamos se os museus que se localizam dentro do município de Uberaba proporcionam sua vertente educativa.

A educação é um processo de desenvolvimento amplo e que quase sempre é agregado à escola, em seguida expõe conceitos e a origem da educação formal, a qual é ofertada nas escolas e tem surgimento e crescimento junto com as sociedades civilizadas. Segundo Gaspar (2002) as escolas surgiram nas civilizações mais avançadas, fluindo da necessidade de conservar o acervo cultural criado por essas gerações.

Em contraponto, Gaspar (2002) traz a educação não formal, exaltando que a sociedade necessita além do conhecimento formal proposto pelas escolas, disciplinas e currículos. Reforça que a educação não formal sempre existiu e não está “presa” a espaço, horários e currículos, se torna mais espontânea e livre para as pessoas compartilharem seus conhecimentos. A educação não formal é citada brevemente, assemelhando-se com a formal pelo fato de ter disciplinas, currículos e programas, porém diferencia na não obtenção de diplomas e graus oficiais.

O autor deixa clara a eficácia da interação verbal e provocações para estimular os alunos a pensarem e se manifestarem. Somadas às demonstrações e experiências que também podem ter lugar em espaços externos à escola o interesse é ainda maior, resultando em uma atividade dinâmica, alegre e produtiva. Gaspar (2002) se fundamenta em Vygotsky para afirmar as relações entre educação formal e não formal, conceituando esta última como os conceitos espontâneos e a formal como os conceitos científicos.

Destaca também como grave a falta de pré-concepções de algo para a construção de determinado conceito; quando se tem uma pré-concepção acerca de dado tema, mesmo que incompleta e fragmentada, torna-se mais fácil a construção de um novo conceito em âmbito escolar. A aprendizagem de um novo conceito é um processo extenso e que se respalda nos conceitos espontâneos, como aqueles que são trabalhados em museus, por exemplo. O autor

acredita que, mesmo não havendo verificação desta aprendizagem, acredita serem eficazes meios para a construção conceitual.

Fica claro que quanto maior o contato sociocultural fornecido a uma criança, maior sua capacidade linguística e verbal, levando ao aumento de seu acervo cognitivo, o que pode se dar em espaços formais e não formais.

Gaspar (2002) conclui que Vygotsky nos ajuda a compreender a permanência e a força da educação formal. Em relação à educação não formal, ela deve sempre ser incrementada, pois enriquece nossa capacidade cognitiva e isso reflete na aprendizagem de qualquer conceito, porém ambas as perspectivas de educação se reforçam.

Para Figurelli (2011) o entendimento de educação nos museus tem se expandido ao passar dos anos, como um reflexo do engrandecimento do foco de interesses nos debates na área de Museologia. A compreensão de museu enquanto instituição educadora, tendo ou não um setor específico responsável pelas ações educativas, destaca-se sobretudo entre os profissionais do meio. Se antes observava-se apenas o setor educativo como espaço dedicado às ações educativas hoje, cada vez mais, os outros setores do museu são motivados a expressar seu viés educativo nas atividades.

É de grande relevância que cada museu busque expandir a função educativa de seus acervos e atividades, tendo em vista o potencial educativo evidente nas diversas áreas de atuação. Capacitar a equipe de um museu, buscando envolvê-los em um trabalho de conscientização que discuta esta abordagem, impulsiona todos os funcionários do museu a desempenhar papéis importantes nas diversas áreas de atuação educativa (MUSEUMS & GALLERIES COMMISSION, 2001).

O pontapé inicial para esta capacitação da equipe deve se iniciar pela abordagem do conceito do termo educação, não se deve resumir a um instrumento a serviço da museologia, deve ser um entendimento que influencia o pensamento e atuação dos profissionais dos museus (FIGURELLI, 2011).

Para este alcance, o fundamental é o conceito de educação que os profissionais adotam, considerar como um suporte para a estruturação, o desenvolvimento e a transformação das instituições museológicas, fornecendo subsídios cognitivos para o museólogo criar, adaptar, renovar processos, serviços e produtos, possibilitando que a educação some qualidade à instituição e, acima de tudo às relações humanas (FIGURELLI, 2011).

Ainda segundo Figurelli (2011), um museu responsável com sua sociedade prioriza ações que instrumentalizem seu público, colaborando para o seu processo de desenvolvimento pessoal a partir de experiências que privilegiem a aprendizagem. Possibilita ao seu público o

acesso a uma formação voltada para o contato com espaços museológicos, que os incentiva a ter um olhar crítico, ler e entender objetos e espaços, identificar mensagens e discursos subentendidos, encaminhando para uma formação integral do ser humano. Todas estas possibilidades viabilizam ao seu público ir além dos aparatos postos, refletir e problematizá-los, iniciar uma formação para alfabetização científica.

No caso dos museus de ciência e tecnologia, em particular, Rebello (2001), ressalta que vem surgindo como elemento no movimento de alfabetização científica dos cidadãos. Somado a isso a educação e ensino de ciências têm muito a ganhar com a educação não formal e seus espaços, considerando também que há diversos museus com inúmeras temáticas que contribuem para esta educação e este ensino.

Em particular nos museus de ciências a inclusão de interatividade para os visitantes gerou desenvolvimento que vem influenciando na inserção da prática, isso nos faz destacar a importância dos profissionais aptos a fazerem a mediação entre o museu e os visitantes.

O museu vive um impasse, a autonomia do visitante para desfrutar dos espaços e a preocupação com a não escolarização de seus espaços. Trilla e Ghanem (2008) ressaltam a que a educação não formal possui aspectos próprios em relação à autonomia do visitante na busca do saber, o que auxilia a expansão e o refinamento cultural em um ambiente no qual surgem processos cognitivos dotados de motivação intrínseca para a aprendizagem, ou seja, uma motivação que depende do sujeito e se relaciona com fatores internos (forma de ser, interesses e gostos) e anula os fatores externos e recompensas: pode-se dizer que sua recompensa é o saber.

Queiroz e colaboradores (2002) trazem informações referentes à mediação no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Nele, o próprio museu fornece a formação para os mediadores, bolsistas de pesquisa e alunos universitários de variados cursos (Astronomia, Física, Geografia, Biologia, Pedagogia, Filosofia e História), o que confere um cunho multidisciplinar à mediação. No caso estas pessoas associam o trabalho de mediar com a investigação de temas relacionados com o que surge do público visitante, tomando uma forma de terem contato direto com as diferentes situações que uma mediação requer.

Cazelli e Falcão (1997, 1998) destacam, por meio de seus estudos, a falta de compreensão dos professores, das possibilidades de ampliação cultural que os museus oferecem aos estudantes. Seguindo esta perspectiva, constataram a necessidade de inserir um trabalho mais extenso e completo de formação de professores para a participação como mediadores trazendo, ainda, o uso do museu como uma forma de complementar os diversos

espaços vividos pelos estudantes, tornando mais ricas as suas oportunidades de aprendizagem. Nesta linha o mediador é o ser que transita por vários mundos com modelos diferenciados: da ciência, dos visitantes e dos idealizadores de exposições e atividades, com a função de desenvolver modelos pedagógicos, tornando o conhecimento “acessível” aos visitantes.

Queiroz e colaboradores (2002) afirmam que os mediadores de museus se tornam animadores culturais, já que há estreita ligação da mediação com a arte, fazendo com que estes “animadores” desenvolvam estratégias desde a primeira acolhida que dão aos visitantes, buscando seduzir, surpreender e envolver o interesse dos presentes.

Ainda sobre os mediadores e seu papel, Queiroz e colaboradores (2002) apresentam em um artigo a análise de duas bolsistas do MAST, destacando que ambas tiveram uma formação inicial sobre mediação em museus, participando de um curso sobre o assunto. A pesquisa teve como foco identificar os saberes da mediação museal e, a esse respeito, identificaram que existem saberes que marcam mais essa mediação, havendo correspondências com o reduto da escola (Quadro 1).

Quadro 1 - Saberes da mediação em museus (de ciências)

<p>I) Saberes compartilhados com a escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • saber disciplinar – conhecer o conteúdo de ciência a ser mediado; • saber da transposição didática – tornar conteúdo acessível ao público; • saber do diálogo – estreitar relação com o visitante; • saber da linguagem – adequar a linguagem com os diversos visitantes.
<p>II) Saberes compartilhados com a escola no que dizem respeito à educação em ciências</p> <ul style="list-style-type: none"> • saber da história da ciência – conhecer o conteúdo da história da ciência; • saber da visão de ciência – conhecer elementos da ciência que diz respeito à origem do conhecimento científico; • saber das concepções alternativas – conhecer alternativas além do conhecimento científico e saber explorá-las.
<p>III) Saberes mais propriamente de museus</p> <ul style="list-style-type: none"> • saber da história da instituição – conhecer a história da instituição que atua como mediador; • saber da interação com os professores – saber lidar com os professores que acompanham seus alunos ao museu;

- saber da conexão – conectar diferentes espaços do museu;
- saber da história da humanidade – saber situar o tema exposto com o contexto histórico;
- saber da expressão corporal – usar o corpo e fazer o visitante usar para simular algo relacionado com a temática;
- saber da manipulação –deixar os visitantes manipularem os aparatos.
- Além destes saberes, destacam ainda o saber da ambientação e o saber da concepção da exposição

Fonte: Queiroz e colaboradores, 2002

Os autores consideram que ao analisar e estudar os saberes da mediação humana em museus de ciências não pretendem construir uma receita padrão para ser utilizada em todas as mediações, mas buscam disponibilizar elementos para aqueles que pretendem refletir antes, durante e após este processo de facilitar a apresentação da cultura presente no museu para os públicos. Durante as mediações analisadas identificaram saberes marcados pelo ensino–aprendizagem, influência da exposição sobre a criatividade dos mediadores. Perceberam também a contribuição da reflexão pós–ação, pois buscaram analisar e refletir sobre as práticas, podendo modifica-las de forma a acrescentar. Finalizam exaltando que a formação dos professores para a sala de aula, ou mediadores para museu, influencia na construção de discursos racionais, estéticos, sistematizados, técnicos e emocionais.

Mora (2013) trata a relação entre museu e escola em revisão bibliográfica que discute, de forma reflexiva, um recorte de cerca de 30 anos de desenvolvimento da temática. Para a autora, o museu é considerado um espaço não formal que promove a cultura científica e, justamente por ser um espaço não formal, encontra dificuldade por parte da escola em compreender os processos de aprendizado neste ambiente, diferente do vivido nas escolas (formal). Nesta perspectiva é preciso compreender que a educação em um espaço não formal é um processo individual definido pelos conhecimentos prévios, motivações e interesses do sujeito/visitante do museu.

Assim, quando se tem um grupo de alunos visitando um museu, surge o desafio de oferecer de forma coletiva uma experiência que atinja seus objetivos gerais, mas que também contemple os anseios individuais dos alunos. Anseios que devem ser atendidos ou considerados, pois é preciso compreender que o processo de aprendizado e compreensão dos conteúdos deve ser motivador, prazeroso e memorável por parte do sujeito.

O museu, mesmo como um espaço educativo, nem sempre é pensado para atender às demandas escolares e, na contramão, as escolas também não se planejam para aproveitar melhor estes espaços. Os espaços de educação não formal podem ser uma grande ferramenta de apoio para o aprendizado dos alunos e, conforme declara Mora (2013), especialmente nas dimensões psicomotoras e afetivas, pois em um museu a interação que acontece entre os conteúdos ministrados na escola, o fato de se deslocar para um espaço diverso ao tradicional, a socialização e a possibilidade de atividades práticas nos museus, fazem destes uma experiência única para o estudante.

A autora levanta a problemática da relação entre museu e escola. Esta parceria, que deveria otimizar o processo de aprendizado, está rodeada de desentendimentos e dificuldades que não permitem a concretização destes espaços com todo o potencial que deveria ser desempenhado. A escola nem sempre está satisfeita por perder um dia de aula para levar os alunos aos museus e, também, nem sempre adequam seu currículo escolar de acordo com os temas que serão vistos no museu, gerando pouco aproveitamento da visita. Já os museus, de acordo com a autora, não se sentem confortáveis com visitas sem planejamento, grupos grandes e todo tumulto gerado.

Em artigo de Lombana, Delgado e Giraldo (2013), a relação entre a escola e o museu foi vista de acordo com a compreensão que os gestores dos museus têm de seu papel nesta relação. Pode-se perceber que apesar de terem realizado experiências distintas em quatro museus, observaram que a identidade de todos se reconhece como fundamental nesta relação. Reconhecem que a relação existe, que é importante, que eles têm um papel ativo e que inclusive os projetos desenvolvidos têm seu planejamento pensado para contribuir com as escolas. Porém, sentem mais necessidade de contato com as escolas, precisam compreender melhor os currículos das escolas e desejam mais diálogo com os professores para que esta relação se otimize.

Partindo da experiência relatada no texto, compreender que existiria uma compreensão, por parte dos museus, de seu papel enquanto espaços de educação não formal, bem como consciência da necessidade de diálogo com os espaços formais de aprendizado, para que juntos possam fazer a melhor forma de interação entre museu e escola. O texto somente demonstra esta compreensão por parte dos museus, logo não é possível afirmar que as escolas estejam prontas ou tenham a mesma compreensão da importância deste diálogo.

O entendimento de educação nos museus tem se expandido ao passar dos anos, como um reflexo do engrandecimento do foco de interesses nos debates na área de Museologia. A compreensão de museu enquanto instituição educadora, tendo ou não um setor específico

responsável pelas ações educativas, se destaca sobretudo entre os profissionais do meio. Se antes se via apenas o setor educativo como espaço dedicado às ações educativas hoje, cada vez mais os outros setores do museu são motivados a expressar o viés educativo nas atividades (FIGURELLI, 2011).

Estimular, organizar e qualificar o caráter educativo ligado a toda instituição museológica, adotar uma política educacional associada ao seu plano diretor e que guie o desenvolvimento de um plano de trabalho detalhado são elementos de grande importância. Esta política necessita estar ligada com todos os setores da instituição, qualificando o viés educacional das diversas atividades museológicas, expandindo assim a função social do patrimônio preservado (FIGURELLI, 2011). Frente aos pressupostos teóricos apresentados nesta seção listamos, no capítulo seguinte, o referencial metodológico utilizado para o desenvolvimento desta investigação.

2 METODOLOGIA

Nesta seção descreve-se em uma primeira parte os pressupostos metodológicos que nortearam esta investigação de natureza qualitativa, sobre as entrevistas, o material documental e as percepções do pesquisador sobre cada um dos espaços investigados, já apresentados na introdução.

2.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adentra ao campo das ciências humanas e configura-se como qualitativa: nesta perspectiva considera-se que o conhecimento sobre as pessoas e os espaços que irão resultar no objeto de estudo é reduzido (BOGDAN, BIKLEN, 1994). Uma vez que nesta pesquisa são empregadas imagens e entrevista realizadas com os gestores e educadores dos espaços, esta pesquisa é caracterizada como qualitativa.

A abordagem qualitativa possibilita a coleta de dados descritivos com aproximações e experiências com os espaços e os sujeitos da pesquisa. Evidencia que pretende capturar a perspectiva e a potencialidade dos museus a serem pesquisados, de acordo com os gestores/educadores de cada espaço, além de permear a análise de legislações que envolvem com a temática, bem como os materiais de divulgação produzidos por cada espaço.

A análise documental busca identificar e analisar documentos que irão trazer informações que possam responder perguntas da investigação. “Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p.39).

Ainda no que diz respeito à análise documental, segundo Bogdan e Biklen (1994), documentos são caracterizados como “(...) fontes de férteis descrições de como as pessoas produziram os materiais pensam acerca do seu mundo”. Afirmam também que tal análise possibilita a compreensão das perspectivas definidas.

Callado e Ferreira (2004) consideram os espaços de pesquisa orientados pela própria natureza do estudo, sendo assim a localização dos documentos pode ser muito diversificada. Essa diferenciação vai exigir que o pesquisador tenha conhecimento do tipo de registro e informações que abrigam as instituições visitadas e a seleção de fontes adequadas.

A pesquisa contou com 4 (quatro) participantes, considerando-se que cada museu apresente ao menos um gestor/educador. Este número se justifica em função do número de gestores/educadores que cada espaço apresenta, no mínimo um por espaço. A pesquisa conta

com: (i) um gestor/educador do Museu de Arte Sacra (MAS); (ii) um gestor/educador do Museu de Arte Decorativa (MADA) (iii) um gestor/educador do Museu do Zebu e (iv) um gestor/educador do Museu dos Dinossauros.

O objetivo desta etapa foi realizar uma descrição densa dos quatro museus situados na cidade de Uberaba a partir do olhar da educação patrimonial e, para isso, foram analisados documentos institucionais e realizadas entrevistas com os gestores destes espaços. Todos os participantes foram identificados por pseudônimos, além de não haver menção ao nome do museu. Assim, a investigação foi operacionalizada da seguinte forma:

- (1) realização de uma revisão bibliográfica e análise de documentos e leis sobre os quatro museus que integram a investigação; a revisão bibliográfica se fez presente no levantamento da literatura pertinente ao tema da educação patrimonial a partir de pesquisa realizada em banco de dados;
- (2) identificação e mapear os museus do município, ir a campo para caracterizar o espaço, com o registro de imagens;
- (3) entrevista com os gestores/educadores destes espaços;
- (4) análise documental.

Tais etapas encontram-se diretamente atreladas aos métodos e respectivos objetivos e resultados alcançados apresentados anteriormente, a saber:

(1) análise documental e observação semiestruturada de cada museu integrante da pesquisa;

(2) entrevista semiestruturada a partir da qual busca-se identificar as concepções dos gestores/educadores de cada espaço sobre o que a comunidade em geral precisa saber sobre as temáticas em divulgação por cada museu;

(3) também foi operacionalizado por meio da entrevista semiestruturada, que possibilitou o registro acerca das reflexões dos gestores/educadores sobre o papel que estes espaços assumem em uma perspectiva de acesso à cultura como direito subjetivo dentro de definição de museu trazida pelo ICOM;

(4) integração dos três métodos citados (entrevistas, observações e análise documental a partir de fotos) para sistematizar e mapear a organização institucional para a mediação do processo de educação patrimonial da população.

Para melhor entender a distribuição dos museus foi necessário produzir um mapa de localização, apresentado para os dois espaços para os quais a coleta de dados foi realizada, apresentada na Introdução, e extraída do *Google Maps*. Na etapa seguinte, procedeu-se à observação e à descrição exploratória dos espaços que integram a pesquisa. A observação do espaço é importante para conhecer os *lócus* da investigação, entender o funcionamento do local, conviver com os objetos pesquisados.

Segundo Abbagnano (1998, p. 725), a observação é a “(...) verificação ou constatação de um fato” e, para Kerlinger (1980) observação é também um “recorte da realidade”, uma vez que focaliza determinado objeto, em um espaço de tempo, o que denota certos limites temporais que impedem, determinadas vezes, uma generalização ou transposição de dados para outro contexto, daí também a especificidade da pesquisa qualitativa que se fez presente nesta investigação.

Quanto à identificação e características dos museus, propusemos realização de entrevista semiestruturada. Para Triviños (1987), a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos fornecerão novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador.

Complementa o autor afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Tanto na entrevista aberta como na semiestruturada, temos a possibilidade da utilização de recursos visuais, como cartões, fotografias, o que pode deixar o entrevistado mais à vontade e fazê-lo lembrar de fatos, o que não seria possível em um questionário, por exemplo (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Assim, na pesquisa qualitativa, não se propõe generalizar uma realidade, seja ela positiva ou negativa e sim, por meio de observação do espaço, análise de imagens e entrevistas, investigar as problemáticas levantadas.

Por fim, o material empírico construído (transcrição das entrevistas e imagens dos museus) foi tratado por meio da análise textual discursiva (MORAES, 2003), por meio da qual o pesquisador atribui significados a ele, pautados na literatura de referência apresentada no Quadro Teórico. Do ponto de vista analítico este conceito mostra-se como um elemento para a compreensão do material empírico construído a partir das entrevistas e do material documental (ANDRÉ, 2006).

2.1.1 Documentos oficiais

A trajetória de pesquisa também utilizou *folders* e site da prefeitura como documentos oficiais para auxiliar no desenvolvimento da investigação. Bogdan e Biklen (1994) afirmam que as instituições têm a notoriedade de produzir grandes quantidades de documentos, memorandos, boletins informativos, atas, comunicados à imprensa, dentre outros, os quais são exemplos de documentos. Considerado por muitos pesquisadores dados extremamente subjetivos, quando analisados externamente podem representar uma falsa realidade de como funcionam as instituições e, por esta “desconfiança”, muitos pesquisadores não os consideram importantes, excluindo-os como dados. O acesso a estes documentos nos traz uma “perspectiva oficial” e como as instituições se organizam e comunicam, daí a opção por empregá-los no contexto desta pesquisa.

Ainda sobre os documentos, os autores citam que os documentos internos tendem a seguir um caminho hierárquico, e informações geralmente vem de “cima para baixo”, ou seja, fluem no sentido oposto. Os documentos internos podem apresentar informações sobre regras e regulamentos oficiais. Um pesquisador, para ter acesso aos documentos mais “secretos” deve estabelecer uma boa relação com a instituição e funcionários ou não terá acesso a grande parte dos documentos produzidos internamente.

2.1.2 Entrevistas

Uma entrevista representa uma conversa intencional, envolvendo duas ou mais pessoas. Guiada por uma das pessoas envolvidas, a entrevista busca obter informações sobre a outra. Na investigação qualitativa, as entrevistas podem ser uma técnica principal para o levantamento de dados ou podendo ser operacionalizada em conjunto com a observação participante ou análise de documentos (opção esta seguida na presente investigação). Em qualquer técnica as entrevistas são usadas para construir dados descritivos na linguagem do próprio entrevistado (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

A entrevista muitas das vezes pode acontecer de modo “informal”, quando investigador e entrevistados já se conhecem, aparentando mais uma conversa entre amigos. Seguindo o viés “informal”, a qualquer momento livre o investigador pode pedir-lhe alguns minutos para que se conceda a entrevista. Visando buscar informações específicas, o

investigador determina momentos para se encontrar com os entrevistados, operacionalizando, assim, uma entrevista mais formal.

Em estudos que contam com entrevistas longas ou com poucos entrevistados, é comum os investigadores estreitarem relações com os entrevistados antes da investigação começar, já que boa parte do trabalho envolve a construção da relação de ambos, isso fluirá melhor se o investigador colocar o entrevistado à vontade. Grande parte das entrevistas começam por conversas cotidianas, excelentes oportunidades para iniciar a construção de uma relação e “quebrar o gelo” inicial quando ambos não se conhecem (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

As entrevistas qualitativas se diferenciam quanto à estruturação, em determinados casos são abertas e guiadas por tópicos ou questões gerais norteadoras e, mesmo com estas questões, este tipo de entrevista oferece ao entrevistado uma diversa quantidade de temas. A entrevista ultrapassa o âmbito qualitativo quando o entrevistador controla rigidamente a entrevista e os entrevistados não conseguem contar a sua história de forma pessoal.

Bogdan e Biklen (1994) refletem acerca de qual dos dois tipos de entrevistas é mais eficaz, estruturado ou não estruturado. No caso das semiestruturadas, por exemplo, tem-se a obtenção de dados para comparar com os outros entrevistados. A escolha e utilização de qual tipo de entrevista deve ser utilizada precisa estar ligada diretamente ao objetivo da investigação e qual a necessidade da investigação naquele momento.

Ainda que seja predominantemente estruturada, em determinados momentos o pesquisador introduziu questões adicionais, de modo que fosse possível aproximar a entrevista de uma conversa. Assim Bogdan e Biklen (1994) caracterizam uma boa entrevista como aquela na qual os entrevistados estão à vontade e falam abertamente sobre seus pontos de vista. A boa entrevista produz riqueza de dados e palavras que transparecem as perspectivas do entrevistado. O bom investigador está sempre se comunicando com o entrevistado, fazendo gestos e expressões apropriadas. (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Durante as entrevistas, quando houver situações confusas e de não entendimento, cabe ao investigador ter a percepção e fazer com que o entrevistado esclareça estas passagens com perguntas típicas para explicar de outra maneira o que foi dito ou utilizar exemplos, o que também foi considerado no desenvolvimento das entrevistas aqui realizadas. Uma estratégia fundamental para o investigador qualitativo durante as entrevistas é não utilizar perguntas que possam ser respondidas com sim ou não. As riquezas de detalhes nas respostas saem em perguntas que exigem exploração e descrição aprimorada.

Não há regras que possam ser aplicadas com frequências em todas as entrevistas, mas existem recomendações gerais. Tudo que é falado e revelado é importante e é necessário ouvir cuidadosamente, como se cada palavra dita fosse desdobrar em outras e visões de mundo. Objetos no espaço no qual ocorre a entrevista pode ser um fomento para a conversa. Faz-se necessário recordar sempre que o objetivo da investigação é a recolha de dados e a compreensão de diferentes perspectivas pessoais e não julgamentos instantâneos e mudanças no ponto de vista; esta compreensão se deve ao fato de haver durante uma entrevista conflito de valores, opiniões, discursos e ações, por isso é bom sempre lembrar o objetivo da investigação.

Também considerando que a entrevista é uma relação entre pessoas, a raça, sexo, idade, gênero e outras características do investigador podem influenciar no tipo de relação estabelecida, e é importante ser sensível aos efeitos que estas características pessoais possam ter nas entrevistas. A utilização do gravador é algo delicado, sempre que decida utilizar perguntar ao entrevistado se não incomoda de a entrevista ser registrada em áudio. As gravações sofrem rejeições por medo ou timidez do entrevistado, não se deve gravar sem autorização (BOGDAN e BIKLEN, 1994), o que também se fez presente por meio da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFTM (Apêndices).

As quatro entrevistas realizadas até o momento se deram de forma tranquila: foram apresentados e posteriormente assinados o TCLE para cada gestor de cada instituição pesquisada, permitindo a entrevista e o uso posterior destas no relatório de pesquisa. As entrevistas ocorreram de forma como planejado, houve um acordo entre o dia e o horário e foram realizadas nas instituições em que cada gestor trabalha. Foram gravadas por meio de um aparelho celular, somente o áudio, e a entrevista foi conduzida de modo que o entrevistador ficasse à vontade para pensar, refletir e questionar sobre as perguntas, houve intenso diálogo.

A partir de todo o contexto desenvolvido em vista os objetivos do trabalho optamos pela formulação de três eixos de análise que orientaram a construção do roteiro de entrevista e posteriormente da análise, assim como das fotos, sendo eles:

Eixo 1 - Concepção de Educação Patrimonial - diálogos entre o Quadro Teórico e os entrevistados sobre quais suas perspectivas a respeito da Educação Patrimonial e se esta é promovida/mediada na instituição em que estão inseridos;

Eixo 2: Ações Educacionais nos Museus - mapeamento quais os projetos e as atividades educacionais realizadas dentro destas instituições;

Eixo 3: Papéis Educacionais dos Agentes dos Museus: consoantes às ações educacionais dos museus, este eixo visa destacar as ações e funções dos agentes dos museus.

As apresentações dos participantes foram escritas com base no que cada relatou durante as entrevistas. Foi utilizada a sigla **MD** para identificar o primeiro gestor/museu que integra a pesquisa, **MZ** para o segundo, **MA** para o terceiro e **MS** para o quarto e último. MD é geólogo, possui doutorado em Ciências: Geologia e diretor do Complexo Cultural e Científico Peirópolis, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (Proext) da UFTM. MZ é graduado em História, especializado em História do Tempo Presente e Gestão Pública, também é Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atuou por dez anos em uma faculdade particular do município e atualmente é gerente executivo do Museu do Zebu, historiador do espaço e do arquivo público de Uberaba.

MA possui graduação em Arquitetura, especialização em arte e desenho, artista plástico, trabalha com pintura, escultura e cerâmica, funcionário da Fundação Cultural e coordenador do Museu de Arte Sacra - MAS. MS possui formação na área de ação cultural, um dos pioneiros a atuar na área cultural de Uberaba de forma mais explícita, artista plástico e coordenador do Museu de Arte Sacra.

2.2. AS PERCEPÇÕES DO PESQUISADOR SOBRE OS LOCAIS

Nesta etapa do trabalho são expostas as percepções do pesquisador em relação aos locais nos quais foram realizadas as entrevistas e também de que maneira foram conduzidas, quais sentimentos emergiram: a ordem das percepções em relação à entrevista e espaço segue a ordem na qual as entrevistas foram realizadas.

A primeira entrevista foi realizada com MD e ocorreu no Complexo Cultural e Científico de Peirópolis. A decisão de iniciar as entrevistas por esta instituição se deu pelo estreito laço do pesquisador/entrevistador com a instituição, já havia participado de projetos e se graduado na instituição que hoje coordena e tem parceria com o museu e o complexo. O contato se deu por meio de telefone e por e-mail; o entrevistado foi muito solícito e entramos em um acordo sobre o melhor dia e horário para a entrevista. Como dito neste parágrafo, a

entrevista foi realizada no complexo, que situa no bairro de Peirópolis, às margens da BR-262, havendo um ônibus circular que vai até Peirópolis e o bairro de Ponte Alta, transporte este utilizado pelo pesquisador para deslocar-se ao local onde foi realizada a entrevista. Conhecia o local, estava um pouco ansioso por ser a primeira entrevista e com receio de como iria fluir, se iria conduzir de modo satisfatório e se iria contemplar o que eu estava buscando. A entrevista ocorreu na sala onde o gestor realiza suas atividades relacionados ao seu cargo dentro da instituição, localizado dentro do complexo. Este espaço é um ambiente de pesquisa, próximo a réplicas de dinossauros e preguiça gigante e também funciona um setor administrativo, por esta razão havia certa movimentação e interrupções durante a entrevista, porém não houve prejuízos, o entrevistado me deixou bastante confortável durante a conversa e respondeu a todas as perguntas.

A segunda entrevista foi realizada com MZ, aconteceu nesta sequência pela facilidade de contato com o gestor do espaço por meio de redes sociais, como já havia esta facilidade consequentemente o agendamento foi tranquilo e marcado em comum acordo entre ambos. Para esta entrevista estava menos nervoso, tentei me manter calmo e aproveitar o espaço e o momento que foi cedido para extrair da melhor forma os elementos necessários à pesquisa. A entrevista ocorreu de modo dinâmico e bem interessante, o espaço em que foi executada foi no próprio Museu do Zebu, a primeira parte ocorreu em uma sala, algo como uma sala de reuniões, o entrevistado dialogou bastante, mostrava imagens que havia na parede da sala, contava um pouco da história.

Como o entrevistado era o gestor daquele espaço havia interrupções, problemas a serem resolvidos, mas nada que atrapalhasse efetivamente a entrevista: em seguida, MZ me convidou para conhecer o museu e durante a visita por ele guiada dialogamos sobre o museu e ali mesmo eu ia encaixando perguntas que estavam previstas no roteiro. A terceira e última etapa daquele dia ocorreu no entorno do museu, mostrado em fotos na próxima seção deste trabalho; o diálogo no entorno foi bem proveitoso porque me foi mostrado o entorno e o que o representava. Os diálogos foram extensos e não possíveis de serem encerrados em um dia, então fui convidado a voltar para encerrar a entrevista. Novamente marcamos um horário comum a ambos e assim foi realizado o restante da entrevista em outro dia, desta vez em uma sala onde o gestor cumpria suas obrigações da instituição: também respondeu a todas as perguntas, dialogou com o que surgia no decorrer da entrevista.

As entrevistas comentadas anteriormente foram realizadas antes do exame de qualificação e as duas faltantes foram realizadas posteriormente. Não houve uma justificativa para a ordem de realização, a primeira seria realizada com o gestor que tivesse disponibilidade

primeiro, e assim aconteceu a entrevista com MA. Conforme o passar das entrevistas já me encontrava menos nervoso e mais entusiasmado com as seguintes, curioso para saber o que iria encontrar, tanto em termos de espaços físicos e tanto quanto em diálogo com os gestores.

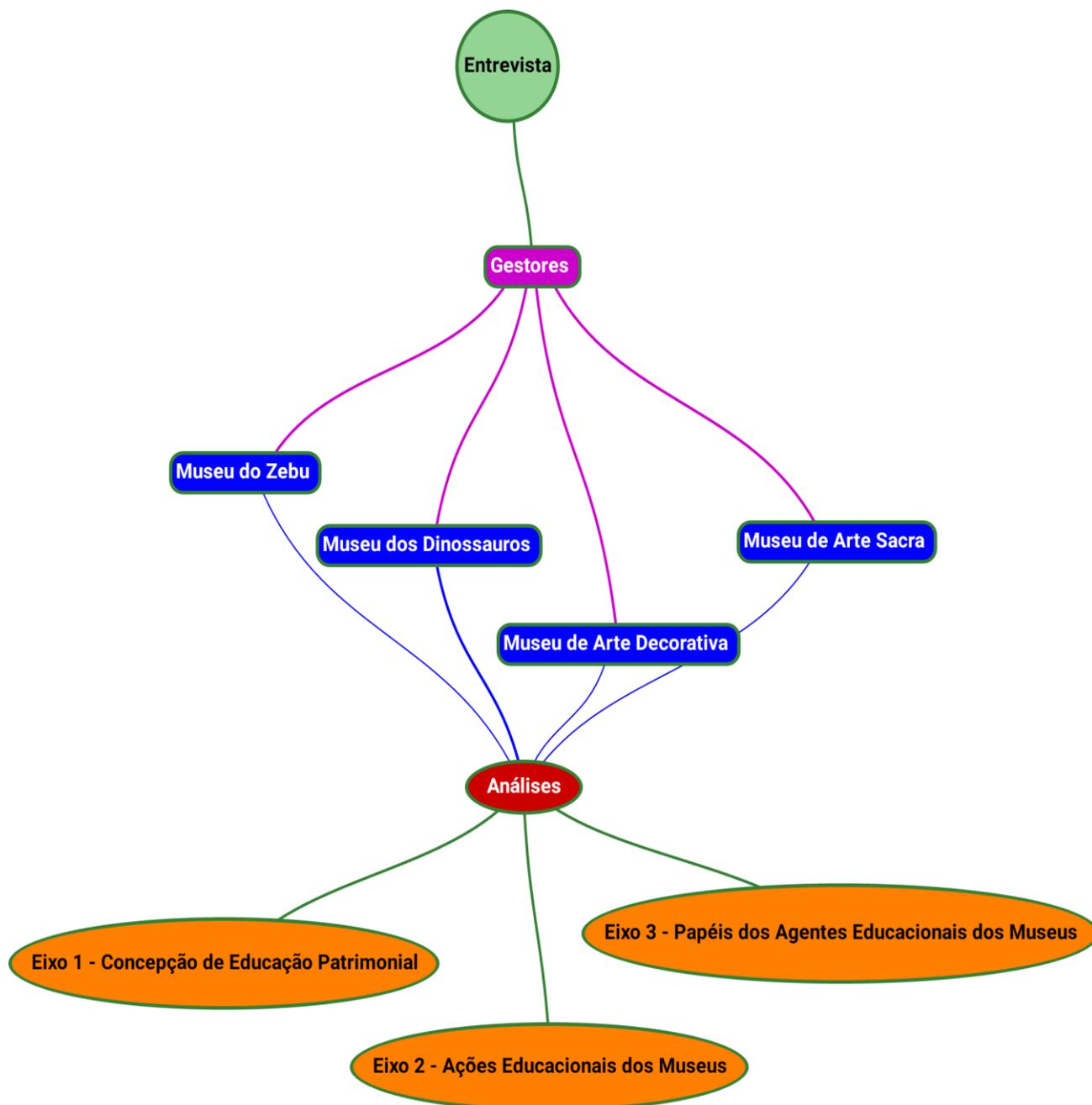
Novamente o entrevistado foi solícito, dialogou e expôs as problemáticas enfrentadas pelo museus e instituições que o cercam e apontou desejos e projetos. A entrevista fluiu sem interrupções, o ambiente era agradável, calmo e silencioso: foi realizada na biblioteca situada dentro do Museu de Arte Decorativa, cômodo original da casa com 100 anos de existência, mesmo cômodo mostrado por meio de fotos no capítulo seguinte.

A última entrevista foi realizada com MS no Museu de Arte Sacra, o contato se deu por telefone, marcamos um dia e fui até o local. O gestor já me aguardava e me convidou para sentar no entorno do museu, ao ar livre e realizar a entrevista ali mesmo. Destaque-se novamente a localização geográfica do museu, conforme será mostrado por meio de fotos no capítulo seguinte, uma vez que está localizada no centro da cidade e próximo a uma avenida extensa e bastante movimentada. Durante a entrevista, MS foi atencioso e dialogou sobre o museu e as questões levantadas, a conversa ocorreu de modo tranquilo e sem interrupções mas, por ter sido realizada ao ar livre, no momento da transcrição houve dificuldades pelo barulho do vento que o gravador captou durante todo processo, mas nada que prejudicasse o conteúdo da conversa.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

Para apresentar este capítulo é trazido um mapa conceitual (Figura 19) que sistematiza como está organizado o capítulo, juntamente com os procedimentos desde a entrevista com cada gestor e as análises dentro de cada eixo.

Figura 19 - Mapa conceitual elaborado pelo autor com base no programa SchematicMind



Fonte: Do autor, 2018

3.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Ao ser questionado sobre se a instituição em que atua está preparada para mediar um processo de educação patrimonial da população, MZ relata que buscam este tipo de mediação fundada na educação patrimonial:

“...Eu pelo menos tenho uma preocupação muito grande com essa questão, porque eu entendo... voltando à questão que o museu é um lugar de memória, o parque como um todo é um espaço de memória, nós buscamos decodificar esses ambientes ou esses referenciais da memória, porque se você não codifica meu amigo, se você não faz uma educação patrimonial, você não treina o olhar”.

Quando MD foi questionado se a instituição que ele atua estaria organizada para mediar o processo de educação patrimonial, este não respondeu à pergunta diretamente e reafirmou sua insatisfação de não haver monitores/mediadores na instituição/museu que ele atua e as consequências que a ausências destas pessoas causam.

“...porque não tem visita sem mediador, do jeito que a exposição está montada se ela não estiver um mediador a pessoa entra aqui bate lá no fundo em 10 minutos, mas se tiver uma pessoa para explicar, contar histórias e “passar o verniz na coisa” ela fica durante... nesse espaço que a gente pensa, a pessoa interessada ela tem uma permanência de duas horas se ela for interessada e se o guia for bom, tem que ser uma pessoa que motiva”.

Já MA foi enfático em dizer que não e em seguida explicou que um dos motivos é a falta de investimentos e capacitação dos funcionários:

“(...) eu acho que ainda falta um investimento, eu acho que falta uma preparação dos funcionários em si, para que saibam do assunto, saiba conversar sobre assuntos, saiba explicar, dar as informações corretas”.

MA ainda abrangeu sua fala para o restante da cidade, destacando que em Uberaba há apenas um museólogo no quadro de servidores do município, o que acarreta sobrecarga para este profissional:

“...eu acho que ainda falta muito, porque nós temos agora o museólogo que é lá do Memorial Chico Xavier, porque ele é um museólogo, mas ele sozinho não dá conta de todos os museus da cidade, então eu acho que essa parte de

museologia na cidade ainda é muito falha entendeu, falta muito, então eu acho que não está muito preparado ainda para tudo isso”.

Quando MS foi questionado sobre a mediação de um processo de educação patrimonial na instituição onde atua, sua resposta foi negativa:

“Não, nós não temos funcionário, embora uma seja formada em História, eu tenho um pouco de conhecimento geral..., mas eu acho que a gente não passa vergonha não, no sentido de atender estas pessoas. Precisa de um educador, que faça este contato...”

As falas de MA e MS foram muito próximas quanto à resposta negativa sobre o preparo das instituições nas quais atuam para mediar um processo de educação patrimonial, evidenciando a questão da falta de funcionários e de capacitação da equipe.

Ainda que MA afirme que o museu não está preparado para promover/mediar a educação patrimonial, observamos pontos positivos no espaço e nas exposições dos aparatos. Na entrada do museu, por exemplo, é colocada uma placa, como pode ser observado na Figura 20, contendo informações gerais sobre a casa e nota-se também que os aparatos estão identificados e descritos, conforme Figuras 21 e 22. Isto fica presente em sua fala quando questionado sobre as identificações dos aparatos.

“Toda exposição que a gente monta a gente procura colocas as legendas e etiquetas ao lado né até para no mínimo por exemplo com o nome do artista e o de onde é esse artista, pelo menos isso...”

Figura 20 - Placa exposta na entrada do museu com informações sobre o local



Fonte: Do autor, 2018

Museu de Arte Decorativa

Vila dos Eucaliptos

Bem Tombado como Patrimônio Cultural e Histórico de Uberaba

Decreto nº 1554/1999

A casa foi projetada e construída pelo Dr José Maria dos Reis, seu proprietário, em 1916. Constituiu um exemplar da arquitetura eclética, com influência das construções tipo chalet. Apesar de poucos ornamentos nas fachadas, é em seus interiores que várias artes são reveladas. A principal a pintura parietal da Santa Ceia, assinada por Reis Júnior em 1920, encontra-se na sala de jantar. Atualmente na casa, funciona o Museu de Arte Decorativa, que conserva as características originais da edificação e de seus ambientes.

Figura 21 - Exposto no Museu de Arte Decorativa - MADA



Fonte: Do autor, 2018

Figura 22 - Aparato exposto no Museu de Arte Decorativa – MADA



Fonte: Do autor, 2018

A fala de MD vai ao encontro do que Queiroz e colaboradores (2002) destacam quanto à importância dos mediadores para surpreenderem e envolverem as pessoas ali presentes. MD tocou no assunto sobre educação patrimonial quando foi questionado se as mediações são adaptadas ao público, ou seja, se as conduções das mediações são alteradas em caso de públicos distintos. Vale ressaltar que a instituição não conta com mediadores/monitores atualmente, então este questionamento foi referente ao período no qual havia mediadores/monitores na instituição:

“Claro, têm linguagens diferentes. Isso aqui, outra coisa tem que ter um pedagogo, toda exposição tem que ter um pedagogo, por exemplo para criança você não vai usar termo igual para uma criança de 12 e 18, universitário ou turista, o mediador tem que sentir no turista ou no visitante qual a linguagem ele tá pronta para receber interagir e motivar, se não fica uma conversa enfadonha que com 5 minutos o cara vai embora e deixa você falando sozinho. Nós já tivemos pedagogo aqui antes de ser da UFTM, ele calibrava a fala, preparava as atividades, eu acho que para ter um bom aproveitamento do museu a nível de escola, não pode ser só a vinda aqui, o certo é o seguinte: “a escola quer vir?” Então ela deveria agendar, a gente deveria passar o material para ela, para ela preparar em duas ou três aulas que os alunos viriam, vir fazer a prática e depois fazer uma avaliação e discussão para consolidar o conhecimento, aí não é só turismo, é educação patrimonial”.

Neste excerto, MD dialoga com os saberes da mediação descritos por Queiroz e colaboradores (2002), sobre a importância da formação para mediação. Já MZ liga a educação patrimonial a um processo que faz o ser refletir o local juntamente com suas importâncias e memórias, ver além do que está posto, problematizar e identificar o espaço. Isto fica claro em sua fala:

“(...) mas a educação patrimonial nada mais é do que fazer as pessoas verem além do superficial, conhecer além do que... a gente passa pelo mesmo lugar todo dia e não tem um olhar sobre aquele lugar, então a educação patrimonial tem um papel de despertar, de abrir os olhos, ir mais a fundo, e fazer com que as pessoas reflitam sobre a memória do local, a importância do local, o que que subentende daquele lugar de memórias”.

A fala de MZ vai ao encontro do pensamento de Horta, Gunberg e Monteiro (1999) quando entendem que a educação patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural, a qual viabiliza a leitura do mundo e o seu redor. MZ também acredita que o entorno do museu acrescenta de forma positiva para este processo.

“...então a gente identifica os ambientes, os monumentos, as edificações, as árvores e sempre buscam também fazer atividades com as crianças na produção de revista, na contação de histórias e por aí vai, crianças, adultos e jovens para que se possam ter um olhar maior...”

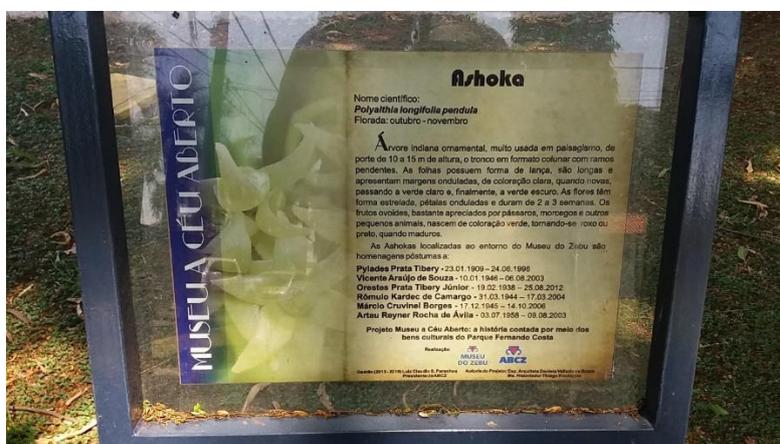
A esse respeito a Figura 23 apresenta uma espécie de árvore, cujo nome popular é Ashoka, e que se encontra no entorno do Museu do Zebu de modo a embelezar e trazer informações a quem passa por ali. As mesmas servem de homenagem póstumas a pessoas que tiveram alguma ligação com o Parque Fernando Costa, como é possível ver na identificação da espécie (Figura 24).

Figura 23 - Árvore Ashoka, localizada no entorno do Museu do Zebu



Fonte: Do autor, 2017

Figura 24 - Identificação de uma espécie de árvore no entorno do Museu do Zebu Edilson Lamartine Mendes



Fonte: Do autor, 2017

Ashoka

Nome científico: *Polyalthia longifolia pendula*

Florada: outubro – novembro

Árvore indiana ornamental, muito usada em paisagismo, de porte de 10 a 15 m de altura, o tronco em formato colunar em ramos pendentes. As folhas possuem forma de lança, são longas e apresentam margens onduladas, de coloração clara, quando novas, passando a verde claro e, finalmente, a verde escuro. As flores têm forma estrelada, pétalas onduladas e duram de 2 a 3 semanas. Os frutos ovóides, bastante apreciados por pássaros, morcegos e outros pequenos animais, nascem de coloração verde, torando –se roxo ou preto, quando maduros.

As Ashokas localizadas ao entorno do Museu do Zebu são homenagens póstumas a:

Pylades Prata Tibery – 23.01.1909 – 24.06.1996

Vicente Araújo de Sousa – 10.01.1946 – 06.08.2003

Orestes Prata Tibery Júnior – 19.02.1938 – 25.08.2012

Rômulo Kardec de Camargo – 31.03.1944 – 17.03.2004

Márcio Cruvinel Borges – 17.12.1945 – 14.10.2006

Artau Reyner Rocha de Ávila – 03.07.1958 – 09.08.2003

Projeto Museu a Céu Aberto: a história contada por meio dos bens culturais do Parque Fernando Costa

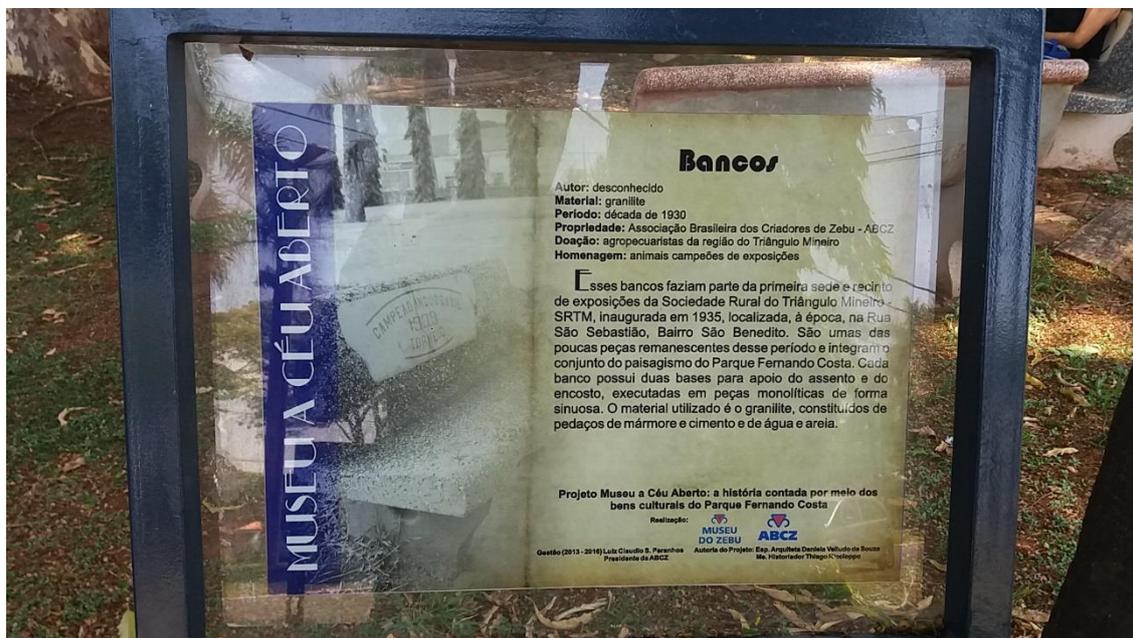
Os bancos (Figura 25) instalados em frente ao museu são utilizados pelas pessoas que frequentam o parque. Nota-se pela identificação (Figura 26) que são objetos pertencentes à primeira sede e recinto de exposições da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, inaugurada em 1935, representado pela Figura 27 um monumento exposto ao entorno do Museu do Zebu dentro do Parque Fernando Costa.

Figura 25 - Bancos localizados no entorno do Museu do Zebu Edilson Lamartine Mendes dentro do Parque Fernando Costa



Fonte: Do autor, 2017

Figura 26 - Identificação dos bancos que ficam no entorno do museu



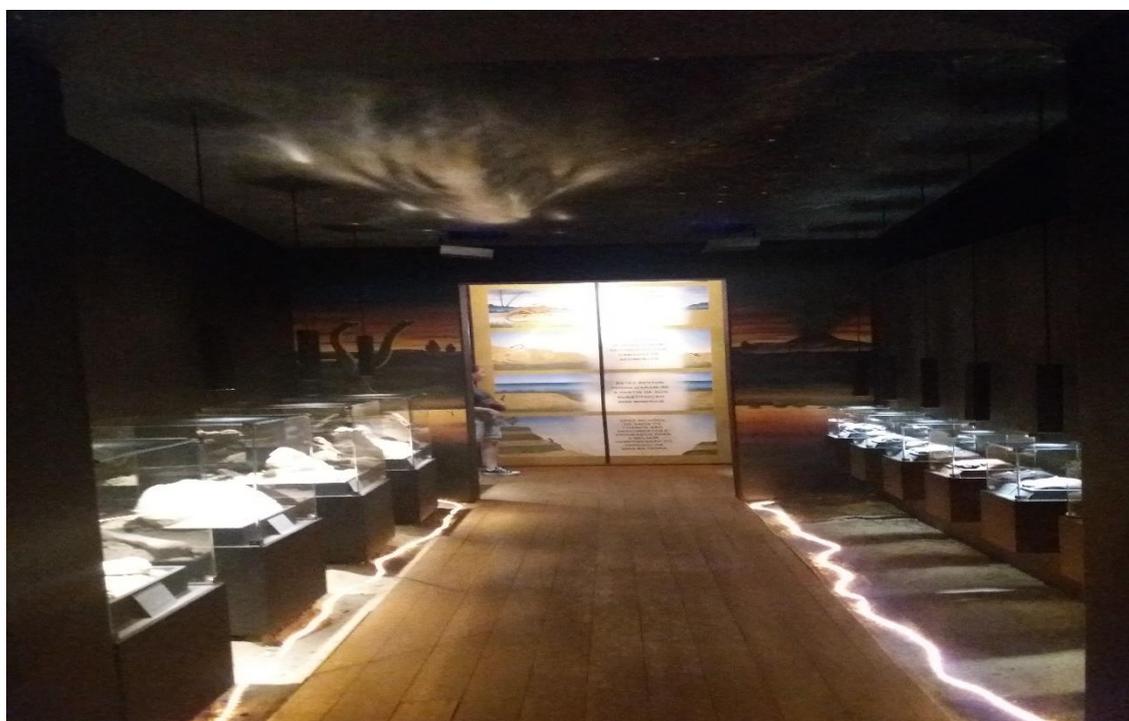
Fonte: Do autor, 2017

As fotos acima mostram a preocupação do museu na estruturação e identificação de seu entorno, confirmando a fala de MZ que acredita que o entorno do museu acrescenta de

forma positiva para o processo de educação patrimonial. Nas fotos podemos ver a identificação das árvores, bancos e monumento.

A Figura 27, que retrata o interior do Museu dos Dinossauros, de forma mais ampla e sem foco em detalhe algum, mostra a preocupação da instituição em deixar o espaço bem iluminado e temático por meio das peças em exposição, areia no chão e configuração das paredes. A areia presente nas exposições representa o solo calcário da região, um solo que possibilita a presença de fósseis; outra curiosidade a ser levantada é sobre as pinturas feitas à mão nas paredes internas do museu. Traz a valorização do artista, uma proximidade com as pessoas que ali passam e a preocupação do museu em trazer esta representação para o museu.

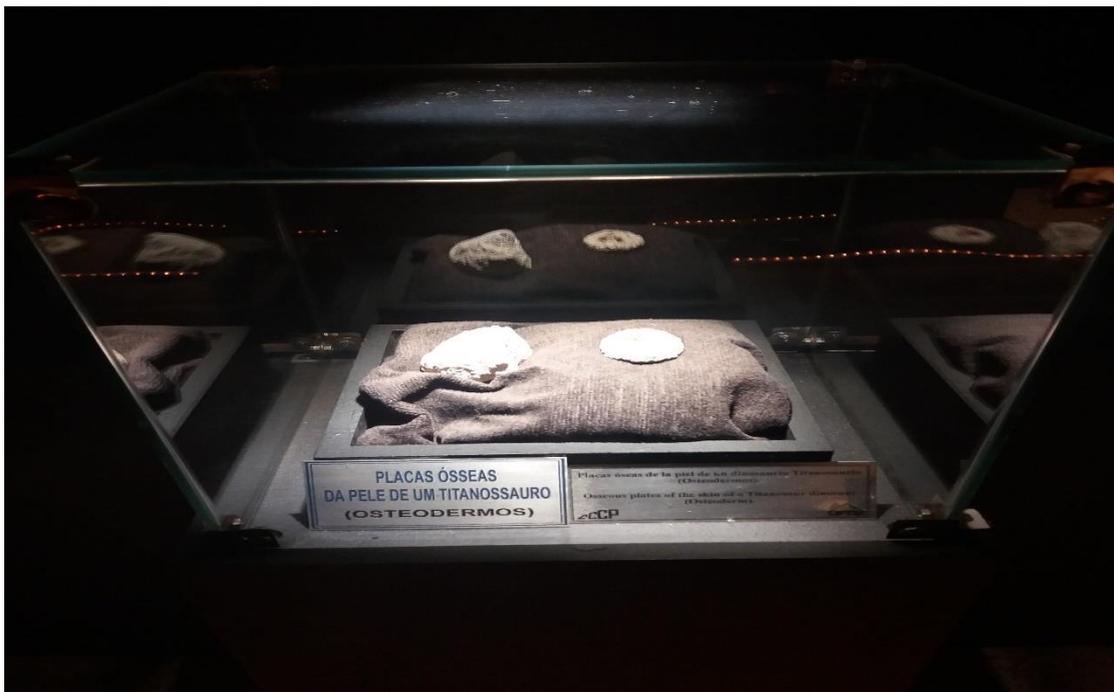
Figura 27 - Foto amplas do Museu de Peirópolis com vários aparatos em primeiro plano



Fonte: Do autor, 2017

A Figura 28 mostra um aparato mais próximo e observa-se estar com uma placa de identificação e dentro de uma “caixa” de vidro, buscando a sua exposição e ao mesmo tempo preservação.

Figura 28 - Aparato exposto com identificação no Museu de Peirópolis



Fonte: Do autor, 2017

A Figura 29 mostra réplicas de dinossauros expostas no gramado em frente ao Museu de Peirópolis, destacando-se que estes objetos não estão identificados.

Figura 29 - Réplicas de dinossauros exposta no entorno do Museu de Peirópolis



Sobre a temática abordada pelos espaços, MA garante que o museu que gere não aborda uma temática específica; MD, no entanto, relata que é bem específico da área de paleontologia, mas não foi criado para atender a um tipo de público específico. Sobre o MADA, afirma MA:

“ele é um museu aberto a todas as manifestações artísticas, eventos musicais, lançamentos de livros, enfim... é um museu mais aberto, não é específico sobre um tema”.

A entrevista com MA foi realizada em uma biblioteca (Figuras 30 e 31) e, em seu decorrer, questiono se os livros eram da família que ali já morou e, então, que MA relatou sobre tais aparatos presentes no museu:

“A única coisa presente na casa hoje original da família é esta biblioteca, todos os móveis, lustres, todos objetos que tem na casa foram adquiridos posteriormente, após a criação do museu, para acervo do museu, mas ele nasceu com esse intuito, de ser o museu da casa...”

Figura 30 - Biblioteca com objetos originais da família que viveu onde hoje é o Museu de Arte Decorativa



Fonte: Do autor, 2018

Figura 31 - Biblioteca com objetos originais da família que viveu onde hoje é o Museu de Arte Decorativa



Fonte: Do autor, 2018

Quando MS foi questionado se o museu onde atua foi aberto para atender algum tipo de público específico, foi enfático em dizer que não, conforme sua fala a seguir:

“Não, aqui o público é super diversificado mesmo o museu estando acontecendo dentro da igreja, dentro do espaço que é uma igreja, ele é um espaço de oração, também tem muita gente vem para rezar e não sabe que isso aqui é um museu, embora tenha 30 anos não deu tempo, digamos, das pessoas saberem que isto é um museu de arte sacra, único do Triângulo Mineiro”.

O museu onde MS atua tem um ponto em comum com MD: ambos protegem e preservam seus aparatos em “caixas de vidro”. Com uma visão panorâmica da entrada do museu (Figura 32) observamos vários artefatos sendo expostos e protegidos, o mesmo acontece com a réplica da Igreja de Santa Rita (Figura 33), feita na técnica de adobe representando uma de suas primeiras versões, tal réplica representa a igreja onde o MAS está localizado.

Figura 32 - Visão panorâmica vista do espaço a partir da porta principal do Museu de Arte Sacra



Fonte: Do autor, 2018

Figura 33 - Réplica mostrando as primeiras versões da Igreja, feita em adobe



Fonte: Do autor, 2018

A fala de MZ é aderente aos documentos redigidos por especialistas em educação e patrimônio, uma vez que se pensa além do museu, pensa em seu entorno, ir além dos aparatos, problematizar e conservar, ao passo que para MD, ainda que haja um vínculo muito forte com patrimônio e museu, mostra preocupação com seus espaços em termos de iluminação, identificação dentro do museu e ambientação dos espaços, mas relata a falta de mediadores e de preocupação com seu entorno. A fala de MA e MS são muito próximas quando tratam do processo de educação patrimonial, ambos afirmam não estar preparados para este processo, pela falta de profissionais e de capacitação.

3.2 AÇÕES EDUCACIONAIS DOS MUSEUS

Os quatro gestores/educadores acreditam que o museu é um espaço para que a população leiga se eduque. Quando questionado em quais espaços a população em geral poderia se educar, MZ mostrou certa insatisfação com o espaço do museu.

“...a gente é um espaço singelo, simples, mas não é isso que eu acho que tem que ser, eu acho que o museu tem que estar à altura que é o legado do próprio Zebu no mundo, não é no Brasil, é no mundo, isso é uma coisa que a representatividade nossa aqui é muito maior do que nós imaginamos, do que normalmente a gente imagina, o Zebu brasileiro é referência no mundo, eu tô falando de genética eu tô falando de legado, o zebu brasileiro constitui o rebanho da Bolívia, da Guatemala, da Costa Rica, do México, do Paraguai, da Colômbia, do sul dos EUA, não é pretencioso isso que estou te falando, é história, tá?”.

Continuou discorrendo sobre o quão abrangente é o papel de divulgação do museu:

“É relações internacionais que constituíram nos últimos anos, e que hoje a referência para o mundo tropical é o Zebu brasileiro, então veja o museu tem que ter ... evidentemente a gente não vai conseguir falar de tudo, mas a gente tem que ter uma noção de que estamos ainda muito aquém do que deve ser...”

Voltamos novamente na questão, desta vez mais diretamente, e perguntei para MZ se o museu seria um espaço para educação da população leiga em geral e, em seguida, tive a sua confirmação. MD, quando questionado sobre o assunto, foi direto ao ponto, como podemos ver em sua resposta:

“Eu acho que o museu é o melhor espaço para que a população leiga começa a entender sobre ciência e valorizá-la, quem não conhece não valoriza, quem nunca visitou um museu de paleontologia nunca vai dar valor a um fóssil, do momento que ele visitar o primeiro contato. Os museus são espaços para a população leiga. A exposição não é feita para paleontólogo, paleontólogo que vem aqui fica vendo fóssil, dentro da coleção científica, vai no laboratório, vai na escavação, então o espaço cultural museu é o espaço de inclusão do leigo para a ciência e para a valorização dos aspectos científicos educacionais culturais é toda a questão que o museu aborda”.

Tais perspectivas em comum dialogam com a posição de Rebello (2001), autora que ressalta que os museus vêm se tornando vias de alfabetização científica dos cidadãos e com Marandino (2008) que destaca os museus de formas diferentes o papel educativo destes espaços.

MA, ao longo da entrevista, também afirma que o museu é um espaço onde a população pode se educar. Tal gestor mostrou preocupação com a relação universidade/comunidade/museu.

“Eu acho que tem a universidade por exemplo, elas deveriam ser muito mais ativas na comunidade, então por exemplo o museu está aqui ele é uma fonte de pesquisa é uma fonte, enfim é um espaço para que a universidade usufrua”.

O gestor reforçou que falta as universidades ocuparem estes espaços, e se mostrou solícito em abrir o espaço que gere para a comunidade acadêmica, inclusive em horários alternativos ao de funcionamento do museu, como podemos observar em sua fala abaixo.

“Então eu acho que deveria ter, vamos dizer assim, uma... vontade maior da universidade em fazer isso entendeu, porque a gente sempre tá aberto a um grupo de universitários, que vem às vezes em horário totalmente diferente, a gente tenta porquê... quando é horário diferente às vezes a pessoa fala “você dificultam”, não é que dificulta, mas para mim trazer um funcionário, estar aqui fora do meu horário do serviço eu preciso de uma autorização, porque qualquer coisa que aconteça no museu...”

Ainda em sua fala MA demonstra ser responsável por qualquer coisa que aconteça fora do horário tradicional no qual o museu se encontra aberto, mesmo assim mostra-se dedicado a atender fora destes horários.

“Fora desse horário eu sou exclusivamente o responsável, entendeu?! E alguma coisa que aconteça comigo a fundação é responsável né, então sempre é mais difícil mesmo, mas a gente nunca se negou a abrir em determinados horários, vamos supor uma turma estuda em tal horário, ele não pode... a gente sempre tentou viabilizar isso, né?”

Para MZ, quando questionado sobre como são conduzidas as exposições, principalmente no caso de públicos distintos, relatou projetos e dinâmica de funcionamento:

“Vamos dizer assim, não é uma forma tão determinada para seleção de público, é lógico. Eu recebi aqui ontem crianças de 5 anos, aí primeiro eu trabalhei com as professoras, eu mesmo né... e aí elas transferiram essas informações para as crianças, agora gente busca ter sim... até então a gente tinha uma historiadora aqui que saiu, então a gente busca ter um projeto mais focado para criança, que é uma linguagem especial, mas nem sempre essa forma é tão clara, se a gente tem um tempo maior para trabalhar ou uma programação de um projeto isso funciona melhor, especialmente quando entra dentro de um projeto”.

As ações ainda não são totalmente satisfatórias porque faltam profissionais, como pode se observar na fala de MZ, porém é possível destacar pontos positivos quando relata que trabalhou primeiro com as professoras e depois as professoras trabalhavam com as crianças. Nota-se uma preocupação com a linguagem adequada para os visitantes e conhecer o conteúdo que os visitantes estão interessados ou trabalhando por meio do contato com as professoras. Tais ações dialogam com Queiroz e colaboradores (2002), em tornar o conteúdo acessível ao público e o de conhecer o conteúdo a ser mediado.

MD lembrou de quando a instituição tinha um pedagogo na equipe e a importância da adaptação de linguagens para o tipo de público:

Claro, têm linguagens diferentes. Isso aqui, outra coisa tem que ter um pedagogo, toda exposição tem que ter um pedagogo, por exemplo para criança você não vai usar termo igual para uma criança de 12 e 18, universitário ou turista, o mediador tem que sentir no turista ou no visitante qual a linguagem ele tá pronta para receber interagir e motivar, se não fica uma conversa enfiada que com 5 minutos o cara vai embora e deixa você falando sozinho, nós já tivemos pedagogo aqui antes...”

O posicionamento de MZ em relação à adaptação de conteúdo é a mesma de Queiroz e colaboradores (2002), ou seja, é algo que precisa ser feito. Em seguida falou de um projeto que envolve o público universitário:

“...nós temos um trabalho muito claro com jovens, então vem muitos universitários aqui... especialmente durante as feiras, universidades do país inteiro, então as vezes nós temos uma palestra técnica dentro daqui que eles querem, que eles esperam aprender na ABCZ, então vem um técnico da ABCZ e fala sobre raça, melhoramento genético, sobre tecnologia.... Faz um passeio pelo parque e também a gente faz uma apresentação do museu, então isso aí é um projeto, por exemplo Zebu na universidade, que o museu toca, mas a ente dialoga com a ABCZ para caminhar junto, e funciona muito bem, nós recebemos muitos grupos assim, estes grupos agendam fora de... por exemplo desses eventos, as vezes eles vêm”.

MD expôs que o museu estava sem mediadores e disse que não há visita sem mediadores. De acordo com sua fala:

“(...) a gente nesse momento não está com mediadores e a gente vai ter que resolver isso, porque não tem visita sem mediador...”

Surge então uma problemática: para Cazelli (1997) e Falcão (1998) o mediador é essencial, já que tornam o conhecimento acessível aos visitantes, o mesmo para Gebest e Boley (1998) que consideram os mediadores se museus animadores culturais, desenvolvem estratégias desde o primeiro contato com os visitantes buscando o interesse destes.

Em outro momento, quando questionado se o museu proporcionava um elo entre a população não acadêmica com a cultura científica e de que forma isto poderia ser percebido, MZ aproveitou para falar de um projeto *online*, uma espécie de banco de dados:

“...a organização dos nossos documentos é essencial para que quebre este ponto, que eu falo que existe poucos estudos sobre o assunto, então abrir os arquivos já é um ponto importantíssimo, então nós já estamos disponibilizando isso na internet, hoje através do site zebu.org que é o centro de referência da pecuária brasileira, e agora num projeto que chama Zebu.DOC nós estamos recolhendo acervos da agropecuária, aproveitando da nossa vontade e interesse e buscando criar um grande banco, vamos dizer um grande arquivo não só da instituição mas de coleções particulares daqueles criadores que guardaram suas memórias, de moradores de Uberaba, comerciantes de gados, famosos mascates, entrevistando pedindo doações, juntando acervo museológico, mas acervo arquivístico documental, fotográfico, dentro de toda a dimensão que envolve o documento, o documento é categorizado por vários gêneros.”

Esta fala de MZ sobre este acervo digital dialoga com Henriques (2014) e seu pensamento sobre museu virtual: não que este seja este o caso, porém há um viés em comum,

na criação e disponibilização deste acervo, um diálogo entre o público e o patrimônio, que não o limita ao espaço físico, fazendo com que atinja mais pessoas. Quando perguntado sobre o que a comunidade deveria saber a respeito da temática do museu, MZ manifestou:

“No entanto o debate da tecnologia e do conhecimento é muito importante para a ABCZ e pro museu também e todos os nossos programas a gente prevê isso, como estimular condições para que as pessoas fiquem no campo também, esse é um outro ponto”.

MA quando indagado sobre o que a comunidade deveria saber em relação ao museu e a temática ali divulgada, não adentrou a nenhuma temática e levantou a problemática da baixa visitação ao museu:

“Na verdade, a população de Uberaba precisava conhecer o museu, porque o museu tem uma visitação muito baixa, se você for ver a população da cidade, os uberabenses vão muito pouco aos museus, pelo menos aqui no MADA eles vêm muito pouco”.

Em seguida MA revela o desinteresse da população da cidade em visitar o museu:

“Então eles vão muito pouco ao museu, aqui museu ele recebe mais pessoas turistas, pessoas de fora que estão passando ou o parente dele de Uberaba traz ele, o parente não conhece, às vezes nem entra, fica lá de fora dentro do carro esperando os parentes que tão visitando o museu...”

Ao longo da sua fala e ao levantar a problemática da visitação e desinteresse da população, aponta um aspecto positivo sobre as visitas guiadas, que acontecem na instituição com escolas dos diversos níveis e modalidades de ensino.

“...a gente conta também com a visitação das escolas a aí a gente faz visitas guiadas agendadas pré-agendadas, com escolas municipais, estaduais e particulares, inclusive com cidades vizinhas...”

Ambas as falas e posicionamentos deixam claro o museu como espaço de formação da população em geral.

3.3 PAPÉIS DOS AGENTES EDUCACIONAIS DOS MUSEUS

Ao ser questionado como se deu a escolha dos aparatos que compõem a exposição, MZ relatou:

“Então às vezes a temática está relacionada com a preocupações da ABCZ para a Expozebu daqui de ano, isso também acontece... as questões que estão sendo debatidas... esse ano para falar do mundo tropical houve um encontro aqui com a Federação Internacional de Sêmen Zebu, a FISEBU, então a gente aproveita dessas discussões pra que a gente tenha também “estaca” para que o museu não fique isolado, perdido na Expozebu e no que a Exposição está fazendo...”

A fala de MZ evidencia que o museu em sua exposição dialoga com o Parque Fernando Costa (ABCZ), para que as discussões e interesses andem juntas. Certamente iremos ouvir a história do gado, do zebu de acordo com os grandes proprietários e produtores, pessoas influentes neste meio. Há relação com a afirmação de Tamanini (2015), que relata o fato de as instituições carregarem traços elitistas, decidindo também o que deve ser lembrado e de que forma deve ser lembrado. MD relatou que as peças são escolhidas pela beleza e representatividade museal, como podemos perceber em sua fala:

“As peças. A gente escolheu as peças que tem beleza e representatividade museal, não adianta por uma peça feia, o fóssil que chama mais atenção da exposição é o crocodilo inteiro, você tem 60% do esqueleto, aí a pessoa enxerga um crocodilo, um osso é um osso isolado...”

Não mencionou peças que os visitantes possam manipular, o que diverge da perspectiva de Queiroz e colaboradores (2002), quando estes se posicionam favoravelmente a que os visitantes manipulem os aparatos. O museu tem suas funções e o seus papéis sociais a serem seguidos. MZ relata um pouco do papel social da instituição:

“...então a ABCZ tem um trabalho de marketing que o museu entende também como necessário e como um papel do museu, que é levar carne e leite para a população, esse é um papel social muito importante. Porque? Como que leva carne e leite para a população? Só existe um caminho, aumentando a produtividade e aí os caminhos do aumento da produtividade passa pela ciência, e o debate sobre a ciência, a ABCZ está amplamente envolvida. Então é no melhoramento do gado? É, mas é na nutrição, é na integração lavoura e pecuária, no desenvolvimento

sustentável porque parece que ninguém do outro lado está preocupado com isso...”

Em sua fala acima nota-se uma perspectiva do museu como um espaço de mercado e não em uma perspectiva educacional, em sua fala a concepção museológica é a de mercado. Este posicionamento fica evidente quando em sua fala traz o termo marketing, oriundo da área de administração e não da educação, além de ligação direta com o lucro. Para embasar tal afirmação, abaixo uma definição de marketing pelo Philip Kotler, americano, autor, professor e consultor da área.

O Marketing é a ciência e a arte de explorar, criar e proporcionar valor para satisfazer as necessidades dos clientes de um mercado-alvo com rentabilidade. O marketing identifica necessidades e desejos insatisfeitos. Ele define, mede e quantifica o tamanho do mercado identificado e seu potencial de lucro. Identifica com precisão quais os segmentos a empresa tem capacidade de servir melhor, além de projetar e promover os produtos e serviços adequados" (KOTLER, 2005, p. 13).

MZ exalta a questão do zebu como sendo o zebu brasileiro referência no mundo. MD mostra uma certa preocupação na melhoria de vida do entorno do museu, não fala diretamente que é uma função social da instituição, mas fica evidente em seu discurso:

“...o negócio é, valorizar o patrimônio geológico, ecológico, histórico e cultural, como elemento que propicie melhor qualidade de vida aos moradores, através da geração de postos de trabalho e mecanismos, né, você tem hoje, as doceiras, você tem aí um grupo que está agora envolvido com amor de bordado, então está se preocupando em capacitar o pessoal para o artesanato, e isso você vai entender o porquê disso é que foi o motivo agora do lançamento do macro projeto de turismo de Uberaba chamado Geoparque de Uberaba...”

Quando MA foi questionado sobre quem pensava a exposição, disse haver um diálogo entre os funcionários da instituição que atua, da Fundação Cultural e o diretor do Museu de Arte Sacra. Além de relatar a existência deste diálogo, MA afirma que a escolha das exposições e aparatos traz um pouco da identidade e personalidade do gestor:

“Pra ver o que a gente mostra no ano, é lógico que tem um pouco daquilo que eu quero mostrar, então eu tenho interesse em mostrar por exemplo um artista contemporâneo esse ano, então entre as exposições eu encaixo um artista e aí a

gente vai tentar viabilizar estas exposições...”

Em relação à identidade do gestor e como ela é manifestada no museu, fala e ação dialogam com Soares (2003) quando afirma que a melhor forma de sustentar a identidade e mantê-la se faz por meio da educação. MA ao mesmo tempo observa a preocupação do gestor em trazer algo que a cidade está em falta, suprir algo, preencher lacunas:

“... eu penso mais na carência da cidade, entendeu? Então a cidade tem muito ceramista, tem muitas pessoas trabalhando com cerâmica, mas de uma forma ainda muito primária, assim arrumo outro tipo de um mestre japonês por exemplo, então trouxe essa exposição diante desta carência”.

Ainda que MA não fale que esta ação citada em sua fala anterior é o desenvolvimento de um papel social, é possível concluir que é desenvolvido por ele e pela instituição na qual atua, buscam os déficits culturais da cidade e procuram promover algo que contribua com a municipalidade:

“Nem sempre eles têm o acesso a um outro tipo de queima, a um mestre japonês por exemplo, então a gente trouxe esta exposição perante a esta carência que a gente observa, para ver se isso interfere na cidade, para ver se essas pessoas que trabalham com o barro a cerâmica, criem outras coisas, abram mais os horizontes deles e façam mais contatos...”

As ações e fala de MA são aderentes às afirmações de Fronza-Martins (2006) quando afirma o vínculo que os museus precisam desenvolver junto à sociedade. Ao longo da entrevista MA contou que a verba destinada ao museu que gere vem da Fundação Cultural e que questões financeiras podem ser obstáculos para as exposições pensadas:

“...o museu não tem uma verba específica, na verdade ele é mantido pela fundação, então você faz os projetos para aquele que você quer mostrar durante o ano, apresenta na fundação algumas coisas e são aprovadas, e aí a gente realiza, e outras não por questões financeiras”.

Uma das problemáticas levantadas por MA voltou-se a questões financeiras: ainda que não tenha dito diretamente sobre o espaço físico em si, durante as visitas realizadas pelo pesquisador e os registros fotográficos realizados foi observado que o teto de uma das salas estava danificado e que isto poderia acarretar problemas e estragos maiores para a instituição

e os aparatos ali presentes (Figura 34).

Figura 34 - Teto danificado no Museu de Arte Saca – MAS



Fonte: Do autor, 2018

Independentemente dos papéis sociais exercidos pelas instituições, as falas dialogam com Fronza-Martins (2006), que acredita que a educação em museus possui uma ênfase social, na perspectiva de uma educação patrimonial para todos. Identificamos que em determinados museus, com a fala de MZ, a história contada por ele é a história dos vencedores, vista sob o olhar de grandes proprietários de terras e fazendeiros, atendendo a um interesse específico. Neste eixo cada gestor relata como ocorre sua exposição e a escolha pelos aparatos, sendo fiéis às temáticas relativas ao espaço.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa era realizar uma descrição densa dos quatro museus pesquisados situados na cidade de Uberaba – MG, tendo em vista identificar seu papel educacional visando à educação patrimonial. A descrição proposta foi realizada por meio de textos acadêmicos sobre os espaços, registros fotográficos, entrevistas e respectiva análise e, assim, obtivemos um panorama e uma descrição de cada museu, levantando as problemáticas, particularidades, realidades, papéis exercidos pelos museus e sua equipe e o processo de educação patrimonial.

Com foco na educação patrimonial e a pergunta específica do roteiro de entrevista sobre esta perspectiva, se esta é possível nas instituições onde cada gestor atua, na visão dos gestores e no que trouxeram, concluímos que dois dos espaços aproxima à mediação da educação patrimonial e os outros 2 ainda não se distanciam em condições para tal processo.

Em relação ao eixo 1 percebe-se, entretanto, diante dos dois museus que se mostram aptos a esta mediação, o quanto um museu se mostra mais próximo e o outro mais distante desta mediação ocorrer. O museu em que MD atua não contava, à época da entrevista (2017), com mediadores que pudessem auxiliar, instigar e adaptar linguagens aos mais diversos visitantes, mesmo considerando ser o gestor do museu com maior movimento da cidade, o que incomoda seu gestor, que evidencia esta situação durante a entrevista. O museu em que MZ trabalha mostra mais suporte para estas questões, em suas falas e imagens percebemos a sua preocupação não apenas com o museu, mas com o seu entorno, pensando no museu como um espaço integrado ao parque e não um espaço isolado.

Já as problemáticas levantadas por MA e MS se mostram próximas, outro ponto convergente é sobre o processo de educação patrimonial, ambos os gestores responderam negativamente esta pergunta afirmando que não estão preparados para este processo e, para tanto, as justificativas de ambos foram parecidas, trouxeram que faltam investimentos, verba, funcionários e capacitação e qualificação destes. Destaque-se que ambos os museus são vinculados ao município.

Todos os gestores entendem que a atuação do mediador é de fundamental importância, e ao mesmo tempo entendem que os visitantes devem ter seu espaço respeitado, liberdade para conhecer o espaço e que nem sempre essa pessoa deseja ser guiado e ter monitoria durante sua visita, cabe ao guia ter sensibilidade para identificar o perfil destes visitantes e deixa-lo à vontade para questionamentos e perguntas. No caso de

MS e MA este papel é desgastante, pois além de exercer suas funções como gestores das instituições que atuam, também exercem papéis de mediadores.

Quanto ao eixo 2 todos os gestores concordam que o museu é também um espaço para as pessoas se educarem, porém este processo fica em xeque quando nestes mesmos espaços não contam com mediadores, falta de profissionais e investimentos, inclusive na infraestrutura física dos museus. Ao analisar cada museu, é perceptível que há similaridades entre ambos: os dois primeiros museus visitados (MD e MZ), mesmo com suas problemáticas, têm realidades privilegiadas em relação aos outros dois, contam com uma equipe maior de funcionários e estrutura física mais ampla. Os dois últimos museus visitados encontram-se em realidades parecidas, o órgão que administra ambos é o mesmo, como mencionado, ambos passam por obstáculos quanto a verbas, mas os gestores se mostraram empenhados em fazer algo, fazer a diferença em suas ações educacionais com a promoção de exposições temporárias, eventos temáticos e visitas fora do horário regular de funcionamento, mesmo com as dificuldades que relatam.

No eixo 3 vemos as escolhas dos aparatos e como é feita a exposição, ambos sendo fiéis às suas temáticas: a saga do Zebu no Brasil, a Paleontologia, a Arte Sacra e a Arte Decorativa. O que mais me chamou a atenção foi o MADA, o museu mais abrangente de todos eles, é um museu de arte, está aberto para qualquer tipo de manifestação artística, o que o torna muito amplo em relação às suas exposições e manifestações e, além disso, o museu expressa a identidade do gestor atuante.

Por ter um viés artístico e aberto para manifestações desta natureza, o gestor contribui para o que será apresentado naquele espaço, levando em consideração também gostos pessoais e, como foi dito, preencher lacunas que a cidade tem no âmbito da cultura. MD pontuou a necessidade maior de envolvimento da universidade, uma vez que museu e universidade são instituições públicas e que poderiam caminhar juntas neste processo educativo. Houve também disparidade entre as instituições dentro das ações de seus papéis sociais.

Um dos objetivos também consistiu na construção de um mapa referenciando no município indicando os quatro museus pesquisados: tal objetivo foi alcançado e com isso é possível analisar onde cada museu localiza dentro do município e as distâncias entre eles, destacando o Museu dos Dinossauros que se localiza mais distante entre eles.

Observamos que dentre os quatro gestores entrevistados, três foram mais críticos em relação às problemáticas pelas quais suas instituição têm passado (todos museus públicos), porém um gestor despertou a atenção: MZ tem um discurso voltado para sua instituição, de

apropriação do discurso da associação maior que mantém o museu. Quando aponta maior criticidade e expõe, o faz de forma mais branda e resguardando a instituição. Determinadas falas acabam sendo menos relativizadas por parte de MZ, pelo fato de servir a uma instituição privada e, talvez pelo fato de ser uma instituição privada, para determinadas questões pontuadas em nosso roteiro de entrevista não sinta à vontade para expor ou mesmo ocupar um lugar de fala de alguém que está representando o gado zebu no Brasil.

Refletindo sobre desdobramentos para este trabalho é possível analisar cada processo educativo ocorrente nos museus aqui focalizados, no viés da educação patrimonial, ou ainda, empreender a análise do discurso dos gestores, tendo em vista levantar outras problemáticas que não emergiram em função da limitação de nosso referencial metodológico de análise.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALLARD, M.; BOUCHER, S.; FOREST, L. e VADEBONCOEUR, G. Effets d'un programme éducatif muséal comprenant des activités de prolongement en classe. **Revue canadienne de l'éducation**, v. 20, n. 2, p. 166-180, 1995.

ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In. ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 5 ed. Campinas: Papirus, 2006, p.55-69.

BITTER, D. Museu como lugar de pesquisa. In: **Museu e escola: educação formal e não formal**. Salto para o Futuro. TV Escola. Mai, 2009. p. 22 – 28. 39 p.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994, p.176-182.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRASIL. **Constituição Federal 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm> Acesso em 29 out. 2016.

BRASIL. **Lei Federal nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm>. Acesso em 10 out. 2017.

CALLADO, S. S.; FERREIRA, S.C. R. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados**. 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf> . Acesso em 10 ago. 2016.

CAZELLI, S. Jovens nos museus: quem são, aonde vão e com quem visitam?. In: DALBEN, A.; DINIZ, J.; LEAL, L.; SANTOS, L. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 402-426.

_____; GOUVÊA, G., FRANCO, C. e SOUSA C.N. Padrões de Interação e Aprendizagem Compartilhada na Exposição Laboratório de Astronomia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 78, n. 188/189/190, p.413-471, 1997.

_____; VALENTE, E.; GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; FRANCO, C. A Relação museu-escola: avanços e desafios na (re) construção do conceito de museu. **Atas da 21ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Caxambu, 1998.

IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

FERNANDES, H. D. D. **Espaço não formal de aprendizagem: um estudo da interação do museu com a formação de professores/as**. 2006. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2006.

FERREIRA, C.L. **Os “dinossauros” como marcas patêmicas: a relação museu/escola na comunidade rural de Peirópolis, município de Uberaba/MG**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

FERREIRA, L. S. **Educação & História**. 3. ed. Ijuí: Editora UNIJUI, 2001.

FIGURELLI, G.R. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST**, v. 4 n. 2, 2011. Disponível em <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/208/169>>. Acesso em 20 mar. 2018.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2005.
FRONZA – MARTINS, A.S. **Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não – formais realizadas em Museus de Arte**. Disponível em:< http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Da-magia-a-sedu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 29 de out. 2016.

FUNARI, P. P; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ltda. Editora, 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA. **Programas**. Disponível em: <<http://fundacao.t4r.com.br/programas>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**, Brasília, v. 18, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>>. Acesso em 11 jan. 2018.

GASPAR, A. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MASSARANI, Luísa; MOREIRA, Ildeu C. (Orgs.). **Ciência e Público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002. p. 171 –183. Disponível em <<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliana/media/cienciaepublico.pdf>>. Acesso em 20 agosto 2017.

GOOGLE MAPAS. Disponível em <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em 10 jan. 2018.

HENRIQUES, R. Museus Virtuais e Cibermuseus: a internet e os museus. Portugal, 2004. In: HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. (Orgs.). **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Petrópolis: Museu Imperial/IPHAN/MinC, 1999. v. 01. 65p.

HORTA, M. L. P. Os Lugares da Memória. In: René Marc da Costa Silva; Rosa Helena Mendonça. (Org.). **Cultura Popular e Educação**. Brasília: Salto para o Futuro/TV ESCOLA/SEED/MEC, 2008, p. 111-118.

IPHAN. **Sítio arqueológico no Piauí recebe visita com foco em educação patrimonial**. Piauí, 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pi/noticias/detalhes/3982/sitio-arqueologico-no-piaui-recebe-visita-com-foco-em-educacao-patrimonial>>. Acesso em 05 de dezembro de 2017.

ITAQUI, J; VILLAGRÁN, M. A. **Educação Patrimonial: a experiência da Quarta Colônia**. Santa Maria: Pallotti, 1998.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EDUSP. 1980.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBERALESSO, C. P. **A educação patrimonial e o ensino de geografia: experiência nas escolas públicas da cidade de Santa Maria – RS**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. E.P.U., 1986. 99p.

MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciências, 2008.

MARTINS, J. **Educação Patrimonial dos sítios paleontológicos da formação Santa Maria – RS: Memórias da cidade estudo com alunos do ensino fundamental**. 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6821/JOSEALBERTOSILVAMARTINS.pdf?sequence=1>>. Acesso em 05 de dez. 2017.

MELO, J. M. C. Educação Patrimonial: museu cultural da humanidade. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST**. v.3 n.1 - jan/jun de 2010. Disponível

em:<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/73/107>>. Acesso em 06 de mai 2017.

MORA, M. C. S. **La relación Museo-Escuela: tres décadas de investigación educativa**. Disponível em <<http://www.pedagogiademuseos.org/wp-content/uploads/2013/08/Museo-Escuela-Libro-digital-Explora.pdf>>. Acesso em 29 out. 2016.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132003000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 jan. 2018.

MUNIC-IBGE. **Perfil dos municípios brasileiros**. 2012. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2012/munic2012.pdf>. Acesso em 10 nov. 2017.

MUSEUMS & GALLERIES COMMISSION. **Educação em Museus**. São Paulo: EDUSP; Vitae, 2001. (Série Museologia: roteiros práticos, n. 3). Disponível em:<http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro3.pdf> Acesso em 20 ago. 2017.

OLIVEIRA, R. D.; DANTAS, S. M. As faces da memória: a igreja do Rosário de Uberaba entre a lembrança e o esquecimento. **Emblemas (UFG. Catalão)**, v. 1, p. 207-217, 2012.
ORÍÁ, R. **Educação patrimonial: conhecer para preservar**. Disponível em:<<http://www.aprendebrasil.com.br/articelistas/articulista0003.asp>>. Acesso em 02 mai. 2017.

Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM). 2012. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>> Acesso em: 29 out. 2016.

Portal do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). 2012. Disponível em <<http://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>> Acesso em 16 mai. 2016.

PRADO, M. M. N. P. A teoria de campo e o patrimônio cultural. 2011. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST** - v. 4, n. 1, 2011. Disponível em:<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/154/154>> Acesso em 20 ago. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. **Parques e Museus**. 2018. Disponível em <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,619>> Acesso em 10 mai. 2016.

QUEIROZ, G. R. P. C; KRAPAS, S.; VALENTE, M E. A.; DAVID, E; DAMAS, E.; FREIRE, F. Construindo saberes na educação em museus de ciências: o caso dos mediadores do Museu de Astronomia e Ciências Afins/Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. v. 2, n. 2, p. 77-88, mai/ago.2002.

RAMALHO, J. **Educação Patrimonial no setor e sítio arqueológico vale dos sonhos em Goiânia: perspectivas de continuidade**. Jataí, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20348>>. Acesso em 05 de dezembro de 2017.

RATZEL, F. **Geografia do homem**. In: Ratzel. MORAES, A. C. R. (Org.). São Paulo-SP: Ed. Ática, 1990. (Col. Grandes Cientistas Sociais.).

REBELLO, L. H. S. **O perfil educativo dos museus de ciência da cidade do Rio de Janeiro**. 2001. 220 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

SOARES, A. L. R. (Org.). **Educação patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

STUDART, D. C. **Museus: emoção e aprendizagem**. 2007. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/museus-emocao-e-aprendizagem>. Acesso em 28 de maio de 2016.

TAMANINI, E. **Educação popular e patrimônio cultural - a complexidade entre museu, escola e comunidade**. Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT06-4359.pdf>>. Acesso em 04 de janeiro de 2018.

TOLENTINO, A. (Org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialReflexoesEPraticas_ct1_m.pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2017.

TRILLA, J.; GHANEM, E. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
WIKIPÉDIA. Uberaba, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba>>. Acesso em 02 de dezembro de 2017.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
Rua Madre Maria José, 122 - 2º. Andar - Bairro Nossa Senhora da Abadia CEP: 38025-100 – Uberaba(MG)
Telefone: (0**34) 3700-6776.- E-mail: cep@pesqpg.uftm.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: MAPEAMENTO E POTENCIALIDADES DOS MUSEUS DE UBERABA/MG:
UM OLHAR A PARTIR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado a participar do estudo **MAPEAMENTO E POTENCIALIDADES DOS MUSEUS DE UBERABA/MG: UM OLHAR A PARTIR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**, por ser educador/gestor de museus da cidade de Uberaba. Os avanços na área de Educação ocorrem por meio de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo deste trabalho é levantar e listar as atividades educacionais em desenvolvimento pela MADA, Museu do Zebu, Museu de Arte Sacra e Museu dos Dinossauros, identificar o que os gestores/educadores de cada espaço compreendem que a comunidade em geral deve saber sobre as temáticas em divulgação por cada um destes museus, caracterizar como a definição de museu pode ser percebida na exposição de cada museu e nas atividades realizadas na visão de seus gestores/educadores, bem como entender a forma pela qual a instituição está organizada para promover/mediar o processo de educação patrimonial da população. Caso você participe, será necessário que responder a uma entrevista que será audiogravada, com duração aproximada de quarenta e cinco minutos, a ser desenvolvida pelo pesquisador. Para evitar o risco de que outras pessoas fiquem sabendo que você participou desta pesquisa, nós não vamos usar seu nome e, além disso, nós vamos destruir a gravação depois de escrever o que você respondeu. Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco à sua vida. Esperamos, como benefício(s) desta pesquisa, contribuir academicamente para que os museus se conheçam e se divulguem, com impacto no aumento do número de visitas a partir da divulgação. Como riscos, temos consciência que a técnica utilizada – entrevista –, às vezes, pode ocasionar desconfortos/incômodos, pois o participante sabe que as informações concedidas serão analisadas. Por isso, solicitamos a permissão do responsável legal (respeitando-se o previsto na Resolução 466/12 CNS) e destacamos que os participantes da pesquisa serão tratados como números, e o risco de perda de confidencialidade será minimizado.

Você poderá obter todas as informações que quiser; poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, não receberá qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome e sua identidade, como já mencionado, não aparecerão em qualquer momento do estudo, pois você será identificada por um nome fictício ou número.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: MAPEAMENTO E POTENCIALIDADES DOS MUSEUS DE UBERABA/MG:
UM OLHAR A PARTIR DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual serei submetida(o). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que eu sou livre para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar no estudo. Após assinatura, receberei uma via (não fotocópia) deste documento.

Uberaba/MG, _____/_____/_____

Assinatura do professor/participante da pesquisa: _____

Documento de Identidade: _____

Assinatura do pesquisador orientador: _____

Telefones de contato:

Pesquisadores: FREDERICO TRISTÃO CRUVINEL SILVA/DANIEL FERNANDO BOVOLENTA OVIGLI

Telefones: (34) 99176-7407/(34) 99142-8435

E-mails: fred_tristao12@hotmail.com/daniel@icene.ufm.edu.br

Em caso de dúvida em relação a este documento, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 3700-6776.

Roteiro da entrevista

PERGUNTAS PARA OS GESTORES/EDUCADORES

1. História de criação da instituição

Quando e porque foi criada?

De quem foi a iniciativa de sua criação?

Porque ela foi construída nesse local especificamente?

2. Público

A instituição foi originalmente pensada para atender a algum público em especial? Em caso afirmativo, essa situação se modificou ao longo do tempo? De que forma?

3. Conhecimento e sua difusão social

Qual a sua concepção sobre [temática do museu]?

Em sua opinião, a quem cabe fazer e discutir o [conhecimento divulgado por este museu]?

Qual a sua concepção de divulgação do [conhecimento da área de – temática do museu]? Para você, o que é necessário que a comunidade em geral saiba a esse respeito? Para que?

Ainda com relação à divulgação do conhecimento exposto, o museu tem como objetivo proporcionar o contato da população não acadêmica com a cultura científica e/ou com a aprendizagem de conceitos e teorias? De que forma isso pode ser percebido nos experimentos selecionados e nas atividades realizadas?

Em sua opinião, onde a população leiga pode se educar?

A instituição estaria organizada para promover/mediar esse processo de educação patrimonial da população? De que forma?

4. As exposições

Como se deu a escolha dos aparatos que compõem as exposições do museu?

Considerando a existência de uma escala de valores, os aparatos do museu foram escolhidos por sua capacidade de despertarem a atenção, pela possibilidade de serem interativos ou por abordarem situações presentes no cotidiano da população e conhecimentos importantes para a mesma?

Você acredita que todos os aparatos aqui selecionados condizem com os objetivos da instituição: divulgação do conhecimento, apoio aos alunos, auxílio na formação de professores, etc.? Em caso negativo, qual aparato você modificaria e por quê?

Como são conduzidas as exposições, principalmente no caso de públicos distintos?

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O GESTOR M1

Primeiro vou me identificar né, meu nome Luiz Carlos Borges Ribeiro, sou geólogo, meu doutorado é em patrimônio geológico em geoparque, e hoje meu cargo eu sou diretor do complexo cultural e científico Peirópolis, que é vinculado à Proext da UFTM.

O primeiro tópico é sobre a criação da instituição, você poderia falar sobre de quem foi a iniciativa da construção, da iniciação aqui da instituição, quando foi criado e porque criada neste local.

Vamos a questão, a criação desta estrutura não nasceu com o nome complexo cultural e científico, nasceu com o nome Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price Museu dos Dinossauros. Este aconteceu no ano de 1992, 17 de julho se inaugura então o Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, que é o nome do pesquisador que iniciou os trabalhos aqui em 1945, trabalhou aqui até 1974, todo material coletado aqui foi levado e está hoje depositado no repositório no Museu de Ciências da Terra do Serviço Geológico do Brasil no Rio de Janeiro. E o museu nasceu de uma iniciativa da população de Peirópolis, tendo em vista que com a morte de Ivor Price em 1980 as atividades de Peirópolis e Pesquisa paralisaram, e Peirópolis entrou em declínio, que Peirópolis vivia essencialmente desde da... do início...desde de 1900 que é a idade que é a data da construção da primeira caieira, até praticamente 1960 Peirópolis vivia essencialmente do processo da mineração do calcário pra produção da cal, que não existia tintas então era o calcário era queimado nos fordes de cal aqui da região no entorno onde é o povoado de Peirópolis, e esse material era exportado para São Paulo via ferrovia, e também produção agrícola. Com a desativação das caieiras e o declínio da produção agrícola Peirópolis se viu esvaziada e a partir de 1980 é retirada a linha férrea e todo esse casario do entorno e toda essa estrutura que hoje compreende o centro Ivor Price, Museu dos Dinossauros, e mais recentemente depois que a UFTM assumiu, passou a chamar Complexo Cultural e Científico Peirópolis, ficou completamente abandonado, então essa iniciativa da população de procurar a instituição que Price trabalhava, que o Price veio trabalhar em Uberaba enquanto paleontólogo do DNPM – Departamento Nacional da Produção Mineral, e então o pessoal falou olha se Peirópolis agora está praticamente como os Dinossauros, em extinção, as pessoas estão migrando daqui e tá abandonado. Ali você tem uma foto da estação abandonada, aquela foto lá é de antes de 1990, então a população se mobilizou na tentativa de retomar as pesquisas paleontológicas,

e então eles procuraram a pessoa que ficou no lugar do Price, um pesquisador paleontólogo, falou olha nós queremos retornar as escavações, mas só que não queremos que os fósseis sejam levados para o Rio, queremos que os fósseis fiquem aqui e pra aqui que crie uma estrutura de pesquisa, ensino, divulgação de turismo. Daí nasceu através de uma lei, decreto lei municipal em 1988, no governo Wagner Nascimento o que é...foi chamado de Centro de Pesquisas Paleontológicas do Llewellyn Ivor Price e Museu dos Dinossauros, que tinha como objetivos básicos três coisas: realizar pesquisas e apoiar pesquisas/pesquisadores; proteger os depósitos fossilíferos que tinham minerações no entorno e havia uma destruição do patrimônio geológico na forma de perda de fóssil; divulgar informações através do Museu. Então o Centro de Pesquisas ele foi instituído, saiu do papel no ano de 1992, no governo de Hugo Rodrigues da Cunha, quando ele foi efetivamente inaugurado e as primeiras iniciativas que nós tivemos foi montar uma exposição pro Museu, só que não existia fósseis aqui coletados, os fósseis aqui coletados tinham sido levados para o Rio, então logo eu assumi aqui como diretor a convite do prefeito Hugo Rodrigues da Cunha, no cargo de comissão, cargo de confiança em maio de 1991, e a primeira iniciativa foi fazer convênios com as grandes instituições, a gente fez, trouxemos aqui o reitor da USP, da UFOP, da UNESP. Compusemos uma equipe, primeira coisa de escavação e preparação, então a partir de 1991/1992 as escavações foram retomadas e nunca mais pararam, inclusive a gente hoje ainda é a única instituição do Brasil que mantém escavações paleontológicas contínuo, graças a esse trabalho continuado e todo ano a partir de maio a outubro/novembro o período da seca, ir a campo na busca de novos fósseis, a gente conseguiu reunir uma coleção científica grande e conseguimos trazer professores para capacitar os técnicos em preparação, que é praticamente uma atividade profissional que quase não existe curso de qualificação no Brasil, você tem que pegar alguém que faz isso e capacite, então a gente tinha mesmo a partir de 1992 uma equipe de escavação, então a gente conseguiu reunir e montar a primeira mostra expositiva, e a coisa foi fluindo, as universidades vinham, pesquisadores começaram a fluir as publicações científicas, e Peirópolis foi ganhando um nome de relevância nacional. Já era pelas publicações do Price, o Price foi um... eu tenho uma foto dele ali, uma pintura, que foi feita pela Lia Peiró, que é uma das famílias tradicionais que deu origem, Peirópolis vem da família Peiró, são imigrantes espanhóis, e o Price deixou um legado muito grande, ele não só revelou Uberaba para a ciência nacional – mundial, como deixou um legado, ele naquela época já publicava em revista como *Nature* e *Science*, que são as tops. Esse material a gente sabia que ficou tombado lá no Museu de Ciências da Terra, então a gente começou a coletar aqui, logo logo se avolumou e a fauna aqui é uma fauna muito diversificada, a gente trabalha

com fósseis principalmente de vertebrados datados em 83 e 65 milhões de anos envolvendo principalmente dinossauros carnívoros e herbívoros, mas ainda tem nessa parte de biota tem crocodilos, lacertílios, temos anura, temos registros de aves, temos registros de vertebrados, de quelônias, quer dizer, é uma biota muito diversificada que dá para reconstruir os ecossistemas e ter uma boa imagem do cenário de como era Uberaba entre 80 e 65 milhões de anos. Não sei se... é, basicamente esse foi o momento de..., e isso é o centro Price e Museu ficaram dentro da estrutura da prefeitura municipal até 2009 foi quando o prefeito Anderson Aduato é... resolveu então chamar o professor Virmondês Rodrigues Junior né, o ex-reitor da UFTM e dizer olha, a prefeitura não é obrigação dela manter uma estrutura com pesquisa, ensino, com ciência pura, e claro, já se tinha um turismo bem implantado aqui, mas aí o Virmondês se achou convencido em que a vinda do centro de pesquisas Price e do Museu dos Dinossauros pra UFTM seria uma questão positiva, seriam campos de pesquisa avançados aqui. Este prédio que estamos é outro projeto, esse projeto foi criado pelo ministério de ciências e tecnologia junto com a secretaria de estado de ciências e tecnologia e tinha como nome Rede Nacional de Paleontologia que não deu certo, a comunidade científica bateu contra, foi um equívoco, lamentavelmente quem estava à frente quem apontou os recursos foi o Deputado Narcio que depois teve envolvido e chegou a ser preso por desvio de recursos... e houve um embate entre o Narcio e a comunidade científica... esse prédio depois de inaugurado ficou três anos vazio sem utilidade, ele só passou a funcionar quando a UFTM assumiu o centro Price e o museu e aí juntou-se com esse prédio que até então estava sobre o domínio da secretaria de ciência de estado e tecnologia e ensino e aí essa estrutura toda centro paleontológicas Llewellyn Ivor Price, museu dos dinossauros e está extinta rede nacional, isso tudo ficou envolvido dentro do nome que passou a partir de janeiro de 2010 quando a UFTM assumiu essa estrutura, passou a ser de complexo cultural e científico de Peirópolis que tem como objetivo claro pesquisa, ensino, divulgação e tem um papel fundamental social, hoje o principal elemento econômico de Peirópolis é o turismo paleontológico, então a gente gera, é, são mais de 13 negócios, sempre com nomes ligados a dinossauros, Toca dos Dinossauros Jurassic Bar, Manireptora, a Sorveteria, e esses 13 negócios daqui junto com o que a UFTM oferece de postos de trabalho... são praticamente constituem 100 empregos diretos hoje em Peirópolis, fora os indiretos.

Eu tive oportunidade de vir no final de semana e fiquei surpreso com o tanto de pessoas.

As pessoas, durante a semana nosso público é muito voltado para as escolas, as escolas vêm de segunda a sexta, agendadas ou não agendadas. Agora os finais de semana, é o turista

convencional, que é a pessoa que tem tempo né, ninguém tem tempo de deixar o trabalho de segunda a sexta e vir visitar o museu. Então, há um implemento muito grande do número de turistas no sábado e feriados, nós não fechamos nos feriados, o museu só fecha além da segunda-feira, que é um dia de, vamos falar, organização interna e limpeza. Durante o ano, 25 de dezembro, primeiro de janeiro e sexta feira da paixão, são os três únicos dias que o museu vai fechar, com exceção da segunda feira. Então, é uma exposição que fica aberta o tempo todo. É um museu de margem de rodovia, muitas pessoas conhecem, apesar de estar pouco sinalizado, existiam grandes outdoors, mas a questão da duplicação aí, pelo Consórcio Concebra e Triunfo, eles arrancaram os 2 outdoors então ficou pouco sinalizado, mas como é um museu muito conhecido, as pessoas que passam pela rodovia e conhecem, entram e vem. Então ele tem que estar aberto a qualquer momento aí nos feriados que é a onde tem maior demanda de público visitante.

A instituição, o museu, ele originalmente foi criado para atender algum tipo de público específico?

Não. Ele foi feito como um elemento para que Peirópolis voltasse a renascer, por que Peirópolis estava num processo, com a saída da, com a paralisação da mineração do calcário para fazer a cal, com o declínio do agronegócio, com a retirada da ferrovia, isso veio e entrou em um processo de extinção. Hoje, vive aqui em torno de 300 a 350 pessoas, em 1910, existia uma população de mais de 700 pessoas, ou seja, ela encolheu. Por que existia a motivação da mineração, motivação do agronegócio, não era tão mecanizado e ocupava muita mão de obra, a mineração também era toda braçal, não tinha mecanismos, maquinário, então Peirópolis em número de pessoas já muito maior do que é hoje. E a iniciativa dessas pessoas de Peirópolis, de retomar é que Peirópolis, seria quase que uma forma de renascimento voltado aos aspectos científicos e culturais, ou seja, apostaram na ciência, no turismo, na cultura, na educação, como elementos de revitalização socioeconômico e cultural.

Abrangendo qualquer tipo de público...

Qualquer tipo de público, isso! O negócio é, valorizar o patrimônio geológico, ecológico, histórico e cultural, como elemento que propicie melhor qualidade de vida aos moradores, através da geração de postos de trabalho e mecanismos, né, você tem hoje, as doceiras, você tem aí um grupo que está agora envolvido com amor de bordado, então está se preocupando em capacitar o pessoal para o artesanato, e isso você vai entender o porque disso é que foi o motivo agora do lançamento do macro projeto de turismo de Uberaba chamado Geoparque de Uberaba. Que na verdade é uma ideia que vem sendo trabalhada a mais de

seis anos, ela compõe a minha tese de doutorado, que tinha como título Uberaba a terra dos dinossauros do Brasil/Geoparque Uberaba a terra dos dinossauros do Brasil, mas quando eu fui a um evento no Chile e conversei com uns dos consultores da Unesco, que aprova o Geoparque para a rede global de Geoparques, são mais de 100 hoje distribuídos em mais de 30 países em todos os continentes, uma iniciativa muito bem sucedida, ele falou Luiz você pode ter todos os dinossauros do mundo em Uberaba, só isso não sustenta um Geoparque, que que o Uberaba tem de expressão? “Eu falei ó Uberaba tem além do patrimônio geológico, um afloramento que conta a história geológica do planeta, eventos importantes como... nós temos aqui vulcanismo é... extraordinários que estão associados a separação da América do Sul, África, abertura do Atlântico, você tem uma história belíssima pra contar da história geológica, você tem essa parte biota de vertebrados, hoje pelo número de espécies Uberaba é a cidade que tem o maior número de espécies descritas de dinossauros, por isso recebe o título de terra dos dinossauros do Brasil, e isso é forte mas o Zebu tem uma historicidade e uma pungência muito grande, o Zebu chegou em 1889, trazido via férrea, e hoje se transformou nesse poderio todo e a ABCZ é a instituição que congrega mais de 20 mil associados, então você tem toda a historicidade do Zebu, a evolução, as viagens a Índia, hoje 80% do rebanho brasileiro é zebu, ou seja 80% da carne e do leite que todo brasileiro come e bebe é zebu, então esse milionário de genética estuda o trabalho da ABCZ, e o zebu é uma marca forte histórica cultural e econômica, e também tem as religiosidades, tem as irmãs dominicanas que chegaram aqui vindo do sul da França, de Monteils e chegaram em 1885 fizeram uma ação belíssima na área de educação, havia uma faculdade ligadas as dominicanas, o hospital São Domingos é das dominicanas, a Santa Casa onde praticamente nasceu a UFTM, a Faculdade de Medicina que hoje é a UFTM, foram iniciadas pelas dominicanas, o colégio Nossa Senhora das Dores é das dominicanas, elas têm creches, elas tem uma atividade social, tem o Museu da Capela no Nossa Senhora das Dores, belíssimo que tem além da arte sacra você tem no mezanino uma exposição de minerais, rochas arqueológicas da Irmã Loreto, que foi uma Geóloga que eu conheci, que faleceu tem um ano, fantástica, uma pessoa que marcou época, doutora pela Universidade Sorbonne, e tem também além das igrejas da Santa Rita, você tem o viés do turismo espírita muito forte no Chico Xavier, como uma expressão internacional.

E agora tem o memorial...

Agora com o memorial onde o Carlos, que é o museólogo coordena, então você tem o projeto Geoparque é sustentado por estes três atributos que geral e de expressão nacional e internacional, é embasados Capital Mundial do Zebu, Terra dos Dinossauros do Brasil e

onde a religiosidade é muito aparente, onde Chico Xavier se revelou ao mundo do espiritismo e se tornou um ícone internacional do espiritismo que atrai muitos turistas. Então todos estes produtos articulados junto com a gastronomia, junto com a arte, artesanato, isso compõe uma identidade única de Uberaba, isso sim na visão macro da Unesco constitui um Geoparque. Importante, um fato importante porque que a gente lançou o projeto de turismo Geoparque Uberaba, nós já temos a chancela máxima do serviço geológico Brasil, que eu tenho aqui e vou lhe mostrar, nós além da publicação de dois capítulos de livros, uma tese de doutorado, apresentações em eventos internacionais, publicações na melhor revista de património geológico do mundo, então aqui é o mapa, o serviço geológico Brasil vendo na proposta Geoparque o modelo de Gestão Territorial muito eficiente e sustentável, ele elencou 17 pontos do Brasil que pudessem se transformar, que teria potencial, em Minas Gerais a gente tem o Quadrilátero Ferrífero e Uberaba, aqui ainda é posto Uberaba e Terra dos Dinossauro do Brasil, hoje chama Geoparque Uberaba porque se não o Zebu, o Chico Xavier e as Dominicanas iriam achar ruim né...

Porque se não iria dar muito enfoque nos dinossauros...

Isso... e não é justo, porque eles iriam falar porque só os dinossauros? E o zebu e as religiosidades...então a gente já reduziu a esse nome Geoparque Uberaba. O Quadrilátero Ferrífero já está uma proposta bem avançada, inclusive já foi apresentada para a Unesco, a Unesco fez algumas considerações, tem um problema no Quadrilátero que é um problema de gestão. O Quadrilátero Geoparque envolve cinco municípios, então existem problemas administrativos entre prefeituras. Já o Geoparque Uberaba é só... a área definida para ele é só 4.500 km² que é o município de Uberaba, em gestão só de um prefeito é mais fácil e quando você vai no padrão a nível internacional de Geoparques a área de Geoparques da Europa principalmente e da China estão em torno de 3.000 km² a 5.000 km², que tem que ser por conceito uma área suficientemente grande que tenha atributos do património geológico, ecológico histórico cultural, que contemplem áreas de relevância nacional e internacional e que as pessoas possam conhecer mais sobre a memória da terra, memória cultural do povo e a identidade cultural daquele lugar. Então o Geoparque Uberaba além de estar bem conceituado e fundamentado cientificamente, ele tem uma estrutura logística muito favorável, se você pegar no entorno de 500 km em volta de Uberaba você tem a capital federal Brasília, a capital do estado Belo Horizonte, e a maior cidade do Brasil que é São Paulo, você tem 50 milhões de consumidores, 70% do PIB nacional, mais de 2100 municípios, e você tem nessa região uma associação, a Associação dos Municípios

Turísticos da Alta Mogiana, que pega o norte de São Paulo e vem até o Triângulo Mineiro, nós estamos dentro de um circuito turístico....

Uma localização bem privilegiada...

Privilegiada! E você tem rodovias de acesso fáceis, sistema hoteleiro bom, estrutura logística boa, rodovias, aeroporto apesar de não ter muitos voos, mas temos que lutar que tenha mais voos saindo de Uberaba e chegando para Uberaba, então perto dos outros... vamos falar Cachoeira do Amazonas no meio da Amazônia, uma das coisas é o seguinte, viabilidade de Geoparque é o seguinte onde as pessoas não tem onde chegar não acontece Geoparque....

Eu nunca tinha parado para pensar no entorno mesmo, o interessante é isso, num raio de 500 km tem todo o tipo de acesso...

E tem o consumidor que é o principal, e tem consumidores das classes A e B, nessas 50 milhões de pessoas que tem nesses 500 km de raio de Uberaba, são pessoas que tem capacidade de pegar a família, pegar o avião, um carro, chegar e passar dois ou três dias conhecendo os pontos que vão ter... vai ter um circuito turístico. Entrou como Geoparque, esse é o capítulo do livro, foi feito em associação pode ver aqui com a UFTM, com o Serviço Geológico do Brasil, que é o responsável, a UFRJ, então é um capítulo escrito por vários autores, eu sou o primeiro porque é parte da produção da minha tese. Hoje nós já mudamos, hoje ele não reflete mais a realidade, porque se você olhar aqui.... é isso aqui foi gerada antes do tempo da tese, a tese é mais completa, envolve mais a questão da religiosidade e mais do zebu, aqui é quase só patrimônio geológico, fala em projeto educacional, fala em pesquisa, fala na questão social mas se você olhar os sítios são todos sítios do patrimônio geológico quase, com exceção de alguns que são históricos que a caieira é histórica, mas é.. se você olhar dentro da visão de patrimônio geológico a caieira é um patrimônio geomineiro, que é onde você usava o calcário para fazer a cal, mas isso aqui foi publicado em 2012 então ele já é desatualizado a tese foi apresentada em 2014, a revista xxxx 2015, agora com o lançamento do Geoparque na Expozebu que foi feita na sexta, teve uma coletiva de imprensa e a assinatura do protocolo de tensões no sábado na abertura oficial lá presente todas as autoridades estavam lá, a gente já tem uma outra visão por exemplo o que eu chamava de sítio e museu do Zebu, se transformou em Sítio ABCZ porque a gente viu que dentro do Parque Fernando Costa não tem só Museu do Zebu que conta a história dos pioneiros, conta a história da evolução do gado. Você tem lá todo o Parque Fernando Costa, ele é musealizado, e tem um nome chama Museu a céu aberto, você tem perante as construções placas dizendo, explicando e tal e você tem a sede da ABCZ, que é a sede da maior instituição de pecuária do mundo, que tem 20 mil associados que é

um ponto importante, então veja bem como a coisa está se desdobrando e tá ampliando, do Museu do Zebu passou para três focos, só dentro da... que eu já estou chamando como Sítio ABCZ. O Memorial Chico Xavier vai ser quase um portal para as pessoas que querem conhecer sobre Chico Xavier poder ou ir na casa do Chico Xavier, onde ele dormia, tinha a cama e tal, pode ir no túmulo onde ele foi enterrado, onde ele fazia as sessões e psicografias, e os religiosos principalmente os espíritas não gostam de envolvimento negócio financeiro, então a gente achou melhor centrar no memorial que é administrado pela prefeitura que tem uma visão mais turística e mais ampla, dali é um receptivo para apontar onde o turista quer saber mais sobre o Chico Xavier, ai ele é encaminhado para os lugares. O memorial quase vai ser um receptivo, a pessoa quer saber sobre o Chico Xavier, vai ter uma exposição lá que o Carlos é museólogo e está muito habilitado a melhorar, está faltando... recém-inaugurado né...dali ele aponta se você quiser conhecer a casa Museu Chico Xavier tá pertinho e vai ter um mapa. O Geoparque é o seguinte em todos os lugares que você chega o Geoparque é formado por geossítios e sítios históricos culturais, geossítio é quando ele remete a patrimônio geológico, você tem que ter um afloramento, um fóssil, uma cratera, uma caverna e no nosso caso tem o afloramento que vai conta a história geológica da região e os fósseis que vão contar a história parte biológica das formas de vida, por exemplo você vem em Peirópolis a hora que chegar aqui vai ter uma placa lá dizendo assim: Vocês está no Geoparque Uberaba, vocês está visitando o geossítio Peirópolis, o Geossítio de Peirópolis tem isso isso, você ler isso isso. Vai ter a folheteria e vai ter um mapa escrito assim: O Geoparque Uberaba não é composto só por Peirópolis, você por ir ainda no Memorial Chico Xavier conhecer mais a história tal, tal, você pode ir no Sítio ABCZ conhecer o Zebu, você pode ir na Fazenda Caçu que é o berço zebu, onde chegou a primeira leva de gado em 1889, onde foi feita a primeira exposição do zebu, e 1906 foram feitas as três exposições e só depois a exposição veio para Uberaba, onde foi criada uma raça de gado Induberaba e Indubrasil, você pode ir na alta genética para ver saída do berço para a ponta, onde há a produção de embriões onde se tem a genética avançada, a ABCZ está tentando implantar o projeto Genômica, então você tem o histórico e o futuro, você por ir na ABCZ que você vai ver tudo isso, tem as exposições, o parque, e visão é levar a população ao parque, então não é só nos momento da exposição que eles querem pessoas frequentando. Esteve aqui representando o presidente do serviço geológico, Dr. Esteves, Diretor de Relações Institucionais e Desenvolvimento, veio para a inauguração do lançamento do projeto, e eu sou amigo pessoal do presidente do Serviço Geológico Brasileiro, nós formamos juntos em Geologia 1985 na UFMG, então está num momento

muito propício, sabe porquê? Porque nós estamos com o serviço geológico nos apoiando, e eu sou da diretoria da ABCZ, e sou diretor do Complexo de Peirópolis da Paleontologia, e sou do conselho municipal do turismo, que o conselho de turismo que envolve mais dez instituições ACIU, CDL, Sindicato Rural, FIEMG, ABCZ, quer dizer eles escolheram um modelo de Geoparque como uma proposta do macro projeto turístico para a cidade, então eu estou nas três searas ao mesmo tempo, eu tô ABCZ - UFTM - Prefeitura, e eu sou coordenador do projeto, eu tenho a base científica, as publicações, a solidez do projeto foi construída num trabalho que venho fazendo há muito tempo, quando você pega o histórico do desenvolvimento do Centro de Pesquisa Price Museu dos Dinossauros em 1991, ele praticamente se confunde com o História e desenvolvimento do Geoparque dentro da Unesco, porque a primeira vez que se resolveu a começar falar nisso foi na convenção numa cidade francesa chamada xxxx (inaudível) que se criou a necessidade de preservação do patrimônio geológico, a terra precisa de um cuidado, como tem a biodiversidade tem a geodiversidade, e foi em 1991 num momento em que estava começando as ações aqui em Peirópolis, e Geoparque propõe ensino, pesquisa, divulgação, sustentabilidade socioambiental, geoconservação do patrimônio, que é tudo que se confunde com o desenvolvimento do Ivor Price do Museu, quando chegou em 2010 que eu vi que praticamente a história da evolução do Geoparque da Unesco com a evolução do centro Ivor Price Museu era praticamente a mesma história e visava o mesmo ponto de encontro, eu resolvi fazer a minha tese de doutorado, que até então ia fazer alguma coisa de paleontologia pura e eu tive muita sorte porque foi um momento que eu já tive a chance de estar com um capítulo já emplacado e a tese fluiu de uma forma muito tranquila, eu contei a história minha porque eu estou aqui há 26 anos, desde 1991, então parte do referencial bibliográfico é história vivenciada por mim mesmo, tenho todos os documentos e eu sou uma história viva dessa história, então foi fácil, além do referencial bibliográfico claro que você tem que usar é natural boa parte da metodologia e da referência foi a própria história que eu vivi e participei.

Você poderia me falar sobre a concepção da temática do museu?

Olha...ele foi criado primeiro para ser o elemento de divulgação de uma ciência nova de pouco conhecimento aqui, segundo para manter os fósseis que fosse coletados aqui e dar publicidade através dos projetos educacionais, possibilitar que a população tenha uma maior percepção da relevância deste patrimônio geológico, expresso através dos fósseis com um patrimônio geológico de referência mundial, ou seja a ciência que é feita aqui, os fósseis que foram descobertos, a história geológica que é contada aqui ela corrobora para um

entendimento da evolução da vida como um todo, só que nós trabalhamos num nicho de um período geológico que é o período cretáceo da era mesozoica que envolve rochas entre 83 e 65 milhões de anos, tem uma janela do tempo entre 83 e 65 milhões de anos onde a gente tem contribuído, já são 14 espécies únicas de fósseis descritos aqui, de vertebrados foram os invertebrados, e a gente tem mais ainda pelo menos três novas espécies de dinossauros únicas no mundo que estão já uma bem adiantada e outra em descrição, isso pra não dizer crocodilo que tem (fósseis) estou falando de dinossauros que é a temática que é... que chama... que é a palavra mágica, quando você fala dinossauro no mundo, principalmente depois do lançamento do filme Jurassic Park, hoje dinossauro é a palavra mágica, no mundo inteiro... o mundo inteiro movimentou a indústria cultural educativa muito grande, porque é um tema que todo mundo gosta, dinossauro é um tema que de criança, não tem faixa etária não tem classe social que não goste do tema, e reviver essa história e recontar e mostrar que o Brasil tem dinossauros, muitas pessoas acham que o Brasil não tinha dinossauros, e muitas pessoas vem ver os fósseis e não acreditam que estes bichos viveram aqui, então existe um ceticismo dependendo, principalmente religioso...porções da religião que não cabe aqui ficar citando e nem criticando, que não acredita que isto tenha existido, eles acreditam que os dinossauros viveram com os homens e que isso é criação divina e que a idade máxima que se tem é 6000 anos, só que aí você fala então me mostra um lugar do mundo onde foi encontrado um fóssil de homínido junto com dinossauro, não existe! Porque é um processo da evolução que vem acontecendo desde 3.8 bilhões de anos, que são os fósseis mais antigos na forma de bactérias até chegar o homem, o homem é o topo da evolução nessa pirâmide, então a paleontologia é ciência que se dedica ao estudo dos fósseis, que são o que, restos ou vestígios de atividade biológica gravadas em rochas presas em ambas e algo asfáltico, mumificado e congeladas e que se prestam para o entendimento da história da evolução da vida no planeta.

Dentro do museu, a quem que cabe fazer e discutir o conhecimento aqui? Quem pensa na exposição, quem monta?

Eu vou te falar o seguinte. Tudo que foi montado e está à mostra na visita aqui no complexo, nunca teve um palpite de nenhum dos geógrafos daqui de dentro. Tudo foi montado por geocientistas. Por gente da paleontologia e geologia e na melhor das hipóteses, que é a exposição mais bem estruturada e realizada teve um designer de interiores para não dizer que não existiu uma pessoa que não estava preocupada com a beleza e o estado estético.

Quem cabe fazer e discutir o conhecimento aqui dentro da instituição?

Eu acho que fazer o, promover o conhecimento é a equipe técnica, aí envolve geólogos, porque o fóssil aqui está inserido dentro da rocha, você saber qual ambiente aquele bicho viveu, morreu e foi sepultado e até chegar hoje, na forma de vestígios ou restos é o geólogo que aponta isso, através das rochas. O paleontólogo ele estuda e se dedica exclusivamente a descrição do animal e da ecologia, da relação dele com o meio ambiente. Vamos falar, dos aspectos científicos aqui vocacionados estritamente a temática do museu dos dinossauros, os profissionais que têm maior proximidade com a área de conhecimento é o geólogo e o paleontólogo, mas tem também uma nova profissão aí que é o paleoartista. O que é o paleoartista, é a pessoa que traz a vida essas formas, na forma de desenhos, ilustrações, vídeos de como eram essas formas, então ele tem que interagir com cientistas, com o geólogo e paleontólogo, tal como um médico que através de uma carcaça ou de uma mandíbula reconstitui uma pessoa, medicina forense, então esse paleoartista tem a função de pegar ossos brutos e fragmentos de ossos e dar a vida reconstruir esse animal para que as pessoas tenham o entendimento, pois não basta apresentar ossos, o turista, o aluno, ele acha importante ter o osso que é o fundamento e comprovação científica, mas ele quer hoje, principalmente o... a criançada hoje já não basta a exposição como ela está aqui hoje, a exposição é a moda antiga, eles são réplicas estáticas, hoje já está se pensando em montar, inclusive participamos de um documentário criado pelo Museu Catavento, é... de fazer apresentações, uma sala de museu virtual em que você faz um processo de imersão, você bota um óculos rígido em 3D e 360 graus e você se insere no ambiente, e é muito legal!

Esses museus virtuais estão ganhando muita força.

Isso, e se você puder entrar, chama... foi inaugurado... foi chamado para a inauguração... foi inaugurado a uns 2 meses atrás, é entra no Museu Catavento em São Paulo, pra mim é um dos melhores museus do... Lá eles estão com uma exposição 3D, é 3D não, é interativa 360 graus, você senta em uma cadeira e você fica girando, você olha pra cá e passa um dinossauro e o motivo que eles abriram essa mostra que foi feita por uma empresa que se chama Monkey e não sei o que, que é uma *startup*, uma empresa Júnior criada dentro da USP que o motivo da exposição é o tema dinossauros, paleontologia no Brasil. Então o nosso paleoartista Rodolfo Nogueira que para mim é um dos melhores do país, ele retratou formas de vida de Uberaba do Araripe de vários sítios de relevância nacional, criou cenários e eles deram animação nisso, para que as crianças e as pessoas que visitam a sala 3D lá do Museu Catavento poder reviver um pouco dessa pré-história brasileira.

No geral quem pensa a exposição é toda uma equipe.

É, se hoje você pegar uma exposição inteira que envolve tecnologia com 3D, com realidade virtual 360, você precisa desde, quer dizer, primeiro você precisa descobrir o fóssil, você tem que estudar, você tem que fazer a reconstituição do animal, você tem que transformar isso em paleoarte, então envolve pelo menos uma meia dúzia de profissionais.

Algumas podem parecer repetidas, mas...

Não, eu acho que você tem que tratar, é uma pesquisa, você tem que fazer ela...

Você tem que aferir o que que cada museu faz, o que que cada museu tem. Eu acho o seguinte, eu estou feliz, muito feliz com a parte científica daqui, nós nunca produzimos tanto material. O que a gente coletou de fóssil ano passado, a gente não consegue preparar nos próximos 5 anos. Os achados dos dinossauros carnívoros no ano passado, coisas que em 70 anos de paleontologia, o que nós achamos em um mês é mais que 100 vezes o que a gente tinha achado em 70 anos de dinossauro carnívoro, então a gente está com um, nem sabe o que tem em mãos! Porque tem blocos de 3 toneladas, de rocha cheia de ossos, tem blocos dentro da mineração ainda para trazer, eu tenho um galpão ali que tem mais de 6 toneladas de bloco ósseo e fósseis de dinossauros carnívoros da grande maioria que são raridades talvez se transforme no maior achado de dinossauros carnívoros do Brasil de todos os tempos.

Tem muito potencial!

Então a gente, a gente tem material para produzir, quer dizer a gente vai tentar emplacar, é agora nós estamos pensando em publicar já é na Nature direto com o material que a gente tem e com a relevância que ele tem. Que a gente vai tentar, principalmente ou a Nature, tem várias Nature, pelo menos a Nature Communication, que a gente acha que consegue, porque a Nature comum, as matérias são muito curtas, são muito resumidas, quando você quer uma coisa maior a Communication te dá um espaço maior de 20 a 30 páginas para você publicar coisas muito mais complexas.

Existe uma diversidade de conteúdo.

Isso, então na parte de pesquisa e quando a gente fizer isso, se a gente fizer a coletiva de imprensa, e falar que Uberaba tem a maior descoberta de dinossauros carnívoros de todos os tempos, estamos aqui apresentando uma espécie nova e tal, isso não vai ser feito aqui em Uberaba, isso vai ser feito no Rio de Janeiro.

Essa parte de divulgação científica é muito importante.

É, se você quiser ter a sua notícia no mundo, a única cidade no Brasil se chama Rio de Janeiro, não tem São Paulo, não tem Belo Horizonte, porque todas as agências internacionais

estão sediadas no Rio a Royalties, FrancePress, USPress.

Rio de Janeiro é uma vitrine.

Isso isso, porque todo mundo que vem de fora quer morar no Rio de Janeiro, não quer morar em São Paulo. Quer morar na praia, a beleza da cidade e tal. E a gente já teve dois lançamentos no Rio, Uberabasuchus e Uberaba Titan, que foi notícia no mundo, assim como diz o outro, bombou! Mais de 180 países, entendeu? Então a expressão de mídia que a gente consegue no Rio de Janeiro, a gente coloca Uberaba e a UFTM no cenário mundial da pesquisa científica e da divulgação e mesmo que você tenha um dinossauro fantástico, se você fizer a apresentação aqui em Uberaba, você não vai conseguir nem um décimo do que você vai conseguir no Rio, e como nossos trabalhos estão sempre articulados com a UFRJ, o meu orientador é o diretor do instituto de geociências da URFJ, e a gente tem a liga a mais de 20 anos e ele é um dos caras que melhor, eu acho que ele e o outro do museu nacional, eu acho que são os dois caras que melhores fazem divulgação científica e inclusive não é à toa que ele ganhou agora o prêmio, é medalha Monteiro Lobato agora no congresso de geologia de maior divulgador da geociências do ano de 2016, então o que eu sei de divulgação científica e de mídia eu aprendi com ele, então, eu vejo que o pessoal de Uberaba é muito primitivo, eles não conseguem, por exemplo a prova foi isso, nós fizemos o lançamento de um projeto do Geoparque, teve uma coletiva de imprensa, teve uma assinatura lá, no meio das autoridades e você abre na internet, você não tem uma notícia nacional. Quer dizer, e tinha 3 assessorias de imprensa, tinha a assessoria de imprensa da UFTM, assessoria de imprensa da ABCZ e assessoria de imprensa da prefeitura e eles não conseguiram com contatos pessoais, colocar a notícia fora de Uberaba. Eu acho que isso é, faltou habilidade das 3.

Com certeza, porque o veículo estava ali.

Estava! Agora precisa de contatos, eu pego um telefone, eu sei quem ligar na folha, eu sei que o cara faz a matéria, no globo, eu tenho esses acessos, isso para Uberaba, agora quando você vai para o Rio é outra coisa. Você faz um release de quatro linhas e joga na imprensa, fala ó, casa da ciência ou UFRJ, fundão lá, vai ser lançado o maior achado de dinossauro carnívoro do Brasil de todos os tempos o auditório fica cheio de imprensa. É uma coisa totalmente... E eles valorizam esse tema, muito, muito! Nos dois casos tanto no Uberaba Titan quando no Uberaba..., foram a notícia de ciência do país, do dia e circulou, a notícia circulou no mundo todo. Em vários, vários idiomas, coisas que eu nem sei que idioma era aquele que eu li a notícia e no meio aparecia o nome Uberabasuchus, Uberabatitan e o resto você não sabia o que que estava escrito. Não era chinês, não era, era uma linguagem...

Mas estava divulgando né?!

Estava, o mundo viu a notícia e isso é importante porque, a gente tem que consolidar Uberaba, ainda mais com a questão do Geoparque, nós temos que ter essa interatividade porque a UNESCO vai falar qual a expressão de mídia que você tem, até onde vai o que o Zebu produz, o que o Chico Xavier gera, o que o dinossauro produz, até que fronteira isso chega? Isso chega a atravessar a ponte do rio grande e chega em São Paulo, isso chega em todos os estados brasileiros, chega na Europa, chega na América do Norte, isso chega na Ásia, então tudo isso é o poder de impacto da notícia.

Tem alguma coisa que você acha necessário que a comunidade...

Entre a comunidade de Uberaba e de Peirópolis, eu vejo a comunidade de Peirópolis muito mais atuante que a comunidade de Uberaba

Sim...

Ela está aqui, a questão do dinossauro

Mas você acha que tem alguma coisa que é necessário que a comunidade de Uberaba saiba em relação à instituição, as visitas o propósito...

Olha não é, o problema é que o brasileiro não lê e não presta atenção, eles dão muito foco a violência, a lava jato, a tráfico, a mortandade, a futebol. Ciência, cultura, educação não é relevante para o Uberabense. Então se eu te falar que dentro da cidade de Uberaba provavelmente nem 30% das pessoas de Uberaba conhecem Peirópolis, é uma realidade.

Falta de vontade, porque a informação está lá...

Mas, ô Fred, eu acho o seguinte, o Geoparque vai mudar essas percepções, porque não é só ABCZ, UFTM e prefeitura, têm vários parceiros que vão estar juntos, então vai movimentar toda a estrutura da cidade, empresarial...

É interessante porque interliga né...

E a gente não quer só as grandes instituições, a doceira de Peirópolis tem que sair ganhando, o artesanato lá, porque pela visão da UNESCO o projeto é um projeto de gestão territorial sustentável e que possibilite a melhoria de vida das pessoas, então ele vai ver aonde isso vai impactar na renda familiar, de uma microempresa...

Economicamente a cidade só tem a ganhar...

Isso, o projeto, o modelo é um modelo muito feliz, porque tudo é possível incluir dentro dele, ele tem que mostrar a cara de Uberaba, desde a comida, do torresminho, da galinhada, do artesanato, da cerâmica...

Em relação com a divulgação do conhecimento exposto, o museu tem como objetivo...

Nosso interesse é a ciência tem que servir a sociedade, ou seja nós não queremos só papers publicados não, só capítulo de livro, queremos que a população sinta parte do processo e se sinta sentimento de pertencimento, que aquilo pertence a eles, e que eles vão ter como melhorar a qualidade de vida e vender mais produtos e viver melhor com aquilo.

Isso pode ser percebido ao longo da exposição, são todas informativas...

Isso! Agora é claro com a aplicação do Geoparque isso vai ser muito potencializado porque aí a pessoa vai sentir que “Pô eu vendia artesanato, um paninho de prato... eu vou vender 20 a partir de agora”, porque o número de pessoas circulando e pessoas com poder aquisitivo será muito maior.

Na sua opinião onde a população leiga pode se educar?

Eu acho que o museu é o melhor espaço para que a população leiga começa a entender sobre ciência e valorizá-la, que não conhece não valoriza, quem nunca visitou um museu de paleontologia nunca vai dar valor a um fóssil, do momento que ele visitar o primeiro contato. Os museus são espaços para a população leiga. A exposição não é feita para paleontólogo, paleontólogo que vem aqui fica vendo fóssil, dentro da coleção científica, vai no laboratório, vai na escavação, então o espaço cultural museu é o espaço de inclusão do leigo para a ciência e para a valorização dos aspectos científicos educacionais culturais é toda a questão que o museu aborda.

A instituição estaria organizada para mediar esse processo de educação patrimonial?

Agora a gente precisa ocupar esse CAPE aí, que a gente nesse momento não está com mediadores e a gente vai ter que resolver isso, porque não tem visita sem mediador, do jeito que a exposição está montada se ela não estiver um mediador a pessoa entra aqui bate lá no fundo em 10 minutos, mas se tiver uma pessoa para explicar, contar histórias e “passar o verniz na coisa” ela fica durante... nesse espaço que a gente pensa, a pessoa interessada ela tem uma permanência de duas horas se ela for interessada e se o guia for bom, tem que ser uma pessoa que motiva, preguiçoso e que está com má vontade passa rápido só para ficar livre.

Tem alguma diferença na mediação (quando tinha mediadores), quando os públicos são distintos?

Claro, têm linguagens diferentes. Isso aqui, outra coisa tem que ter um pedagogo, toda exposição tem que ter um pedagogo, por exemplo para criança você não vai usar termo igual para uma criança de 12 e 18, universitário ou turista, o mediador tem que sentir no turista ou no visitante qual a linguagem ele tá pronta para receber interagir e motivar, se não fica uma conversa enfadonha que com 5 minutos o cara vai embora e deixa você falando

sozinho, nós já tivemos pedagogo aqui antes de ser da UFTM, ele calibrava a fala, preparava as atividades, eu acho que para ter um bom aproveitamento do museu a nível de escola, não pode ser só a vinda aqui, o certo é o seguinte a escola quer vir? Então ela deveria agendar, a gente deveria passar o material para ela, para ela preparar em duas ou três aulas que os alunos viriam, vir fazer a prática e depois fazer uma avaliação e discussão para consolidar o conhecimento, aí não é só turismo, é educação patrimonial.

Como se deu as escolhas dos aparatos, os elementos que compõem a exposição?

As peças. a gente escolheu as peças que tem beleza e representatividade museal, não adianta por uma peça feia, o fóssil que chama mais atenção da exposição é o crocodilo inteiro, você tem 60% do esqueleto, aí a pessoa enxerga um crocodilo, um osso é um osso isolado. Outra coisa os dioramas e as reconstruções das réplicas em vida, você mostra um esqueleto, um original, um esqueleto replicado e um animal em vida, igual tem ali no (Campina Souto), mapa de ponta a ponta, esse é o fóssil que comprova, esse é a reconstrução do esqueleto dele, e isso é ele em vida. Essa junção passa a informação desde a ciência, e contar toda a trajetória desde a descoberta do fóssil, á na escavação até a replicagem dele, a reconstrução e a coletiva de imprensa que vai dar publicidade e chamar as pessoas para ver o novo achado, já prontinho com legenda, explicação, etc.

Você acredita que todos os aparatos aqui selecionados condizem com os objetivos da instituição: divulgação do conhecimento, apoio aos alunos, auxílio na formação de professores, etc.

Sim! Toda a história do museu está contada na minha tese.